LU XUN

CONTOS ANTIGOS CONTADOS DE UMA MANEIRA NOVA

EDIÇÕES EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, BEIJING

Lu Xun, pseudónimo literário de Zhou Shuren, proeminente escritor, pensador e revolucionário da China moderna. Nasceu em Shaoxing, província de Zhejiang, a 25 de Setembro de 1881, e morreu em Shanghai em 19 de Outubro de 1936.

A maioria das suas obras foram inicialmente publicadas em jornais e depois reunidas em diversos volumes, que se intitulam *Às Armas, Ervas Selvagens, Flores da Madrugada, Arrancadas ao Anoitecer, Ar Quente, Pouca Sorte, Falsa Liberdade*, etc.

O seu trabalho mais representativo é a novela satírica *A Verdadeira História de Ah Q.* Já foi traduzida para inglês, francês, russo, japonês, alemão, português e esperanto.

Lu Xun dedicou toda a sua vida à causa da cultura chinesa.

CONTOS ANTIGOS CONTADOS DE UMA MANEIRA NOVA

Lu Xun

Desenho a Lápis de Tao Yuanqing

CONTOS ANTIGOS CONTADOS DE UMA MANEIRA NOVA

Lu Xun

EDIÇÕES EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS BEIJING

Primeira edição 1986

Publicado por Edições em Línguas Estrangeiras
Rua Baiwanzhuang N.º 24, Beijing, China

Impresso por Topografia das Línguas Estrangeiras
Rua Chegongzhuangxilu N.º 19, Beijing, China

Distribuído por Corporação Chinesa para o Comércio Internacional de Livros
(Guoji Shudian)
Caixa Postal 399, Beijing, China

Impresso na República Popular da China

ÍNDICE

PREFÁCIO

A REPARAÇÃO DA ABÓBADA CELESTE 1
A FUGA PARA A LUA 14
O DILÚVIO DOMINADO 30
A APANHA DAS OSMONDAS 55
O FORJADOR DE ESPADAS 83
A TRAVESSIA DA PASSAGEM 108
NÃO À AGRESSÃO 123
O RESSUSCITADO 140

Prefácio

Passou na realidade muito tempo desde que comecei a fazer esta pequena recolha e o seu acabamento: treze anos no total.

O primeiro conto "A Reparação da Abóbada Celeste", intitulado primitivamente "A Montanha Fendida" foi acabado no inverno de 1922. A minha intenção nessa altura era escrever novelas extraídas de assuntos tanto da antiguidade como modernos; "A Montanha Fendida", que se inspira na lenda "Nü Wa purifica as pedras para reparar a abóbada celeste", foi justamente uma primeira tentativa. Levei o assunto muito a sério e não tive outro recurso senão servir-me das teorias de Freud.* Já não recordo porque motivo fui levado a prestar atenção à pesquisa de jornais; e infelizmente encontrei uma crítica cujo autor me olvidou, relativa à *Brisa dos Campos de Orquídeas* de Wang Jingzhi. O autor suplicava, com lágrimas nos olhos, que os jovens não voltassem a produzir tal tipo de literatura. Esta lastimável crítica pareceu-me principalmente cómica; contudo, logo que voltava à

* Lu Xun só prestou momentâneamente atenção à teoria da psicanálise de Freud. Assim, não sofrendo uma influência profunda, tomou em relação a esta uma atitude crítica. Num dos seus artigos intitulado "A Propósito da Causa dos Sonhos", escrito em 1933, ele criticou esta teoria para explicar a génese da criação — criação do homem e da literatura.

minha história, um homenzinho vestido à moda antiga aparecia-me sem cessar entre as pernas de Nü Wa. Foi assim que comecei a passar do sério para o prazenteiro. Ora o prazer é o inimigo fidalgal da criação; senti-me descontente comigo próprio.

Decidi-me assim não escrever mais novelas daquele tipo e coloquei o meu conto como apêndice ao *Grito de Socorro,* enquanto preparava a edição. Seria por sur vez o primeiro e o último do género.

Naquele momento o nosso crítico Cheng Fangwu* brandia o seu machado sob o estandarte de "A Aventura da Alma" à porta da Sociedade da Criação e aniquilava o *Grito de Socorro* em alguns golpes sob o epitáfio de "vulgaridade"; por outro lado acrescentava que "A Montanha

* Cheng Fangwu, originário de Xinhua, província de Hunan, foi um dos pilares da Sociedade do Movimento da Nova Literatura em ligação com o Movimento do 4 de Maio. Crítico literário conhecido na época, preconisava o romantismo, dizendo que a literatura devia de ser a expressão do próprio autor. Após o Movimento de 30 de Maio de 1925, começou a apoiar a revolução e a sua doutrina literária, mudou igualmente. Desencadeou o movimento literário revolucionário com Guo Moruo entre 1927 e 1928, mas abandona a actividade literária para se dedicar unicamente ao trabalho de educação revolucionária. Pouco depois da aparição de *Grito de Socorro,* publicou um artigo intitulato: *Crítico sobre Grito de Socorro,* na Revista Trimestral da Criação, tomo II, n.º2 (Janeiro de 1924). Partindo da teoria que a literatura é "a expressão do próprio autor", fez um juízo erróneo sobre *O Diário de um Louco, Kong Yiji, O Remédio, Amanhã, A História Verdadeira de Ah Q,* contidos nessa antologia, classificando-os de obras naturalistas, superficiais e vulgares. Contudo fez uma excepção em relação a "A Montanha Fendida" que "embora deixa-se ainda muito a desejar", é uma "obra-prima" indicando que o autor "tem a intenção de entrar no palácio da literatura pura". "A aventura da alma", alusão a uma frase de Anatole France: "A crítica literária é uma aventura da alma entre as obras primas", é uma expressão citada no artigo de Cheng Fangwu.

chi" quando estes foram publicados, parti para Guangzhou e interrompi o meu trabalho. Em seguida, tracei alguns esboços quando por acaso encontrava assunto, mas sem os ordenar.

Por fim, acabei por compôr este volume onde muitas narrações ficaram sobre a forma de esboços e não poderão ser consideradas novelas segundo a definação do "Tratado Geral de Literatura". Se escrevo as minhas narrações baseando-me em livros antigos, nunca deixo de dar a minha expressão pessoal. Como demonstro menos respeito pelos meus antepassados que pelos meus contemporâneos, caí ainda no prazer. Treze anos passaram-se e não fiz nenhum progresso. Todos os meus contos não ultrapassam a fraqueza de "A Montanha Fendida". Pelo menos não matei mais os mortos do que já estão, o que poderá justificar a existência temporária deste livro.

Lu Xun, 26 de Dezembro de 1935

A Reparação da Abóbada Celeste

I

Nü Wa* acordou sobressaltada.

Acordando sobressaltada interrogou-se, que sonho tinha tido? Não se recordava exactamente. Ela tinha um sentimento de falta simultaneamente com um de excesso. A brisa vivificante espalhava com ardor a energia de Nü Wa no universo.

Ela esfregou os olhos.

Por detrás das flâmulas de nuvens em desordem de um verde rochoso cintilavam as estrelas num céu cor de rosa. O sol dardejava no horizonte. Os seus raios atravessavam nuvens cor de sangue, como uma bola de ouro flutuando sobre a imensidade das antigas lavas em fusão. Do lado oposto estava uma lua branca e fria como o ferro. Mas qual daqueles astros subia ou descia, não agradava a Nü Wa.

A terra estava revestida dum verde tenro, mesmo as coníferas que normalmente não mudam de folhas. As florações de um rosa pálido ou dum branco azulado, que se distingam ao pé, misturavam-se ao longe em manchas coloridas e vaporosas.

---

* Imperatriz lendária da China antiga, ela teria feito os primeiros homens com "loess", donde provém a génese da humanidade na China.

"Raio! Nunca me senti tão desocupada!". Por isso Nü Wa levantou-se e estirou-se, levantando para o céu os seus belos braços roliços, desbordantes de força. Logo o céu mudou de cor tornando-se num rosa carne misterioso. Passado pouco tempo já não se via Nü Wa.

Nü Wa avançou para o mar entre o céu e a terra, ambos deste rosa carne; as curvas do seu corpo diluíram-se num oceano de luz cor de rosa pálido que se condensada num branco imaculado à volta da sua cintura. As vagas surpreendidas que ondulavam numa ordem perfeita salpicaram Nü Wa com a sua espuma. O seu reflexo branco, balançando no mar, dava a impressão que o seu corpo se partiria em todas as direcções. Mas ela nem se apercebia; dobrou inconscientemente um joelho para apanhar um punhado de barro e manuseou-o um momento dando forma a um pequeno ser que se lhe assemelhava.

— Oh! Oh!

Fez ela, muito surpreendida. E, sem se dar conta que ele tinha sido feito por ela própria, creu que tinha crescido da terra como as batatas doces.

Esta surpresa deu-lhe uma alegria tão grande que continuou a sua obra, cheia de um entusiasmo e alegria como nunca tinha conhecido, misturando-os com a respiração e o seu suor. . .

— Nga! nga!

Puseram-se os pequenos seres a gritar.

— Oh! Oh!

Assustada, sentiu que alguma coisa escapava por todos os poros. A terra cobriu-se de nuvens leitosas. Nü Wa voltou a cair em si e os pequenos seres também se acalmaram.

— Akon, agon! — balbuciaram alguns.

— Oh! Oh! Meus tesouros, minhas gracinhas!

Ela olhou-os fixamente, depois com o seu dedo cheio de lama acariciou-lhes os rostos pálidos e bochechudos.

— Uvu! Ahaha!

Olham-se a rir. Era a primeira vez que ela tinha ouvido rir entre o céu e a terra, e então, por sua vez, também se riu pela primeira vez, prolongadamente.

Continuou modelando-os e acariciando-os; e os pequenos seres giravam à sua volta, depois afastaram-se cada vez para mais longe. Como falassem com volubilidade ela deixou aos poucos de os compreender. O ruído encheu-lhe as orelhas e ensurdeceu-a.

A lassidão infiltrou-se pouco a pouco na sua alegria prolongada. Tendo quase esgotado o fôlego e o suor, com vertigens, olhos obscurecidos, as faces a arder, achou suficiente aquela brincadeira e começou a impacientar-se. Contudo, não parava de modelar maquinalmente.

Finalmente, uma forte dor nos rins e nas pernas obrigou-a a reerguer-se. Apoiada numa montanha lisa, bastante alta, viu lá no cimo o céu, onde se comprimiam nuvens brancas semelhantes às escamas de peixe e lá em baixo a verdura sombria e espessa. Ela não sabia porque a satisfação tinha desaparecido. Tomada de angústia, esticou a mão ao acaso e arrancou um pé de glicínia com cachos gigantescos de flores malva, que se estendia da montanha até ao horizonte. Ela arrancou-a, pô-la no chão que ficou juncado de pétalas semi-violetas, semi-brancas.

Depois, com um movimento, Nü Wa voltou a colocar a glicínia no barro, o que fez com que fragmentos se espalhassem no ar; estes, ao tocarem na terra, transformavam-se em multidões de pequenas criaturas iguais àquelas

que ela tinha moldado. Só que a maior parte deles tinha um ar estúpido e idiota, com uma cabeça de cervo, olhos de rato, uma cara detestável. Mas, Nü Wa não tinha tempo para se preocupar com isso. Interessada, enervada e como por brincadeira, agitava o caule lamacento cada vez mais depressa, ainda que a glicínia se retrocesse como uma serpente coral escaldada. Os pedaços lamacentos brotavam e caíam à volta do tronco da glicínia; e estas pequenas criaturas que tinham visto o dia do nada começaram a alastrar-se por toda a terra.

Perdendo quase o controle sobre si própria, ela rodopiou a glicínia ainda com mais força, até que as dores dos rins e das pernas chegaram às mãos. Inconscientemente agachou-se, apoiou cabeça contra a alta montanha, espalhando os cabelos no seu cume; então retomou alento, suspirou e fechou os olhos. A glicínia escapou-se-lhe das mãos; sem forças, estendeu-se, ela também, sobre a terra, cansada.

II

Bum!

Nü Wa foi despertada de repente pelo barulho do céu que se fendia e da terra que se abatia; e ao mesmo tempo ela sentia-se deslizar para o sudeste. Tentou deter a marcha firmando os pés, mas, em vão; estendeu depressa o braço para se agarrar ao cimo e, por fim, conseguiu evitar a queda.

Ouvia rolar atrás das costas águas que transportavam areia e pedras que lhe passavam por cima da cabeça. Como se tivesse voltado, a água entrou-lhe na boca e nas

orelhas; baixou a cabeça e viu que a terra agitava-se sem cessar. Felizmente parecia que a calma estava a voltar; recuou para se colocar numa posição mais estável, largou o cume para tirar a água que lhe molhava a fronte e os olhos, e observou o que se passava.

A cena era extremamente confusa; por toda a parte a água corria em cascatas. No que era possivelmente o mar, elevavam-se vagas abruptas. Nü Wa viu-se obrigada a esperar numa espécie de embrutecimento.

Por fim, a calma restabeleceu-se; as vagas maiores não ultrapassavam o tamanho das antigas montanhas. Ao longe onde se deviam encontrar continentes, apareciam ossaturas rochosas agudas. Ao contemplar o mar, Nü Wa apercebeu que algumas montanhas se deslocavam para dentro dele desaparecendo no burbulhar das vagas. Com medo que as primeiras lhe magoassem os pés, estendeu as mãos para as deter e viu então que numerosos seres desconhecidos semelhantes a ela, escondiam-se nos vales.

Nü Wa aproximou as montanhas para melhor os examinar, e constatou que perto destes seres a terra estava coberta de detritos semelhantes a uma mistura de pó de ouro e jade como agulhas de coníferas, de carne de peixe e de carne triturada. Por sua vez todos aqueles seres levantaram as suas cabeças uns atrás dos outros. Nü Wa olhou-os espantada e teve pena quando se deu conta que aqueles eram os pequenos seres que ela havia moldado. Unicamente eles tinham-se coberto de uma maneira bizarra e alguns possuíam a parte inferior do rosto guarnecida de longas peles brancas como a neve, cobertas pela água do mar em forma de folhas de álamo.

— Ah! Ah! — gritou ela com horror e espanto; tinha a pele arrepiada como se tivesse tocado uma lagarta.

— Deusa suprema, salva-nos! — disse um de barba branca, o rosto elevado para ela e continuou com palavras entrecortadas. — Socorro! . . . Os vossos súbtidos buscam a imortalidade. Uma infelicidade imprevisível abateu-se sobre nós, o céu e a terra desmoronaram-se . . . Felizmente. . . encontrámo-la, Deusa soberana. . . Salvai as nossas vidas de formigas. . . e concedei-nos o remédio que confere a imortalidade. . .

Depois começou a fazer movimentos estranhos, batendo com a cabeça contra a terra diversas vezes.

— O quê? — perguntou ela, desconcertada.

Muitos deles começaram também a falar, implorando e gritando: — Deusa suprema! Deusa suprema!

E começaram a fazer o mesmo movimento bizarro. Irritada, lamentou a acção que lhe tinha trazido aqueles aborrecimentos incompreensíveis. Perturbada, olhou em volta e descobriu um grupo de tartarugas gigantes* que brincavam no oceano. Tomada de uma alegria inesperada, colocou as montanhas no dorso das tartarugas e disse:

— Levem-nos para um lugar tranquilo!

As tartarugas, aprovando com um movimento de cabeça, afastaram-se em grupo. Nü Wa teve um gesto demasiado brusco, um barbudo de pele branca caiu da montanha e, não sabendo nadar, não pode acompanhar os outros. Prostrou-se na margem e comçou a esbofetear-se. Nü Wa achava-o merecedor de piedade, mas não lhe prestou atenção: Não tinha tempo para se ocupar disso.

Depois de ter solto um surpiro de alívio, ela distendeu-se; olhou à volta: grande parte da água tinha recuado

* Estas tartarugas gigantes do oceano eram consideradas divinas na mitologia.

deixando ver aqui e ali, vastas extensões de terra e de rochedos com uma multidão de seres incrustados nas suas gretas; alguns estavam hirtos, mas outros ainda se mexiam. Nü Wa viu que um destes a fixava; tinha o corpo coberto de peças de metal e deixava transparecer desespero e medo.

— O que se passou? — perguntou ela com um tom desprendido.

— Ai de mim! A infelicidade caiu-nos do céu — disse com tristeza e com um ar que fazia dó. — Zhuan Xu, ao desrespeitar a lei do céu, virou-se contra o nosso rei; conforme a lei do céu o nosso rei quis reprimir a sua rebelião; o combate teve lugar no campo. Não estando o céu a seu favor, o nosso exército teve de se retirar. . .*

— Como? — disse ela muito assombrada; nunca tinha ouvido falar de coisas semelhantes.

— O nosso exército teve de se retirar, o nosso rei bateu com a cabeça contra a montanha Buzhou, os pilares do céu quebraram-se, as amarras da terra romperam-se e o nosso rei morreu. Ai de mim! É a pura da verdade mas. . .

— Basta! Basta! Não te compreendo.

Nü Wa voltou a cabeça e viu um outro rosto triunfante

* Trata-se de uma luta lendária pelo trono entre Zhuan Xu, descendente do imperador Amarelo e o gigante Gong Gong, conhecido também por Kang Hui, um príncipe feudal. Tendo sido derrotado, este último, furioso, bateu com a cabeça contra a montanha Buzhou: "Os pilares que sustentavam o céu quebraram-se e as cordas que suspendem a terra romperam-se. O céu inclinou-se num ângulo para o noroeste: o sol, a lua e as estrelas deslocaram-se nesta direcção. A terra afundou-se na parte sudeste: a água e as terras dirigiram-se naquela direcção." (Citação tirada de "Huai Nan Zi", no capítulo "Da Astronomia".)

e feérico cujo corpo se encontrava igualmente couraçado.

— O que se passou?

Nü Wa compreendeu, finalmente, que aquelas coisas pequenas podiam ter rostos com expressões totalmente diferentes; ela esperava obter outras respostas compreensíveis.

— O coração dos homens já não segue as tradições, Kang Hui tem um coração de porco, aspirou ao trono atribuído por mandato celeste; conforme as leis do céu o nosso rei quis reprimir a rebelião; o combate deu-se no campo. Com a razão a seu favor, o nosso exército mostrou-se invencível e matou Kang Hui na montanha Buzhou.

— Como? — retorquiu ela sem perceber nada.

— O coração dos homens já não segue as tradições. . .

— Basta! Basta! Outra vez as mesmas futilidades!

Nü Wa, enrubescida pela cólera, voltou num repente a cabeça para olhar noutra direcção e acabou por encontrar um ser sem armadura, com o corpo nu e coberto de feridas que ainda sangravam. Este arrancou um bocado de tela de um dos seus companheiros de corpo hirto e pô-lo rapidamente em volta dos rins; apesar disso, mantinha-se calmo.

Pensando que ele era de outra espécie do que aqueles que estavam couraçados e que poderia obter alguns esclarecimentos, perguntou:

— Que se passou?

— Que se passou? — disse ele levantando ligeiramente a cabeça.

— O que é que se acabou de passar?. . .

— O que se acaba de passar?

— É a guerra? — Ela limitava-se a suposições.

— A guerra? — interrogou o outro por sua vez.

Nü Wa inspirou uma lufada de ar frio e levantou a cabeça para olhar o céu. Uma racha muito larga e profunda tinha-se produzido. Pondo-se de pé, ela ficou desgostosa e soltou um som indistinto como uma tigela ao rachar-se. Franziu as sobrancelhas, lançou um olhar nas quatro direcções, reflectiu um instante, espremeu os cabelos para retirar a água, dividiu-os em duas partes que espalhou sobre os ombros e começou aqui e ali a arrancar canas. Tinha tomado uma decisão: "reparar em primeiro lugar a abóbada celeste."

Imediatamente Nü Wa começou a amontoar as canas noite e dia. Ela emagrecia à medida que o montão crescia, porque a situação não era a mesma — quando se levantava a cabeça, o céu estava inclinado e fendido; em baixo, a terra suja e destruída, nada era atraente nem para a vista nem para o coração.

Logo que as canas amontoadas atingiram a racha, Nü Wa foi buscar pedras azuis. Ao princípio, ela tinha querido usar pedras azul marinho, mas, como não houvessem muitas na terra e como não queria por esse motivo sacrificar grandes montanhas, foi-as procurar, por vezes, a lugares mais povoados. Aí, acolhiam-na com chacotas e injúrias; tinham-lhe arrancado os seus achados e até mordido a mão. Nü Wa viu-se obrigada a utilizar pedras brancas e juntou-lhe vermelhas amareladas ou cinzentas escuras. No fim de contas, conseguiu tapar buraco e só lhe faltava acender o lume para fundir tudo. Mas, prostrada, com a vista perturbada e as orelhas a zumbir, Nü Wa estava esgotada.

— Ai de mim! Nunca senti um tal desalento — disse ela arquejante, sentada no alto de uma montanha, com a cabeça entre as mãos.

O grande fogo na antiga floresta dos montes Kunlun não estando ainda extinto, fazia com que o horizonte a oeste estivesse vermelho. Depois de ter dado uma vista de olhos naquela direcção, Nü Wa decidiu ir aí buscar uma grande árvore inflamada para lançar fogo ao monte de canas. Ia estender a mão, quando sentiu uma coisa picando-lhe um dedo do pé.

Baixou os olhos; tratava-se dum daqueles seres que tinha moldado, mas aquele tinha mudado muito de aspecto. Tinha o corpo coberto por panos de tela, além de uma dezena de correias de estojo penduradas à ilharga e a cabeça estava coberta por uma coisa desconhecida que terminava numa pequena placa negra oblonga; nas mãos, a pequena placa com que tinha picado o pé de Nü Wa.

O pequeno ser com a placa oblonga sobre o crânio encontrava-se exactamente entre as pernas de Nü Wa e olhava-a com a cabeça inclinada. Quando os olhos da deusa tombaram sobre ele, apressou-se a dar-lhe a placa. Nü Wa pegou-a; era uma placa em bambu liso com duas linhas de minúsculos pontos negros, bem mais finos dos que vêm nas folhas do carvalho. Este hábil trabalho causou-lhe uma certa admiração.

— O que é isto? — não pode evitar de lhe perguntar muito intrigada.

A criatura da placa oblonga falava com volubilidade mostrando a placa:

— Com a vossa nudez impúdica, ultrajais a virtude, violais os ritos e destruis as regras, a vossa conduta é como a de um animal. O Estado tem a sua lei! Isso é proibido!

Nü Wa lançou um olhar duro à placa e riu-se interiormente por ter perguntado aquilo. Ela deveria saber que se chegaria sempre a um impasse tentando comunicar com seres deste género; inclinou-se e pôs a placa de bambu sobre a outra que decorava a cabeca, depois estendeu de novo a mão para tirar da floresta uma árvore inflamada para deitar fogo ao monte de canas.

De repente Nü Wa ouviu choros, um barulho tolo que ela não conhecia. Deitou uma olhadela para baixo e viu que sob a placa oblonga, os dois pequenos olhos tinham duas lágrimas mais pequenas que grãos de mostarda. Como estes soluços eram completamente diferentes dos "nga nga" e dos grandes soluços que ouvira ainda não há muito tempo. Nü Wa não compreendeu que era também uma forma de chorar.

Acendeu o fogo em vários lugares.

Como as canas não estavam completamente secas, o fogo ardia sem calor e craquejando constantemente. Depois, bastante depois, numerosas línguas de fogo vieram lamber alternadamente o céu. O chamejamento tomou a forma duma corola-dupla que se transformou numa coluna de fogo que ultrapassava em magnificência a luz vermelha dos montes Kunlun. Um grande vento levantou-se de repente, a coluna de fogo rugiu em turbilhão, as pedras azuis e de diversas cores fundiram-se num vermelho uniforme e correu para a fenda como açucar derretido; dir-se-ia um relâmpago que se tinha congelado.

A violência do vento e do fogo fazia ondear os cabelos desgrenhados de Nü Wa; o suor corria-lhe em cascatas; o grande estrépido do fogo reflectido no seu corpo fez aparecer pela última vez o rosa carne no universo.

A coluna de fogo subia pouco a pouco não deixando mais que um monte de cinzas de canas. Nü Wa estendeu

a mão para apalpar a abóbada logo que esta ficou de um azul uniforme; os seus dedos descobriram asperezas.

"Eu tratarei disso quando tiver recuperado as forças", pensou ela.

Curvou-se para apanhar as cinzas das canas com as conchas das mãos e lançou-as sobre a terra inundada. A cinza ainda a ferver pôs a água em ebulição, enlameando o corpo de Nü Wa. O vento continuava e, carregado de cinza, caía sobre a deusa tornando-a acinzentada.

Com um suspiro fraco, exalou o último suspiro.

O sol no horizonte, dardejava os seus raios através das nuvens vermelhas sangue, como uma bola de ouro flutuando sobre as rochas em fusão no meio duma solidão antiga. No lado oposto, estava a lua branca e fria como ferro. Qual dos dois subia ou descia, não se podia dizer. É neste momento, no apogeu da prostração, que Nü Wa deitou-se entre eles e que a sua respiração parou.

De alto a baixo e em todas as direcções, reinava um silêncio mais profundo do que o da morte.

III

Um dia, por entre um frio mordente, ouvem-se clamores; as tropas reais desfilam finalmente. Os homens tardaram por terem esperado o momento da desaparição do fogo e do fumo. À esquerda, um machado amarelo, à direita, um machado negro, atrás um estandarte gigantesco e arcaico; avançam hesitantemente em direcção ao cadáver de Nü Wa, mas não descobrem qualquer sinal de vida. Acampam então sobre o ventre de Nü Wa, porque é o lugar mais fértil, mostrando grande sabedoria na es-

colha. Então, mudam de repente de linguagem, declaram que representam o único ramo directo de Nü Wa e apressam-se a modificar a inscrição em caracteres girinos sobre o grande estandarte: "Entranhas de Nü Wa".

O velho taoísta acabado de chegar à margem tinha também deixado para trás de si inumeráveis gerações. Antes da morte, contou confidencialmente a um dos seus discípulos a importante história das montanhas dos Génios transportados através do mar por tartarugas gigantes; o discípulo transmitiu-a ao seu sucessor e assim por diante. Finalmente, um alquimista relatou-a ao imperador Shihuang dos Qin a fim de ganhar as suas graças; o imperador encarregou-o de as ir procurar.*

O taoísta não encontrou as montanhas dos Génios e o imperador Shihuang acabou por morrer. O imperador Wu (140-87 A.C.) da Dinastia Han mandou empreender as mesmas pesquisas com o mesmo resultado.

É provável que as tartarugas gigantes, não tendo compreendido as recomendações de Nü Wa, tenham meneado a cabeça por acaso. Depois de terem levado as montanhas dos Génios até uma certa distância, tenham mergulhado para dormir; as montanhas ter-se-iam então afundado. É a razão porque, até ao momento, ninguém descobriu o mais ligeiro vestígio destas; apenas descobriram algumas ilhotas selvagens.

Novembro, 192

---

* O primeiro imperador dos Qin (246-210 A.C.) enviou por mar o alquimista Xu Fu em busca das ilhas dos génios acompanhado de milhares de pessoas.

A Fuga para a Lua

I

Guiada pelo instinto, o animal inteligente adivinha o desejo do seu dono. Logo que o portal da casa ficou à vista, o cavalo diminuiu o galope; agora ia a passo, abanando a cabeça ao mesmo ritmo que o seu cavaleiro, como se fosse um pilão de arroz.

A grande moradia ocultava-se no crepúsculo. Um espesso fumo negro saía das chaminés das casas vizinhas: era a hora da refeição da noite. Os guardas alertados pelo ruído dos cascos correram e prefilaram-se, braços colados ao corpo, de cada lado da entrada. Chegado perto do local onde se encontrava empilhado o lixo da casa, Yi* desceu da montada, entregou os arreios e o chicote aos guardas e dirigiu-se para a porta de entrada. Um olhar para o seu carcás cheio de flechas novas, para os três corvos e para o pardal, todo retalhado na sua bolsa de caça fizeram-no hesitar, mas enchendo-se de coragem, atravessou a soleira e avançou a passos largos fazendo soar as flechas no carcás.

Acabava de entrar no pátio interior, quando Chang E,** espreitou, deixando-se entrever na janela redonda; Yi imobilizou-se imediatamente sentindo o coração angustiado; os olhos penetrantes da sua mulher deviam ter-se apercebido dos corvos. Logo que entrou na habitação e enquanto as criadas lhe tiravam o carcás e a bolsa de caça, pensou surpreender sorrisos contrafeitos nos seus lábios.

Depois de ter lavado as mãos e o rosto, entrou no quarto de dormir.

— Boa noite, minha senhora.

Chang E olhava o céu sombrio através da janela redonda; virou-se lentamente, lançou-lhe um olhar indiferente sem se dignar responder à sua saudação.

Yi estava habituado a este tipo de acolhimento, pelo menos há um ano a esta parte. Avançou até ao leito de madeira coberto com uma pele de pantera, sentou-se, e coçando a cabeça, explicou com uma voz constrangida:

— O azar continua a perseguir-me, não cacei nada a não ser corvos.

— Ah!. . .

Com um erguer das finas sobrancelhas arqueadas em folha de salgueiro, num movimento brusco ela levantou-se e saiu apressadamente, praguejando:

— Outra vez massa de corvo! Sempre massa de corvo! É esta a única casa onde se come massa de corvo do princípio ao fim do ano! Que destino funesto o de uma família onde as massas de corvo são a única ementa do ano!

Yi levantou-se precipitadamente e seguiu-a dizendo em voz baixa:

— Senhora, também matei um pardal hoje, mandá-lo-emos preparar — e chamando alto: — Nüxin! Mostra o pardal à tua senhora!

* Yi ou Yi Yi (Yi da região de Yi) célebre archeiro, herói das antigas lendas chinesas.

** Deusa da antiga mitologia chinesa, mulher de Yi.

Nüxin correu à cozinha, pegou no pardal que tinha trazido com o resto da caça e apresentou-o à sua senhora nas covas das mãos.

— Ah! — disse ela com um ar desiludido, depois estendeu a mão, apalpou o pequeno corpo e retorquiu com azedume — Mas está em papas, não há um bocado de carne intacta!

— É verdade — reconheceu Yi desnorteado. — Eu danifiquei-o. O meu arco é demasiado possante e as minhas flechas muito grossas.

— Porque não utilizais flechas mais finas?

— Não as tenho. Depois de ter morto a serpente monstruosa e o javali gigante. . .

— Haveis comparado este animalzinho com uma boa ou um javali gigante? — e dirigindo-se a Nüxin. — Que utilizem para fazer caldo!

Chang E voltou para o seu quarto e Yi ficou, embotado, na sala central; assentado com as costas contra a parede, escutava o fogo crepitar na cozinha sonhando com o javali gigante que lhe pareceu ao longe como uma pequena colina, tal era o seu tamanho. Se o tivesse poupado, agora teria carne para seis meses e não se inquietaria com a comida diariamente. E a serpente monstruosa! Faz-se sopa com a carne da serpente.

Nüyi veio acender a lâmpada; sobre a parede oposta, arco e flechas vermelhas, arco e flechas negras, besta, espadas e punhais desenhavam-se na sombra. Yi olhou-os e depois baixou a cabeça suspirando. Nüxin traz o jantar que coloca na mesa central: cinco tigelas de massa à esquerda, duas tigelas de massa e uma de caldo à direita e no centro, uma taça com molho de corvo.

Ao comer, Yi teve de reconhecer que a massa de corvo

não tinha bom gosto. Observa Chang E a devorá-la, não deitou sequer um olhar para o molho de corvo e come a massa com um pouco de caldo, acabando por deixar a sua tigela a meio. Yi achava-a pálida e abatida; se ela ficasse doente?

Em seguida, pareceu estar mais calma. Sentada na borda da cama grande, bebia água em silêncio. Yi, sentado sobre o banco lateral, acariciava a velha pele de pantera que perdia o pelo.

— Ai — disse ele docemente. — Esta pantera de Xishan era tão bela quando a matei! Foi antes do nosso casamento; a sua pele era toda dourada.

Isto recordava-lhe os dias de abundância do passado, quando só guardava de um urso as quatro patas e dum camelo as bossas, deixando o restante para as criadas e os guardas. Logo que a caça grossa desaparecera completamente, tinha começado a caçar javalis, lebres e faisões; a sua maravilhosa habilidade como arqueiro permitia-lhe matar toda a caça que queria. Deixou escapar involuntariamente um suspiro.

— Ai, sou um atirador demasiado bom, exterminei toda a caça das cercanias. Não previa que um dia nos teríamos de contentar em comer corvos.

— Ah! —disse Chang E com um ligeiro sorriso.

— Hoje, ainda tive alguma sorte — respondeu Yi tranquilo. — Acabei por matar um pardal. Dei uma volta de trinta *li* para o desalojar.

— Porque não tentais um pouco mais longe?

— Tendes razão, senhora, era isso que dizia a mim próprio. Amanhã, levantar-me-ei mais cedo. Se acordardes primeiro, despertai-me. Farei mais cinquenta *li* para ver se encontro um cabrito montês ou uma lebre. Mas não

tenho muita esperança. E dizer que a caça pululava na época em que matei o javali gigante e a serpente monstruosa! Recordais-vos dos ursos pardos que passavam diante da casa da senhora vossa mãe? Mais de uma vez ela me chamou para os abater. . .

— De verdade? — perguntou Chang E que parecia não se recordar desses acontecimentos.

— Quem diria então que esses animais seriam todos exterminados! Verdadeiramente, não sei o que iremos fazer para sobreviver no futuro. Por mim, não tenho de temer: só terei que engolir a pílula da imortalidade que me foi dada pelo monge taoísta para subir ao céu, mas é convosco que me preocupo. . . É por isso que amanhã irei mais longe do que tenho ido até aqui. . .

— Bem — aprovou Chang E.

Ela pousou a taça, estendeu-se com um movimento lento e fechou os olhos.

A candeia meia consumida alumiava o seu rosto cuja pintura tinha perdido a cor, o pó tinha desaparecido, os olhos estavam um pouco pisados e uma das sobrancelhas estava mais carregada que a outra, os lábios mantinham a vermelhidão da chama e, embora não sorrindo, fazia duas covas na face.

— Ah, uma mulher como esta! E dizer que lhe dou massa de corvo durante todo o ano. . .

Cheio de vergonha, Yi corou todo.

II

A noite passou e surgiu uma nova aurora.

Ao acordar, Yi compreendeu que já era tarde, porque

um raio de sol reflectia-se obliquamente na parede do oeste; olhou Chang E: corpo distendido, dormia profundamente. Sem ruído, lançou a roupa às costas, desceu da cama para cima da pele de pantera e atingiu a sala grande nas pontas dos pés. Enquanto se arranjava, mandou Nügeng dizer a Wang Sheng para lhe selar o cavalo.

Tinha tanto que fazer, que há muito deixara de tomar o pequeno almoço; Nüyi meteu no saco de caça cinco bolos folhados, cinco caules de alho francês e um pouco de pasta apimentada, fixando do outro lado o carcás e o arco; apertou o cinturão e saiu com passo apressado. Ao aperceber-se de Nügeng que vinha em sentido contrário deu-lhe as suas instruções:

— Eu vou caçar hoje um pouco mais longe, por isso é possível que volte mais tarde do que o costume. Logo que a tua patroa acorde e tenha comido, diz-lhe que me espere um pouco para o jantar e que lhe apresento as minhas desculpas. Não te esqueças! Diz-lhe: "O senhor apresenta-lhe as suas desculpas."

Parte com passadas largas, salta para o cavalo, passa sem ver os guardas de vigia e em pouco tempo encontra-se fora da aldeia. Diante dele estendem-se os campos de sorgo que ele percorre todos os dias; passa-os sem prestar a menor atenção: ele sabe bem que aí não encontrará nem a caça mais miúda. Dois golpes de chicote fazem com que a montada se lance a galope; só de uma vez percorreu sessenta *li;* quando o cavalo começa a abrandar com os flancos cobertos de suor e com as narinas frementes, tinha um bosque atapetado diante dele. Mais dez *li* e chega aos seus limites. Mas se bem que abrigasse uma quantidade enorme de abelhas, borboletas, formigas e gafanhotos, não se viam vestígios de aves ou animais

selvagens. Yi, que esperava encontrar uma raposa ou lebres neste lugar inexplorado, compreendeu a inutilidade do seu sonho. Deixou o bosque e encontrou-se diante de outros campos de sorgo verde atrás dos quais espalhavam-se algumas cabanas de terra batida. A brisa estava doce e o sol quente. Nem o grasnar dum corvo, ou o piar de um pardal. Para dissipar esta sensação de opressão, Yi gritou com todas as forças:

— Que infelicidade.

Mas mal o cavalo tinha dado uma dezena de passos o seu coração de caçador alegrou-se; ao longe, no ar diante duma cabana, uma ave debica; parecia um pombo muito grande; Yi tirou o arco, arqueou-o e a flecha partiu como uma estrela uivante.

Yi nunca falhava o alvo, assim, sem hesitar, logo que a flecha partiu, seguiu-a a galope e chegou ao lugar para apanhar a presa. Desta vez, para seu grande espanto, viu uma velha camponesa avançar em direcção ao seu cavalo brandindo o grande pombo atravessado pela flecha.

— Quem sois vós? — vociferou. — Porque matasteis a minha galinha preta, a melhor? Não tendes nada mais para fazer como distracção?

O coração de Yi como que estalou e parou.

— Oh, é uma galinha? Creio que se tratava de um pombo torcaz! — murmurou confundido.

— Sois cego? Pareceis ter mais de quarenta anos!

— É verdade, boa mulher, fiz quarenta e cinco anos o ano passado.

— Na vossa idade não saber distinguir uma galinha de um pombo torcaz. Mas quem sois vós?

— Sou Yi Yi.

E ao dizer isto viu a flecha tinha trespassado o coração

da galinha, que morrera instantaneamente. Embaraçado, baixou a voz ao pronunciar o nome e desmontou.

— Yi Yi? Quem é? Nunca ouvi falar dele! — retorquiu a velha examinando o cavaleiro de mais perto.

— Contudo o meu nome é conhecido por muita gente. No tempo do imperador Yao matei com as minhas flechas javalis e várias serpentes. . .

— Ha! Ha! Mentiroso! Foi o senhor Feng Meng* com alguns companheiros que levaram a cabo tais façanhas. É possível que tivésseis participado, mas gabar-vos que fizesteis tudo. Que imprudência!

— Mas, minha boa senhora, este Feng Meng não frequentou a minha casa a não ser nestes últimos anos, nunca participámos juntos em qualquer façanha, ele não tem nada a haver com as minhas caçadas.

— Que mentiras! Nestes últimos tempos falaram-me muito dele; em menos de um mês contaram-me proezas dele quatro ou cinco vezes.

— Bom, bom, mas falemos de coisas sérias: que vamos fazer desta galinha?

— Indemnizar-me-eis! Era a nossa melhor poedeira, um ovo todos os dias! Dar-me-eis em troca duas enxadas e três fusos.

— Mas minha boa senhora, vede: eu não sou cultivador nem tecelão. Onde poderia encontrar as enxadas e os fusos. Não tenho dinheiro comigo, tenho só cinco massas

* Aluno de Yi e também um arqueiro célebre. É uma alusão a Kao Changhong, um jovem escritor que foi aluno de Lu Xun mas que o atacou depois nos seus artigos. Este episódio é sugerido por aquele em que Feng Meng dispara contra Yi.

folhadas de farinha branca, que vos dou em troca da vossa galinha, além disso, cinco alhos e um pouco de pasta apimentada. Estais de acordo?

Ao dizer isto, Yi tira com uma mão as massas folhadas do saco de caça e agarra a galinha com a outra.

A velha camponesa, tentada pelas massas de fino trigo, reflectiu um pouco, mas pediu quinze e Yi teve de negociar até chegarem a acordo em dez, prometendo trazer as outras o mais tardar ao meio dia do dia seguinte e deixando a sua flecha como garantia. Então, sossegado, guarda a galinha na bolsa, volta a montar e dá meia-volta. Embora que atormentado pela fome, sentia-se feliz, porque fazia mais de um ano que não se comia canja em sua casa.

Quando saiu da floresta já era de tarde e começou a usar o chicote para voltar depressa a casa. Mas o animal estava fatigado e só o trouxe de volta aos campos de sorgo familiares ao crepúsculo. De repente, Yi apercebe-se ao longe, diante dele, uma silhueta humana furtiva, quase a seguir, uma flecha voava na sua direcção.

Sem parar o cavalo, Yi prepara um tiro e dispara. Um ruído de choque metálico e faíscas: as pontas das duas flechas tinham-se encontrado no céu formando um V invertido antes de caírem simultaneamente no solo. Nove vezes seguidas o mesmo fenómeno se repetiu até que Yi ficou sem munições; distinguiu então diante dele Feng Meng, exultante, preparava a sua última flecha para lhe visar o pescoço.

"Toma! Eu que creio que ele tinha ido pescar para a beira mar", disse para si próprio Yi, "Com efeito, ele sondava por aqui para fazer das suas; agora compreendo as palavras da velha. . ."

O arco do inimigo, puxado ao máximo, toma a forma de lua cheia, a flecha parte como uma estrela cadente e assobiando em direcção da garganta do cavaleiro. Talvez se tenha desviado pois atinge a boca de Yi; cai por terra e o cavalo estaca.

Vendo o seu rival cair, Feng Meng aproxima-se lentamente sobre as pontas dos pés e contempla aquele rosto morto, sorrindo como se bebesse o vinho da vitória.

Já o estava a olhar havia uns instantes quando Yi abre os olhos, assenta-se e começa a rir-se.

— Valeu bem a pena teres vindo mais de cem vezes a minha casa! Não conheces o meu método de parar as flechas com os dentes? E crestes forte! Os pequenos golpes que conheces não te levarão a nada; lembra-te que não se mata o mestre com os truques que se aprendeu com ele; tens ainda necessidade de te exercitares.

— É o que se chama "virar contra o adversário os seus próprios argumentos. . ." — murmurou o vencedor.

Yi levanta-se rindo às gargalhadas.

— Ha! Ha! Agora fazes citações! As tuas belas palavras podem ter efeito sobre as velhotas, mas para mim nada valem! Sempre fui um caçador, sem me tornar um salteador como tu. . .

Ao dizer isto, abre o saco de caça para se assegurar que não tinha esmagado a galinha com a queda; depois tranquilizado, volta a montar e partiu.

Ao longe, chegavam-lhe aos ouvidos as maldições.

— . . . a tua última hora chegou!. . .

"Eu não acreditaria que ele tinha caído tão baixo." pensava Yi. "Um homem jovem como ele, manusear o anátema! Ainda me admiro mais que a velha o tome por uma pessoa importante!"

E do alto do seu corcel, Yi, muito desiludido, baixou tristemente a cabeça.

III

Ainda não tinha saído dos campos de sorgo quando a noite caiu; no céu índigo, as estrelas apareceram, e a oeste, Chang Keng* brilhava extraordinariamente. O cavalo, fatigado, caminhava com uma extrema lentidão seguindo as pequenas veredas esbranquiçadas rodeadas de campo; felizmente, a lua subia no horizonte e inundou o terreno com a sua claridade argêntea.

— Que azar.

Impacientava-se Yi, enquanto o seu estômago bradava com fome. Perder o tempo com tais inépcias quando tanto lhe custava a grangear a subsistência. Os dois joelhos apertaram os flancos do animal para o meter a trote, mas este libertava-se com um movimento de garupa e conserva o mesmo ritmo.

"Chang E deve estar zangada, já é tão tarde!" pensou ele. "Que cara irá fazer! Felizmente que tenho esta galinhinha para a pôr de bom humor. Eu dir-lhe-ei: Senhora, andei 200 *li* para lha trazer. Não, não posso dizer isto. Daria aspecto de me estar a gabar."

Mas como visse aparecer as luzes das casas, foi invadido por uma tal alegria que não pôde continuar as suas reflexões, até o próprio cavalo começou a galopar. Uma lua redonda, duma brancura de neve, alumiava a estrada, um vento fresco acariciava-lhe o rosto; Yi sentia uma embriaguez maior do que a que costumava ter quando voltava das grandes caçadas.

Logo que o cavalo parou junto do monte de lixo caseiro, Yi pressentiu qualquer coisa de anormal: a ordem na casa estava alterada pois só Zhao Fu estava à porta à sua espera.

— O que se passa? Wang Sheng não está cá? — perguntou ele admirado.

— Ele foi buscar a nossa patroa a casa dos Yao.

— O quê? A vossa patroa foi a casa dos Yao?

Colhido de surpresa, Yi esquecera-se de descer do cavalo.

— Foi sim — respondeu o guarda tirando-lhe o chicote e as rédeas das mãos.

Yi desmontou e franqueou a soleira da porta. Pensativo, voltou-se para perguntar:

— Talvez, farta de esperar, tenha ido jantar à estalagem.

— Não, eu perguntei nas três estalagens da aldeia e a senhora não tinha ido lá.

Yi, de cabeça baixa, dirige-se para os apartamentos interiores, mergulhado nos seus pensamentos. Encontra as três serventes diante da sala grande; pareciam muito perturbadas. Cada vez mais admirado, gritou-lhes:

— Estais todas aqui? A vossa patroa nunca vai visitar os Yao sem companhia.

Elas olharam-no sem responder, depois colocaram-se à volta dele para lhe tirarem o arco, o carcás e a bolsa de caça com a pequena galinha. De repente, Yi é assaltado por uma angústia terrível: se Chang E, encolerizada, se tivesse suicidado? Ele mandou Nügeng procurar Zhao Fu

* Vénus.

e ordenou-lhe que procurasse nas árvores e que explorasse o tanque no fundo do parque. Mas mal passou a entrada do quarto compreendeu que as suas suposições estavam erradas. Uma grande desordem reinava na casa, todos os cofres tinham sido abertos e revistados, e do fundo da alcova tinha desaparecido o cofre das jóias. Yi teve a impressão de receber um balde de água fria na cabeça; do ouro e das pérolas, não se importava, mas a pílula da imortalidade dada pelo taoísta estava com. . .

Já tinha dado duas voltas ao quarto quando se apercebeu que Wang Sheng estava de pé junto à porta.

— Senhor — disse. — A senhora não está em casa dos Yao, além disso não é o dia em que costumam jogar o majong.

Como o patrão unicamente o mirasse e não lhe dissesse nada, Wang retirou-se.

Zhao Fu apresentou-se por sua vez.

— O senhor mandou-me chamar?

Yi abanou a cabeça e fez-lhe sinal para se retirar.

Depois de caminhar de trás para diante no quarto, Yi voltou para a sala grande e sentou-se. Levantando a cabeça, contemplou na parede em frente o arco e as flechas vermelhas, a arco e as flechas pretas, a besta, as espadas e os punhais. Depois de um momento de reflexão, acabou por perguntar aos criados que estavam imóveis junto da porta:

— Em que momento desapareceu a vossa ama?

— No momento em que acendiamos as lâmpadas — respondeu Nüyi. — Mas ninguém a viu sair.

— Viram a senhora engolir um medicamento que tirou do cofre?

— Não, mas a senhora pediu-me para lhe levar água para beber da parte da tarde.

Yi levantou-se bruscamente, sentiu-se abandonado e só sobre a terra.

— Viram alguma coisa elevar-se no céu?

Nüxin reflectiu e depois como que iluminada, disse:

— Oh, logo que sai depois de ter acendido as lâmpadas, vi uma sombra negra elevar-se deste lado, mas nunca teria imaginado que era a senhora!

A jovem servente empalideceu de medo.

— É isso! — gritou Yi batendo no joelho. Levantou-se, saiu para o pátio e voltou para perguntar a Nüxin:

— De que lado?

Na direcção que apontava o dedo da criada, Yi viu, suspensa no meio do céu, o grande disco da lua de um branco de neve, onde se desenhava vagamente pavilhões, terraços e árvores. Recordou-se da descrição do belo palácio da lua que lhe fazia a avó quando era pequeno; diante deste astro que parecia flutuar sobre um mar de esmeraldas, o seu corpo pareceu-lhe terrivelmente pesado.

O furor apoderou-se dele, e este provocou-lhe um desejo de morte; com os olhos fora das órbitas, grita às criadas:

— O meu arco, aquele com que abati os sóis! E três flechas!

Nüyi e Nügeng retiraram o arco gigantesco que estava suspenso no centro da parede da sala, limparam-no e trouxeram-no ao patrão com três longas flechas.

Ele agarrou o arco com uma mão, enfia as flechas na corda com a outra, estica-o ao máximo e aponta em direcção à lua. Virado para o astro, firme como um rochedo, o olhar fixo lançando chispas, os cabelos e a barba ao

vento semelhantes a chamas negras, nesse instante ele sente o alento do herói que tinha derrubado os sóis.*

Um longo silvo, um só, e as três flechas partiram uma atrás das outras sem que fosse possível seguir-lhes a trajectória, e não se notasse qualquer alteração no ruído. Os três tiros deveriam atingir o mesmo ponto, porque partiram sem o mínimo desvio, mas para ter a certeza de acertar na lua, o arqueiro tinha imprimido um movimento imperceptível, de forma a elas atingirem três pontos distintos, causando três ferimentos diferentes.

As criadas soltaram um grande grito; viram a lua vacilar. E todas criam que ia cair. Ela contudo manteve-se suspensa no céu, irradiando uma luz ainda mais viva e serena, como se não tivesse sido atingida.

— Hé, lá no alto!

Yi, com a cabeça levantada, lança um rugido de irritação para o céu. Observa a lua durante uns momentos, mas esta parece nem sequer dar pela sua presença. Dá três passos na sua direcção e recua outra vez. E a lua dá três passos à retaguarda, e volta ao seu lugar.

Todos se entreolhavam sem soltarem uma palavra.

Finalmente, com um gesto de desalento, Yi encostou o arco na ombreira da porta e voltou a entrar na sala grande. As criadas seguiram-no para o interior.

— Pois bem — suspirou sentando-se. — A vossa patroa gozará sozinha a felicidade eterna. Como teve coragem de me abandonar e partir sem mim? Será que me achava

* Segundo a lenda, durante o reinado do imperador Yao, dez sóis apareceram no céu, causando uma terrível seca na terra e o povo não tinha que comer. O imperador pediu ao arqueiro Yi para derrubar os sóis excedentes, e, com a ajuda dum arco especial, fez cair nove.

demasiado velho? Contudo, o mês passado, ela ainda me dizia: "Não sois velho, querer parecer velho será um sinal de declínio moral."

— Não é certamente por isso — assegurou Nüyi. — Além disso, diz-se que o senhor é um grande guerreiro.

— Por vezes, o senhor é como um artista — acrescentou Nüxin.

— Basta de tolices! No fundo compreendo que ela sofreu bastante. As massas com corvo são um prato detestável. . .

Nüxin dirigiu-se para o quarto de dormir dizendo:

— Esta pele de pantera está toda pelada aqui, vou cortar um pedaço da pata, do lado da parede, para substituir a parte usada; assim está muito feio.

— Espera! — deteve-a Yi. E depois de um minuto de reflexão: — Esta reparação não tem urgência! Morro de fome, vai-me fazer depressa um prato de galinha com pimento e cinco *jin* (1 *jin* equivale a 0,5 kg) de bolo folhado. Depois de jantar, vou-me deitar. Amanhã, pedirei ao monge taoísta outra pílula da imortalidade; com isso posso partir em busca da minha mulher. Nügeng, vai dizer a Wang Sheng que dê quatro medidas de feijão ao meu cavalo!

Dezembro, 1926

O Dilúvio Dominado

I

Naquele tempo "o dilúvio murmurante trazia a devastação e uma imensa extensão de água cercava as montanhas e as colinas"; entretanto todo o povo do imperador Shun* não se encontrava junto nos lugares não inundados. Alguns encontravam-se agarrados às copas das árvores, outros sobre jangadas onde alguns tinham construído uma espécie de abrigo. A vista do rio era muito poética.

Notícias de longe chegaram nas jangadas. Soube-se que o senhor Gun** não tinha obtido resultados na tentativa de dominar os rios, durante os nove anos que estivera encarregado da tarefa e que o imperador, furioso, o tinha desterrado para Yushan e que fora substituído no lugar por seu filho, o jovem senhor Wenming cujo nome de leite era A Yu.

Como esta catástrofe já durasse há bastante tempo, encerrara-se a universidade, o mesmo sucedendo aos jardins de infância, por falta de espaço; por esse motivo, os habitantes tinham-se tornado um pouco estúpidos. Embora numerosos sábios se tivessem instalado na Colina da Cultura*, onde se alimentavam com a comida transportada pelos veículos voadores do país de Qigong**. Portanto não corriam o risco de morrerem de fome e podiam estudar

---

* O imperador Shun (2255-2207 A.C.)

** O pai de Yu.

---

* Esta passagem satírica alude a um grupo de intelectuais e sábios reaccionários da época (período da II Guerra Civil Revolucionária). A "Colina da Cultura" é uma alusão à "Cidade da Cultura", nome proposto para Beiping, atual Beijing, ao governo do Kuomintang, em Outubro de 1932, por uma trintena de membros ligados aos meios culturais e professores desta cidade, entre eles Jiang Han, Liu Fu, Xu Bingchang, Ma Heng, etc. Nesse momento, o imperialismo japonês tinha já invadido o nordeste do nosso país; o norte da China também corria o risco de ser invadido. Tendo abandonado o nordeste prosseguindo a sua política de capitulação, o governo do Kuomintang estava disposto a retirar-se do norte e a levar para Nanjing todos os tesouros artísticos antigos que tinham valor comercial. Na sua tentativa de evitar tal mudança, Jiang Han e companheiros diziam que Beiping não era importante nem política nem militarmente e fizeram às autoridades do Kuomintang a fantástica proposta de se retirarem todas as instalações militares e declarar-se Beiping uma zona cultural e aberta. Para esse efeito sugeriram ao governo para "declarar Beiping uma cidade cultural e de transferir todas as instalações militares para Baoding". Evidentemente, que esta proposta absurda estava de acordo com as intrigas do imperialismo japonês e era eco da "tese" capitulacionista do governo do Kuomintang. Embora este não tenha declarado Beiping "cidade cultural", cedeu a cidade aos japoneses sem resistência. Quanto à maioria das antiguidades foram transportadas por diversas vezes para Nanjing, em 1933. Depois da ocupação de Shenyang pelos nipónicos, em 18 de Setembro de 1931, até à sua morte em 1936, Lu Xun escreveu muitos artigos e ensaios críticos desmascarando o capitulacionismo do governo do Kuomintang e, num dos seus ensaios, a sua ironia tem por alvo a proposta referente à dita "Cidade Cultural". Neste, Lu Xun ainda ataca o argumento extravagante de Jiang Han e companheiros; os sábios descritos neste conto são as personagens características da sua época.

** País lendário. "Os seus habitantes eram muito engenhosos; e inspirando-se nas aves, construíram veículos voadores que planavam ao sabor do vento", segundo o comentário de Guo Pu, *O Livro dos Montes e dos Mares.*

à vontade. Embora a maioria deles fosse hostil a Yu ou nem sequer acreditassem na sua existência.

Uma vez por mês, um ruído chegava do céu e o som ampliava-se cada vez mais, depois via-se o veículo voador no qual estava implantado um pavilhão ornado com um círculo amarelo brilhante. A cinco pés da terra, desciam por umas cordas uns cestos cujo conteúdo só era conhecido pelos sábios e travava-se uma conversa entre o céu e a terra:

— Good morning!

— How do you do!

— Glu. . . Gli. . .

— O.K.!

O veículo retomava então o seu vôo de regresso ao país de Qigong; o seu ruído aos poucos ia-se extinguindo; os sábios calavam-se porque estavam a comer. Em volta da colina só a arrebentação fazia ouvir o seu ruído quando se desfazia contra os rochedos. Depois da sesta, tendo reencontrado todos a inspiração, os sábios abafavam com as suas discussões o ruído das vagas.

— Embora filho de Gun, Yu não conseguirá de maneira nenhuma controlar as águas — disse um sábio que se apoiava numa bengala. — Tendo reunido um grande número de árvores genealógicas de príncipes, duques, grandes dignatários e homens riquíssimos; após estudos aprofundados, cheguei à conclusão que os descendentes dos ricos são ricos, os descendentes dos maus são maus. É o que se chama "hereditariedade". Gun não conseguiu, portanto o seu filho Yu também não será capaz de o conseguir; um idiota nunca tem descendentes inteligentes.

— O.K. — disse um sábio sem bengala.

— Mas pensa no pai de Sua Majestade! — disse outro sábio sem bengala.

— Podia ter sido um pouco estúpido, mas melhorou. E os verdadeiros loucos *não* têm melhoras. . .

— O.K.

— Tudo isso não passam de banalidades — balbuciou um outro sábio cuja ponta do nariz se tornou escarlate. — Estais enganados por boatos tendenciosos. Na realidade, Yu não existe. "Yu" significa réptil, como é que um. . . um réptil piolho. . . poderia dominar as águas? Na minha opinião Gun também não existe, "Gun" é um peixe; como é que um pei. . . peixe. . . po. . . poderia do. . . dominar as águas. . . águas?

Ao bater estas palavras, bateu com os pés no chão, marcando assim a sua convicção.

— Contudo Gun existe, tem sete anos. Eu viu-o com os meus próprios olhos contemplar ao pé do monte Kunlun a beleza das ameixoeiras em flor.

— Nesse caso, tem o nome enganado; é possível que não se chame "Gun", mas, sim "Homem"! Quanto a Yu, é certamente um réptil, tenho numerosas provas que podem demonstrar que ele não existe. Sujeito-me ao julgamento imparcial de todos.

Depois, pôs-se de pé, energicamente, e tirou a sua faca para tirar a casca dos cinco grandes pinheiros que se encontravam nas proximidades. Com as migalhas dos pães misturadas na água, fez uma cola à qual juntou pó de carvão e escreveu sobre os troncos das árvores em escrita girina minúscula, os argumentos que reduziam Yu a nada. Isto levou-lhe 3 vezes 9, ou seja vinte e sete dias de trabalho. Todos aqueles que queriam ver o que estava escrito tinham de lhe dar dez folhas tenras de olmo, ou

se viviam em jangadas, em lugar daquilo, dever-lhe-iam trazer uma concha cheia de algas frescas.

Devido ao facto de haver água por todos os lados, era impossível caçar ou cultivar a terra; os sobreviventes estavam condenados à ociosidade, só isso justificando o número de pessoas que ver as inscrições. Apertavam-se em redor dos pinheiros e durante três dias, ouviram-se por todos os lados suspiros de admiração ou de cansaço. Mas, no quarto dia ao meio dia, um camponês decide falar enquanto o sábio comia macarrão frito.

— Há homens que se chamam Yu — disse. — Além disso "yu" não é um réptil é, meus senhores, uma abreviatura que nós camponeses utilizamos, do caracter "yu" que significa macaco grande.

— Há pessoas que se chamam grande. . . grande macaco?. . . — gritou o sábio pulando e engolindo precipitadamente as massas que tinha na boca meias mastigadas, ao mesmo tempo que o seu nariz se tornava escarlate.

— Naturalmente, e há mesmo quem se chame Cão ou Gato.

— Senhor Cabeça de Pássaro, não discuta com ele — disse o sábio da bengala, pousando o pão que comia e interpondo-se. — Os camponeses são todos idiotas. Traz-me a tua árvore genealógica. — gritou ele virando-se para o trabalhador do campo. — Nela descobrirei que todos os teus antepassados são imbecis. . .

— Nunca tive uma árvore genealógica. . .

— Peh! O que torna as minhas pesquisas imprecisas, são vocês, execráveis criaturas!

— Mesmo, para is. . . isto, não há necessidade de genealogia, a minha teoria é infalível — disse o senhor Cabeça de Pássaro encolerizado. — Antigamente, muitos sá-

bios escreviam-me para a elogiarem. Trouxe para aqui todas essas cartas. . .

— Não, não, é preciso examinar a sua árvore genealógica. . .

— Mas, eu não tenho isso — disse o "imbecil". — Neste momento tudo está numa grande desordem, as comunicações não são fáceis, se esperamos as cartas dos vossos amigos como prova tardarão tanto, que será mais difícil que celebrar um sacrifício dentro da casca de um caracol. A prova está diante dos nossos olhos. Vós chamai-vos senhor Cabeça de Pássaro; sois na realidade uma cabeça de pássaro e não um homem?

— Hum! — o senhor Cabeça de Pássaro estava tão atrapalhado que as suas orelhas se tornaram rubras. — É um insulto dizer que não sou um homem! Levar-te-ei diante o senhor Gao Yao* para decidirmos o nosso assunto perante a justiça! Se não sou um homem de verdade, quero ser condenado à pena capital, que me cortem a cabeça. Compreendeste? Caso contrário, deverás tu ser condenado por difamação. Espera por mim e não te mexas; espera que acabe a minha massa salteada.

— Mestre — respondeu o camponês imperturbável. — Vós sois um sábio, deveríeis saber que já é meio dia, e eu também tenho a barriga vazia. O que é desagradável é que a barriga do imbecil seja análoga à do homem inteligente. Aquele também tem fome. As minhas desculpas, mas tenho de ir apanhar algas. Apresentar-me-ei à justiça logo que tiverdes apresentado a vossa queixa.

Dito isto, saltou para a sua jangada, pegou nas redes e afastou-se para ir apanhar ervas marinhas. Os basba-

* Vassalo do imperador Shun, ministro da justiça.

ques tinham-se dispersado também pouco a pouco; o mestre Cabeça de Pássaro recomeçou a comer a massa, mas as orelhas e a ponta do nariz continuavam vermelhas. O sábio da bengala abanava a cabeça.

"Yu" era um réptil ou um homem? Este problema ainda não estava resolvido.

II

Yu parecia na realidade um réptil.

Quase metade de um ano se tinha passado. O veículo voador de Qigong tinha vindo oito vezes. Nove em cada dez dos habitantes das jangadas que tinham lido os escritos dos troncos dos pinheiros tinham apanhado eczema nos pés. Mas, continuava-se sem novidades do novo funcionário encarregado das águas. Finalmente, quando o veículo voador veio pela décima vez, espalhou-se a notícia que Yu existia realmente; era filho de Gun e fora nomeado por ordem imperial ministro supremo dos trabalhos hidráulicos; tinha saído de Jizhou* e que chegaria dentro em breve.

Houve alguma excitação, mas relativamente pequena; já não acreditavam em nada, porque boatos semelhantes a este tinham-lhes crido tampões nas orelhas à força de os ouvirem.

Desta vez, porém, as notícias eram tão seguras que passados dez dias toda a gente dizia que o grande ministro estava quase a chegar; um homem que apanhava algas ao

* Uma das nove províncias da China antiga, que compreendia as actuais províncias de Hebei, Shanxi, o norte de Henan e o oeste de Liaoning.

largo, tinha visto as naves oficiais e apontava um alto azul-escuro que tinha sido feito por uma pedra que os soldados lhe haviam arremessado porque tinha demorado a abrir passagem. Estava ali uma prova tangível da próxima vinda do grande ministro. Depois disto, este homem tornou-se célebre e muito ocupado, pois toda a gente lutava para ver o alto que tinha na cabeça. Em seguida, os sábios chamaram-no para um exame minucioso e decidiram que o alto era autêntico, bem como que mestre Cabeça de Pássaro devia renunciar aos seus estudos históricos e passar a recolher canções folclóricas.

Um grande número de naves escavadas em troncos aproximaram-se vinte dias depois da notícia dada pelo homem do alto. Cada uma delas trazia vinte remadores e trinta soldados armados com lanças, ornamentadas com pavilhões e flâmulas à proa e à ré. Mal os barcos acostaram ao sopé da montanha, já os notáveis e os sábios tinham feito alas para receberem condignamente os visitantes.

Só bastante depois é que dois grandes dignatários de meia idade, um pouco gordos, saíram do barco maior. Rodeados por uma vintena de guardas vestidos de peles de tigre, depois de passarem pelo grupo que os viera acolher, dirigiram-se à casa de pedra no alto da montanha.

Toda a gente, tanto em terra como na água, procurava saber o que se passava. Acabaram por descobrir que eram só dois enviados especiais da inspecção e não o próprio Yu.

Sentados no centro da casa de pedra, depois de terem comido pão, os dois altos funcionários começaram o seu inquérito.

— A situação dos sinistrados não é assim tão grave; no

que respeita a comida não é muito mal — disse um porta-voz dos sábios, especialista na língua Miao. — O pão cai do céu todos os meses; os peixes também não faltam, são muito suculentos ainda que tenham um gosto terroso, senhores. Quanto à populaça, alguns alimentam-se de folhas de olmo, outros de algas; eles "comem o suficiente todos os dias pois não se consomem intelectualmente", por outras palavras, visto não terem qualquer trabalho cerebral, este alimento basta-lhes; nós próprios a provámos, o sabor é bastante agradável e típico. . .

— Além disso — interrompeu outro sábio especialista na *Matéria Médica* do imperador Shen Nong.* — As folhas de olmo contêm vitamina W e nas algas marinhas encontra-se iodo que evita as escrófulas. Estes alimentos possuem propriedades muito recomendadas em dietética.

— O.K.! — disse outro sábio a quem os dois dignatários tinham lançado uma mirada.

— Quanto à bebida — prosseguiu o especialista na *Matéria Médica* — Têm tanta que chegaria para dez mil gerações. É lamentável que a água tenha um pouco de "loess"; é preciso destilá-la antes de consumí-la. Dei-lhes numerosas instruções, mas, eles são tão estúpidos que as não querem seguir, por isso há uma grande quantidade de doentes. . .

— Mesmo quanto ao dilúvio, não foram eles os grandes responsáveis? — interveio um notável que usava uma barba com cinco longa mechas e vestido de castanho claro. — Antes da cheia, mergulhados na sua apatia, não queriam consolidar os diques e quando chegou o dilúvio, sempre preguiçosos não procuraram drenar a água. . .

* O mais antigo livro chinês que trata de plantas medicinais. Esta obra foi escrita entre os Han e Wei e é atribuída ao rei lendário Shen Nong.

— É o que se chama ter perdido o sentido dos valores espirituais — zombou um ensaísta em estilo Fu Xi,* sentado na última fila, com o seu bigode de pontas caído sobre os dois lados do lábio superior. — Eu subi ao planalto do Pamir, o vento celeste soprava com toda a sua força, as ameixeiras desabrochavam, as nuvens brancas espraiavam-se, o preço do ouro subia, os ratos adormeciam. Vi um adolescente com um charuto nos lábios, a cara envolvida pela bruma de Chi You**. . . Ha! Ha! Ha! Ai, não se pode fazer nada. . .

— O.K.!

A conversação continuou neste tom durante quase meio dia e os dignatários escutavam atentamente. No final, pediram aos sábios para escreverem conjuntamente um relatório acompanhado de preferência de uma exposição dividida em parágrafos, onde apresentassem as suas sugestões para remediar o desastre. Feito isto, voltaram para o barco.

No dia seguinte, a pretexto da fadiga da viagem, não trabalharam e abstiveram-se de receber visitantes. No terceiro dia, foram os sábios que os convidaram para irem admirar o pinheiro manso secular no alto da montanha; de tarde, foram pescar juntos enguias amarelas e divertiram-se assim até à noite. No quarto dia, a pretexto da fadiga causada pela inspecção, não trabalharam e recusaram-se a receber visitantes. No quinto dia de tarde, convocaram o representante do povo.

* Soberano lendário da China antiga, criador dos trigramas.
** Chefe da tribo Jiuli do norte da China na antiguidade.

A escolha deste representante começara quatro dias antes; mas, ninguém queria ir, alegando que nunca tinham visto um dignatário. Então, a maioria escolheu o homem do alto na cabeça pois ele já possuía alguma experiência do seu anterior encontro. Este, sentindo de novo picadas no local onde tivera o alto que, entretanto, desinchara, jurou, chorando, que preferia morrer de imediato a ser delegado! Os outros cercando-o, encheram-no de vitupérios, dia e noite, em nome da justiça, acusando-o de negligenciar o interesse comum, de ser um individualista egoísta que seria rejeitado por toda a China. Alguns, mais violentos, apontando o punho ao seu nariz, declararam que ele devia ser considerado responsável pelo desastre. Como tivesse um desejo enorme de dormir, pensando que mais valia correr o risco de ser sacrificado em nome do interesse comum do que morrer linchado na jangada, fez um apelo a todas as suas forças, acabando por aceitar a missão no quarto dia.

Todos lhe teceram louvores, enquanto alguns valentes ficaram roídos pela inveja.

Na manhã do quinto dia, fizeram-no levantar e trouxeram-no para a beira mar para que esperasse que o chamassem. Logo que os dignatários o mandaram entrar as suas pernas começaram a tremer, mas, em seguida, resolve-se definitivamente. Crente em si próprio após os dois bocejos e com as pálpebras inflamadas, marcha em direcção à nave oficial, aéreo, como se os seus pés não tocassem a terra.

Coisa bizarra. Nem os soldados armados de lanças, nem os guardas vestidos com peles de tigre lhe bateram ou o injuriaram, deixando-o entrar directamente na cabine central. Peles de urso e de pantera serviam de alcatifas;

nas paredes algumas bestas e carcáses com flechas, por toda a parte vasos e potes de espantar. Parecendo-lhe espíritos, viu sentados à sua frente os dois dignatários grandes e gordos. Quanto à expressão das suas fisionomias nada pôde dizer, pois não teve a audácia de as contemplar.

— És o representante dos teus concidadãos? — perguntou um dos dignatários.

— Foram eles que me enviaram aqui — respondeu olhando as nódoas semelhantes a folhas de artemisa na pele da pantera que cobria o chão.

— Como vai isto para vocês?

— . . .

Não tendo compreendido, não respondeu.

— A vossa vida é possível de sustentar?

— Lá vai indo, graças ao esplendor do grande destino de Vossa Senhoria. . . — após ter reflectido um bocado, acrescentou num murmúrio. — Faz-se por ir. . . Sobrevive-se. . .

— A comida?

— Folhas, algas. . .

— Isso é comestível?

— Passa. Já estamos habituados, por isso escapa. Ainda há nojentos que reclamam; a moral baixa, mas, que diabo, dar-lhes-emos uma sova!

Os senhores entreolham-se rindo e um diz ao outro:

— Eis um honesto, hem!

O homem honesto, muito contente com o cumprimento, encorajado começa a falar:

— Nós desembaraçamo-nos sempre bem. Por exemplo, para as algas, o melhor é prepará-las em Caldo de Lamelas de Jade deslizantes, para as folhas de olmo em Caldo do

Princípio ao Fim. Para descascar uma árvore, não é necessário arrancar toda a casca, mas deve-se deixar uma parte, pois assim na primavera do ano seguinte, a árvore terá folhas de que faremos uma nova colheita. Poder-se-ia apanhar enguias amarelas se pudéssemos beneficiar do esplendor do vosso grande destino. . .

Entretanto os dignatários pareceram enfadar-se do seu discurso, um deles bocejou diversas vezes e cortou-lhe a palavra:

— Vocês farão em conjunto uma petição acompanhada de preferência duma exposição dividida em parágrafos e apresentando sugestões para remediar o desastre.

— Mas, nenhum de nós sabe escrever — objectou timidamente.

— Vocês são analfabetos e não se esforçam por progredir! À falta de melhor traz-nos amostras de todos os vossos alimentos!

Ao mesmo tempo assustado e contente, ele retirou-se apalpando os restos do seu alto; comunicou as ordens dos funcionários aos habitantes das margens, das árvores e das jangadas, elevando a voz para dar as suas recomendações:

— Tudo isto é para mandar lá para cima! Deve ser limpo, apurado e como deve ser! . . .

Todos os habitantes começaram ao mesmo tempo a lavar folhas, cortar cascas e recolher algas, em plena desordem e confusão. Quanto ao representante, começou a cortar pequenas pranchas para com elas fazer a caixa destinada a apresentar as amostras. Duas das pranchas depois de polidas eram particularmente brilhantes. Correu, mesmo de noite, ao alto da montanha para pedir ao sábio que escrevesse na prancha que servia de tampa:

"A longevidade da montanha e a felicidade do mar" e na outra, destinada a decorar a sua própria jangada, uma recordação das honras recebidas: "Morada de um homem honesto". Mas o sábio não quis traçar mais do que a primeira inscrição.

III

Quando os dois dignatários chegaram à capital, os outros inspectores iam chegando aos poucos, salvo o próprio Yu. Após alguns dias de repouso com as suas famílias, foram convidados para assistir a um grande banquete oferecido em sua honra organizado pelo Departamento das Águas. Os prémios eram divididos em três categorias: Felicidade, Honra e Longevidade; o mais baixo era de cinquenta conchas* por pessoa. Naquele dia as viaturas corriam como um rio, os corcéis desfilavam como dragões; os hóspedes e convidados chegaram todos ao cair da noite. Os archotes já iluminavam os pátios; um odor apetitoso saía do trípodo onde cozia carne de vaca espalhando-se até ao portal, encantando as narinas dos vagabundos, postados à porta de entrada, fazendo-lhes crescer água na boca. Após três rodadas de libações, os dignatários começaram a descrever as paisagens das regiões inundadas, que tinham contemplado nos seus périplos; os cimos das canas imaculados como a neve, a onda enlameada, cor de ouro, as gordas enguias amarelas; as algas verdes deslizantes, etc. Depois, apossados de uma ligeira embriaguez, tira-

* Moedas utilizadas na China antiga.

ram as colecções de alimentos populares, transportadas em cofres de madeira finamente trabalhados e cujas tampas tinham inscrições, algumas em estilo dos oito trigramas de Fu Xi, outras do tipo "Suspiro do Espírito" de Cang Jie.* Em primeiro lugar admiravam-os caracteres, depois de uma discussão acalorada acabou-se por decidir que a inscrição "O país em paz, o povo tranquilo" era a melhor. Continha, com efeito, caracteres difíceis na sua simplicidade escritos num estilo de uma sobriedade antiga, além do mais a frase era correcta merecendo ficar nos arquivos imperiais.

Depois de terem escolhido sobre esta arte particular da China, elucidado o problema cultural, inventariaram de seguida o conteúdo das caixas: todos louvaram o engenho dos diversos tipos de bolachas. Depois, iniciou-se uma discussão geral que teve início, talvez, sob o efeito de demasiadas libações. Um dos assistentes tendo mordido uma bolacha de casca de pinheiro, exaltou o seu puro perfume dizendo que abandonaria da melhor vontade no dia seguinte o seu lugar para viver uma vida campestre. Um outro que tinha cortado um bolo de folhas de tuia considerou a pasta grosseira e o gosto amargo; tinha ferido a língua; se se queria repartir daquela maneira a miséria do povo, isso seria tão difícil para os vassalos como para o soberano. Outros apressaram-se a recolher os bolos e as bolachas encentrados dizendo que iam abrir uma exposição destinada à recolha de fundos, e que todas aquelas amostras deveriam ser expostas; por isso não seria muito conveniente rilharem demasiado as coisas.

* Arquivista do reinado do imperador Amarelo que, segundo a lenda, teria inventado a escrita.

Entretanto um grande barulho elevava-se no exterior do Departamento das Águas. Um grande número de gigantes parecendo mendigos, com os rostos morenos, investem em direcção ao Departamento sem fazerem caso das linhas de demarcação. Os guardas dos dois lados cruzaram as suas lanças brilhantes para lhes barrarem a passagem.

— O quê? Vede bem o que fazeis! — disse em voz alta, surpreso, um colosso de membros poderosos que se encontrava à frente do grupo.

Os guardas encararam-no na sombra da noite, puseram-se em sentido com respeito, recolhendo as armas e deixaram passar os que chegavam com excepção de uma mulher que trazia um vestido anil de tule grosso com uma criança ao colo e que, esbaforida, se lhes juntado a correr.

— O quê? Já não me reconhecem? — perguntou estupefacta, limpando com o punho o suor que lhe escorria pela testa.

— Como era possível que não a conhecêssemos, senhora Yu!

— Então porque não me deixais entrar?

— Senhora Yu, atravessamos tempos difíceis. Este ano, para corrigir os costumes e reformar o coração dos homens, estabeleceu-se a segregação entre os sexos. Não se deixam entrar mulheres em qualquer administração; não se trata só de nós ou de vós. É uma ordem superior! A culpa não é nossa!

Depois de um momento de espanto, a senhora Yu ergueu as sobrancelhas e, dando meia volta, gritou:

— Tu merecias ser cortado em mil pedaços! Quais os funerais onde ainda te misturas? Tu nem sequer entras na tua própria casa quando passas diante dela! Mas ages sempre como tivesses perdido o teu pai ou a tua mãe. Que

vantagem ser um dignatário. Um dignatário! Toma atenção, senão terás a mesma sorte que o teu pai que, afastado, caiu num lago transformando-se numa tartaruga gigante! Que homem sem coração que devia ser cortado em mil pedaços!. . .

Simultaneamente, uma grande confusão ocorria na sala principal do Departamento. Perante a invasão deste grupo de homens rudes todos tentavam fugir; contudo não vendo luzir armas, fizeram um apelo a toda a sua coragem para observarem os que chegavam. À frente, um homem de rosto magro e tisnado; pela expressão reconheceram Yu; os outros eram o seu grupo.

A embriaguês geral dissipou-se num momento e todos fugiram entre o roçar dos fatos compridos pelo chão para o fundo da sala. Numa passada, Yu instalou-se no lugar de honra do banquete. Assentou-se sem cruzar as pernas, fosse por negligência fosse por causa do reumatismo, mostrando aos dignatários as plantas dos pés descalços, cheias de calosidades grandes como castanhas. Os do seu grupo sentaram-se ao seu lado.

— Vossa Senhoria voltou hoje à capital? — disse com respeito, um funcionário mais audacioso, avançando um pouco sobre os joelhos.

— Aproximai-vos! — ordenou Yu sem dar resposta e dirigindo-se a todos os assistentes: — Onde haveis estado nas vossas inspecções?

Os grandes dignatários avançaram sobre os joelhos, entreolhando-se sem trocarem palavra, depois instalaram-se em fila na parte de baixo do sítio onde se servia o banquete quase todo consumido. Sentiam-se muito embaraçados perante a bolacha de casca de pinheiro

esgravatada e os ossos de boi bem rapados, mas não ousavam mandar servir novamente os cozinheiros.

— Permita-me anunciar a Vossa Senhoria — disse finalmente um dignatário. — Que as coisas não vão assim tão mal; a nossa impressão é boa. A casca de pinheiro e as algas não faltam. Quanto às bebidas abundam. Estas pessoas honestas do povo já estão habituadas a esta vida. Se Vossa Senhoria o permitir, diria que têm resistência, aliás são conhecidas por este facto.

— O vosso humilde servidor já traçou um plano para colectar fundos — disse um outro dignatário. — Preparamos uma exposição de pratos exóticos e convidaremos a menina Nü Wei a efectuar uma passagem de modelos; daremos a conhecer que não haverá qualquer colecta além do bilhete de entrada; isto trará mais visitantes.

— Muito bem — disse Yu inclinando-se um pouco para o seu interlocutor.

— Portanto, a primeira coisa a fazer — acrescentou um terceiro dignatário. — É enviar o mais depressa possível uma frota de jangadas para trazer os sábios para o planalto e enviar um emissário ao país de Qigong avisá-los que nós protegemos a cultura e que a ajuda prometida que seja todos os meses enviada para aqui. Eis um requerimento redigido pelos sábios e que contém propostas muito interessantes; eles sublinham que a cultura é a artéria vital de um país e que os sábios são a alma da cultura. Enquanto existir cultura a China sobreviverá; tudo o resto é secundário. . .

— Eles acham que há um excesso populacional na China — continuou o primeiro dignatário. — Uma redução bastante significativa desta seria um dos meios mais

eficazes para garantir a paz.* Além todos os indivíduos do povo são simplórios; entre eles a alegria, a cólera, a tristeza, o prazer não são tão refinados como entre os homens inteligentes. Para conhecer os homens e os fenómenos é preciso partir do subjectivo. Por exemplo, Shakespeare. . .

"Parvoíces!", pensou Yu que disse em voz alta:

— Segundo o meu próprio inquérito, cheguei à conclusão que o método de diques existente é um erro. Em lugar disso deves utilizar o método de canalizar a água! Não sei qual é a vossa opinião?

Silêncio de morte. O rosto dos dignatários torna-se lívido; muitos deles não se sentem bem; no dia seguinte possivelmente pedirão licença por doença.

— É o método de Chi You! — protestou discretamente um jovem funcionário temerário.

— Segundo a opinião deste vosso miserável servidor, Vossa Senhoria deveria reflectir sobre a vossa decisão — objectou com firmeza um alto dignatário de cabelos brancos e de barba imaculada que, convencido que o destino do universo dependia das suas palavras, testemunhava assim uma extraordinária, pondo em perigo a própria vida. — O sistema de diques era o utilizado pelo senhor vosso pai. "A piedade filial exige que não destrua a via paternal pelo menos antes de passarem três anos após a

* "A redução da população" era uma tese errónea defendida pelos ditos sábios e funcionários da época. Por exemplo, Chen Yuan, em "Tagarelices" publicado na *Revista Moderna* (1 de Maio de 1926), n.º 73, vol. III, defende que "não só não temos necessidade de qualquer aumento da população, mas que não haveria inconveniente em que ela fosse reduzida a metade". Este género de proposta era muito corrente na época.

sua morte,"* E ainda não fez três anos que o defundo senhor vosso pai subiu ao céu.

Yu não diz absolutamente nada.

—Por outro lado, o falecido senhor vosso pai, consumiu-se bastante para o pôr em prática. Ele tirou da terra ao Soberano das Alturas para construir os diques para o dilúvio, e por isso provocou a cólera deste último. A profundidade das águas está a diminuir aos poucos. Seria portanto melhor de continuar a seguir o seu método — diesse um alto dignatário grisalho, filho adoptivo do tio materno de Yu.

Yu continuou calado.

— Creio que Vossa Senhoria faria melhor em continuar a obra paterna — disse um dignatário gordo em voz alta, com certa desenvoltura. Vendo que Yu mantinha o silêncio, creu que estava quase a ceder, mas o seu rosto nem sequer estava coberto de uma camada de suor. — É preciso restaurar o nome da família seguindo o método tradicional desta. Vossa Senhoria não sabe talvez como falam do defundo senhor vosso pai. . .

— De qualquer maneira, a indignação é um bom método que já deu provas em todo o mundo. — interveio o velho dignatário com a cabeça encanecida, temendo que o seu colega gordo cometesse algum erro. — Quanto aos métodos ditos "modernos", fizeram Chi You errar.

Yu sorriu levemente e disse:

— Eu sei. Alguns dizem que o meu pai se transformou num urso castanho, outros, numa tartaruga com três patas. Outros ainda, que só procuro a fama e a fortuna. Deixemo-los falar. O que queria dizer é que estudei a

* Palavras de Confúcio.

configuração do país e ouvi a opinião dos seus habitantes; tendo apreendido na sua total amplitude, decidi empreender o sistema de canalização por qualquer preço. Todos os meus colegas aqui presentes estão de acordo comigo?

Mostra-lhes com as mãos quem o rodeava. Todos os funcionários, os de cabelo e barba branca, os grisalhos, os peraltas, os gordos que transpiravam um suor gorduroso, os gordos que não transpiravam, seguiram com o olhar o seu dedo descobrindo um grupo de homens semelhantes a mendigos, negros e descarnados; imóveis, mudos, graves, dir-se-iam como estátuas de ferro.

IV

Depois da partida do senhor Yu, o tempo tinha passado depressa; insensivelmente, a capital tomava dia a dia um aspecto mais próspero. Primeiro, entre os ricos, via-se gente que usava fatos de seda crua, depois instalaram-se grandes lojas de fruta que vendiam tangerinas e toranjas, grandes casas de tecidos onde estavam estendidas sedas admiráveis. À mesa dos ricaços, começou a aparecer molho de soja de boa qualidade, o guisado de barbatana de tubarão, as saladas de holotúrias. Ainda mais tarde, estas pessoas começaram a poder possuir tapetes de pele de urso, peliças de raposa, ao mesmo tempo que as suas mulheres começaram a aparecer de novo com brincos de ouro e braceletes de prata.

Bastava ficar à porta para ver sempre qualquer novidade: hoje uma viatura carregada de flechas de bambu, amanhã um molhe de tábuas de pinheiro, por vezes rochas para construir rochedos artificiais, outras vezes peixes vivos para confeccionar pratos crus ou ainda grandes tartarugas de um pé e duas polegadas e que, com as cabeças nas carapaças, aprisionadas em cestos de bambu, eram transportadas para dentro das muralhas imperiais.

— Mamã, olha que tartarugas tão grandes — gritavam as crianças e corriam a rodear a viatura.

— Diabretes, ide-vos! É o tesouro de Sua Majestade; quereis que vos cortem a cabeça!

Entretanto as notícias sobre o regresso do senhor Yu à capital multiplicavam-se com a chegada destas preciosidades. Sob os alpendres das casas e das árvores que ladeavam as estradas, contavam-se anedotas sobre ele; a mais corrente contava como ele se tinha metamorfoseado durante a noite num urso castanho e tinha atravessado os nove rios com o seu focinho e as suas garras e como tinha invocado os exércitos celestes para capturar Wu Zhiqi, o monstro que havia desencadeado a inundação e a tempestade, o qual foi esmagado sob a montanha da Tartaruga. Quanto às proezas de Sua Majestade o imperador Shun ninguém falava, quanto muito mencionava-se a incapacidade de Danzhu, o seu herdeiro.

O regresso de Yu à capital já se anunciava há muito; todos os dias havia um grupo de pessoas que ficavam na entrada do acesso à cidade para ver se o seu cortejo aparecia. Mas, sempre nada. Entretanto os rumores pareciam cada vez mais verídicos, a novidade parecia que se ia realizar. Numa manhã semi-encoberta, Yu entrou finalmente na capital de Jizhou entre os aplausos de milhares e milhares de habitantes. À sua frente não vinham arautos, somente um grupo que parecia de mendigos. Ele vinha atrás, gigantesco com as mãos e os pés enormes, o rosto tisnado, a barba amarelecida, as pernas um pouco arqueadas; traz nas mãos uma pedra negra e plana, com

uma ponta — o *Xuan Gui* que lhe tinha sido oferecida por Sua Majestade o imperador Shun, e não deixa de repetir: Passagem, por favor! Passagem, por favor! Abre-se um caminho entre a multidão até ao palácio.

O povo aclamou-o diante da porta e elevou-se um rumor semelhante ao ruído da maré subindo o rio Zhe.

Já de certa idade, o senhor Shun estava assentado no trono do Dragão; à sua lassidão juntava-se alguma inquietação. Quando Yu chegou, levantou-se precipitadamente com cortesia. Depois de uma troca de saudações, o ministro Gao Yao dirigiu primeiro umas palavras de cortesia ao recém-chegado, depois Shun tomou a palavra:

— Conta-me, peço-te, algumas coisas interessantes.

— Hum! Que posso dizer? — respondeu Yu bruscamente. — Penso que se dava continuar a trabalhar duramente todos os dias.

— O que quer dizer trabalhar arduamente? — perguntou Gao Yao.

— O dilúvio chega ao céu — disse Yu. — Cerca as montanhas e inunda as colinas, o povo está mergulhado nas águas. Em terra, desloco-me em viatura, na água de barco, no lodo de jangada, na montanha de cadeirinha. Logo que chego às alturas, corto árvores e, com a ajuda de Yi, procuro dar arroz e carne; desvio as águas dos arrozais para os rios, e dos rios para os mares; com a ajuda de Ji, procuro dar a todos os víveres que lhes faltam; recolho os excedentes para compensar a penúria. E desloco-me segundo as necessidades da população. Assim todos vão recuperando a tranquilidade e a ordem é restabelecida em todas as regiões.

— Bravo! Bravo! São palavras verdadeiramente maravilhosas! — gritou Gao Yao.

— Ah! — retorquiu Yu. — Um imperador deve ter prudência e sangue frio. Se tiverdes a consciência tranquila o céu continuará a conceder-vos o seu favor.

O imperador Shun com um suspiro encarregou-o de governar o país, acrescentando que devia exprimir a sua opinião diante das pessoas e não criticá-las nas costas. Como Yu aceita-se a proposta disse suspirando outra vez:

— Não tomes Danzhu como exemplo; ele não me obedece e só pensa em divertir-se; ele tem os barcos em terra firme e cria desordens no palácio onde torna a existência impossível; é na realidade intolerável!

— Eu parti quatro dias após o meu casamento — respondeu Yu. — A Qi nasceu e eu não tenho sido um pai para o meu filho. Foi por este preço que pude dominar o dilúvio e dividir o império em cinco zonas de cinco mil *li* quadrados, compreendendo doze províncias até ao mar. Nomeei cinco governadores bons, com excepção do dos Miao; deverás vigiá-lo!

— Graças aos teus méritos, o meu império está bem! — disse Shun em seu louvor.

Então, Gao Yao em sinal de respeito inclinou a cabeça. Depois da audiência, o imperador promulgou um decreto especial ordenando aos seus súbditos que imitassem a conduta de Yu sob pena de ser considerados criminosos.

Isto suscitou uma grande confusão entre os comerciantes. Mas, felizmente, a atitude de Yu mudou um pouco após o seu regresso. Se não gastava muito dinheiro na comida e bebida, ostentava um grande fausto nos sacrifícios e cerimónias. Se se vestia simplesmente na vida quotidiana, utilizada ricas vestimentas para ir à corte ao visitar alguém. Por isso o mercado não se ressentiu. E pouco depois, os comerciantes reconheceram também que

deviam seguir o exemplo de Yu e que o novo decreto do senhor Gao era bom. Conheceu-se por fim a paz, de tal forma que os animais selvagens dançavam e que a própria fénix viera participar nas festividades.

Novembro de 1935

A Apanha das Osmondas

I

Ninguém poderia dizer porque há seis meses a esta parte, a calma não reinava em parte alguma nem mesmo no asilo dos velhos. Uma parte dos pensionistas sussurravam tagarelices e agitavam-se entrando e saindo. Boyi* era o único que não prestava atenção às vaidades do mundo. Como se estava no outono, e como era muito velho e friorento, ficava todo o dia sentado na escadaria a aquecer-se ao sol. Mesmo com o barulho de passos precipitados que se aproximavam, nem assim levantou a cabeça.

— Irmão mais velho!

Ao ouvir estas palavras deu-se conta da presença de Shuqi. Observando sempre uma grande delicadeza, Boyi pôs-se de pé antes de erguer a cabeça, e com a mão, convidou o irmão a sentar-se no patamar.

— Irmão mais velho! A situação cada vez se mostra mais precária! — disse Shuqi, ofegante e com uma voz trémula e sentou-se ao lado do irmão.

— O que se passou? — Boyi acabou por virar a cabeça

---

* Boyi e Shuqi eram dois dos filhos do príncipe de Guzhu. Recusando-se a comer o pão dos Zhou, deixaram-se morrer à fome no monte Shouyang quando os Zhou, conquistaram o reino dos Shang.

e viu que Shuqi ainda estava mais pálido do que o costume.

— Ouvisteis a história dos dois cegos que fugiram da corte do rei dos Shang?*

— Hum, parece-me que San Yisheng** me falou disso, mas não prestei qualquer atenção.

— Eu visitei-os hoje, um é o grande mestre Ci, o outro, o jovem mestre Qiang; trouxeram com eles muitos instrumentos de música. Fez-se uma exposição há algum tempo e todos os visitantes ficaram pasmados. Mas, parece que se prepara uma guerra.

— Uma guerra por causa dos instrumentos de música? Isto não estaria de acordo com os costumes dos antigos reis — disse Boyi docemente.

— Não é só por causa dos instrumentos de música. Não ouvisteis dizer que o rei dos Shang agiu contra as normas? Mandou cortar os pés de um homem que, sem se importar com a água glacial, tinha atravessado o rio de manhã, a fim de examinar a medula dos seus ossos, e arrancar o coração do príncipe Bi Gan para ver se este tinha sete orifícios. Ao princípio, não passavam de rumores, mas os cegos desde que chegaram aqui confirmaram-nos. Além do mais, deram a conhecer também que o rei dos Shang violou prescrições muito antigas. Por isso tudo, devemos enviar contra ele uma expedição punitiva. Embora, pense que isso também não conforme a via traçada pelos antigos reis no que respeita às relações do vassalo com o suserano. . .

* Trata-se do rei Zhou da Dinastia Shang, último soberano desta família.

** Ministro cheio de mérito do princípio da Dinastia Zhou, Ligara-se a Xi Bo, conde do Oeste (rei Wen), no final da Dinastia Shang, tendo em seguida acompanhado o rei Wu na expedição punitiva contra o rei Zhou dos Shang.

— Actualmente, as panquecas diminuem cada vez mais, dir-se-ia que se vai passar alguma coisa — Boyi pareceu reflectir e continuou — Na minha opinião, parece-me melhor que saias menos, que tenhas cobro na língua e que continues a praticar todos os dias *Taijiquan*.

— Sim. . . — concordou vagamente Shuqi, devido à sua idade.

— Pensa bem. . . — sabendo que o irmão não estava totalmente convencido, continuou — Fomos recebidos aqui na qualidade de hóspedes do conde do Oeste* porque ele respeita os velhos. Nós devemos nos abster de dizer seja o que for; se as panquecas se tornarem menores não temos de nos queixar mesmo se alguma coisa pior acontecer.

— Então, não viemos para aqui procurar um asilo para a nossa velhice?

— O melhor é falar pouco. Já não tenho forças suficientes para ouvir isto.

Boyi começou a tossir; Shuqi calou-se. Logo que a tosse passou, estabeleceu-se um grande silêncio. As suas duas longas barbas brancas banhadas pelo sol do fim do outono cintilavam como neve.

II

Entretanto o mau estar aumentava constantemente. Não só as bolachas começaram a diminuir, mas a farinha tornava-se cada vez mais grosseira. Entretanto os pensionistas murmurassem cada vez mais, o barulho das

* Ji Chang, o rei Wen dos Zhou, embora ainda fosse vassalo dos Shang.

viaturas com o dos cascos dos cavalos chegavam do exterior e Shuqi saía ainda mais frequentemente. Embora não falasse em que quer que fosse, Boyi sentia um mau estar crescente e a sua expressão mostrava ansiedade, pressentindo que dentro em pouco deixaria de poder comer a sua tigela de arroz em paz.

Uma manhã da última década do undécimo mês do ano, Shuqi preparava-se para praticar como de costume a sua preparação de *Taijiquan* ao levantar-se, mas chegando ao pátio, apurou o ouvido, abriu a porta e saiu. Passado tempo necessário para cozer dez bolachas e já estava de volta, arquejante e alterado, o nariz vermelho do frio, saindo-lhe da boca vapor branco.

— Irmão mais velho! Levantas-te! É a partida dos soldados! — gritou junto da cama do irmão, com os braços pendentes numa atitude de respeito, mas com uma voz ronca.

Boyi, friorento, repugnava-lhe levantar-se tão cedo, mas o seu profundo amor fraternal comoveu-se com a inquietação do seu irmão mais novo, cerrou os dentes para se sentar, meteu a peliça e vestiu as calças por baixo da protecção.

— Quando ia fazer os meus exercícios de boxe — disse Shuqi enquanto o esperava. — Ouvi passar lá fora homens e cavalos, fui a correr ver e eles tinham chegado. À frente, uma grande liteira, decorada com seda branca, levada por oitenta e um homens e que levava uma tábua com a inscrição: "Assento os manes do rei Wen da grande Dinastia dos Zhou", atrás só soldados. Eu penso que vão certamente mandar uma expedição punitiva contra os Shang. O actual rei Zhou, cheio de amor filial, faz sempre as insígnias do rei Wen adiante quando leva

a cabo qualquer missão. Pouco depois, voltei para dentro e dei conta de uma proclamação afixada na parede do nosso asilo.

Boyi, entretanto, acabara de se vestir e os dois irmãos saíram de casa. Uma corrente fria percorreu-os e fê-los encolherem-se. Logo que saíram o portal descobriram as novidades. A alguns passos, Shuqi mostrou-lhe um grande cartaz colado a parede:

DECRETO OFICIAL

Visto que o actual rei Zhou dos Shang, deixando-se persuadir pela sua mulher, traiu a vontade do céu, desprezando os três princípios fundamentais e renegando o seu pai, a sua mãe e o seu irmão;

Visto que abandonou a música dos antepassados e substituiu os ares clássicos, por licenciosos para agradar a mulher;

Decidimos infligir-lhe um castigo justo conforme mandato do céu.

Que todos os homens apelem à sua valentia!

É uma tentativa que não se pode repetir nem duas nem três vezes!

Acabada a leitura deste, os dois irmãos ficaram em silêncio e dirigiram-se para a estrada onde a multidão se concentrava em massa compacta dos dois lados.

Tendo ouvido "desculpas" atrás deles, as pessoas voltaram-se, e quando viram os dois velhos encanecidos, afastaram-se rapidamente para lhes darem passagem, dando cumprimento ao édito imperial do rei Wen que

mandava respeitar às pessoas idosas. A placa que precedia o desfile já não se via, agora só guerreiros protegidos por armaduras passavam em fila, demorando o tempo necessário para cozer trezentas e cinquenta e duas bolachas. Depois mais soldados apareceram trazendo aos ombros estandartes com nove pontas como nuvens multicolores. Passaram ainda guerreiros com armaduras seguidos de um grupo importante de dignatários civis e militares montando belos corceis e que escoltavam um príncipe de rosto queimado e barbudo, trazendo uma acha de bronze na mão esquerda e um caça-moscas feito de cauda de iaque branco na mão direita e vestido de uma forma majestosa. Era Fa, o rei dos Zhou* que partia para "infligir um castigo justo segundo mandato do céu".

Na multidão respeitosa, que ladeava a estrada, nem um gesto, nem uma palavra. No meio deste grande silêncio, eis que Shuqi, trazendo Boyi pela mão, se atravessa à frente dos cavalos e, fazendo abrandar a brida do corcel do rei dos Zhou, grita com todas as suas forças:

— Pode-se falar de "amor filial" quando se levanta um exército em lugar de enterrar o pai? De "benevolência" quando um vassalo tenta assassinar o seu suserano?. . .

De repente, a multidão e os oficiais da escolta de Sua Majestade ficaram espantados e a cauda de iaque branco inclinou-se na mão do rei. Mas após a apóstrofe de Shuqi, ouviu-se o tinir ensurdecedor dos sabres que iam cair sobre as cabeças dos dois irmãos.

— Parai!

* Ji Fa, filho do rei Wen dos Zhou.

Todos reconheceram a voz do patriarca Jiang Shang,* a quem ninguém ousava desobedecer. Pararam os braços e os olhares fixaram-se nesta cabeça encanecida, mas gorda e arredondada.

— São homens animados de justiça, deixemo-los partir!

Os oficiais voltaram a embainhar as armas. Quatro soldados com armadura saíram das fileiras, puseram-se em sentido e saudaram Boyi e Shuqi com respeito, depois cada um dos dois irmãos foram seguros por dois homens e levados para a beira da estrada. A multidão apressou-se a abrir alas para os deixarem passar para trás.

Ali chegados, os soldados largaram as suas presas, saudaram-nos de novo, depois deram-lhes uma vigorosa palmada nas costas. Os dois irmãos soltaram um grito, estraboucharam numa distância de dez pés, acabando por caírem com grande estrondo no chão. Shuqi, protegendo a queda com as mãos, ergueu-se com a cara suja de lama, Boyi, mais velho, e tendo a sua cabeça batido contra uma pedra, perdeu a consciência.

III

Após o desfile do grande exército, logo que este desapareceu, a multidão virou-se para o lugar onde Boyi estava estendido e Shuqi assentado e rodeou-os. Alguns que os conheciam disseram à assistência que eles eram os dois filhos do príncipe Guzhu e que tinham abdicado do trono um favor do outro, tendo-se refugiado no asilo

* O conselheiro-mor do rei Wu dos Zhou.

de velhos fundado pelo defunto rei. Esta informação causou a admiração de todos; alguns acocoraram-se para admirar Shuqi, outros voltaram a casa para prepararem um caldo de gengibre, ainda alguém foi avisar o asilo e pedir que fossem buscar o ferido num batente de porta.

Depois, passado o tempo necessário para cozer cento e três ou quatro bolachas, nada tendo mudado, os basbaques começaram a debandar aos poucos. Bastante tempo depois, dois velhos chegaram finalmente, coxeando, com um batente de porta atapetado com um colchão de palha de arroz, conforme uma velha medida tomada pelo rei Wen a favor dos velhos. Ploc! O batente foi posto em terra. Ao ouvir o barulho, Boyi abriu de repente os olhos: tinha recuperado os sentidos. Shuqi, admirado, soltou um grito de alegria e ajudou os dois homens a estendê-lo docemente sobre a porta para o transportarem para o asilo. E marchando ao lado deles, seguiu-os, sustentando a corda amarrada ao batente.

Tinham andado cerca de sessenta passos, quando ouviram alguém gritar ao longe:

— Parai! Eis a copa de gengibre!

Uma jovem dirigia-se para eles, com um cântaro de grés na mão, ela não caminhava muito depressa com medo, provavelmente, de entornar o caldo.

Pararam para a esperar. Shuqi agradeceu-lhe. Ela pareceu ao princípio um pouco contrariada ao ver que Boyi tinha recuperado o conhecimento, depois de ter pensado um pouco, aconselhou-lhe que mesmo assim era melhor tomar o caldo para aquecer o estômago. Mas Boyi, que tinha medo das comidas picantes, recusou-se a fazê-lo.

— O que vou fazer agora? Foi preparado com gengibre com oito anos! Não se encontra em mais parte nenhuma! E na nossa casa ninguém toma coisas picantes. . .

Estava manifestamente aborrecida.

Shuqi acabou por pegar no cântaro e persuadiu o irmão a tomar um ou dois goles. Como ainda sobejasse muito líquido, ele acabou-o fingindo que sofria de gastrite. As suas pálpebras ficaram inflamadas, mas ele fez profundos elogios sobre a eficácia do caldo para agradecer a bondade da senhora. O incidente estava encerrado.

De volta ao asilo os dois velhos não se ressentiram muito da aventura, ao terceiro dia, Boyi pode deixar o leito embora tivesse um grande alto na testa e lhe faltasse o apetite.

Tanto os oficiais, não querendo que eles crescessem que estavam nas nuvens, enviavam-lhes notícias que lhes inquietavam a calma quer fossem informações oficiais ou rumores. No final do décimo segundo mês, soube-se que a maior parte do exército tinha atravessado o rio Mengjin e que os senhores feudais se tinham reunido todos. Pouco depois, a "Grande Proclamação" do rei Wu espalhou-se. O exemplar destinado especialmente aos velhos do asilo estava escrito com caracteres do tamanho de nozes, tendo em conta a fraca vista destes. Por isso Boyi não se esforçou por tomar conhecimento dela, limitando-se a ouvir o seu irmão lê-la em voz alta, o conjunto pareceu-lhe satisfatório, mas, estas frases: "Abandonar os seus antepassados se lhe prestarem o culto que lhe são devidos, deixar o país ao abandono. . .", fora do contexto, pareceram-lhe dilacerar o coração.

Por entre os rumores que circulavam, dizia-se que, à chegada a Muye, o exército dos Zhou tinha travado uma grande batalha contra o do rei dos Shang, de forma

que os campos estavam juncados de cadáveres e que o sangue corria como um rio no qual se viam flutuar as hastes das armas, tal como a palha sobre a água. Outros asseguravam que as tropas do rei do Shang não tinham sequer travado batalha e tinham fugido ao verem o patriarca Jiang à frente do seu grande exército, o que tinha aberto caminho ao rei Wu.

Embora estas duas versões fossem contraditórias, a vitória de Wu era certa. Os tesouros de Lutai, o arroz branco de Juqiao,* que levaram em seguida era a prova. Os feridos continuavam a chegar, o que demonstrava que uma grande batalha tivera lugar. Todos aqueles que ainda podiam andar, bem ou mal, iam sentar-se nas casas de chá, botequins, barbearias ou sob a soleira ou a porta dos habitantes para contar histórias de guerra e em todos os lugares encontravam uma audiência apaixonada. A primavera tinha chegado: no exterior já não estava frio, por isso as narrações podiam continuar pelo noite fora.

Tendo uma digestão má, os dois irmãos não chegavam a acabar as bolachas que lhes distribuíam às refeições. Quanto ao deitar, procediam como anteriormente, deitavam-se ao pôr do dia, mas tornava-se impossível adormecerem. Boyi virava-se e revirava-se na cama e ao ouvi-lo, Shuqi ficava tão aborrecido e inquieto que se levantava, vestia-se e ia para o pátio andar um pouco ou fazer exercícios de *Taijiquan*.

Numa noite estrelada mas sem lua, num silêncio que convidava a dormir, as pessoas punham-se a conversar diante da grande porta. Shuqi, inconscientemente,

* Lutai (Terraço do Cervo) e Juqiao (a Grande Ponte) eram os depósitos das riquezas do rei dos Shang. No primeiro estavam acumulados os tesouros, no segundo, os cereais.

parava de ouvido à escuta, embora não tivesse por hábito escutar o que os outros diziam.

— Completamente batido, o rei dos Shang salvou-se em Lutai — aquele que falava era possivelmente um dos soldados feridos que voltara da frente. — Falas! Empilhou os seus tesouros e fechando-se com eles e depois lançou fogo ao lugar.

— Oh, que pena! — era a voz do porteiro.

— Não te preocupes! Ele queimou, mas não os seus tesouros. À frente de todos os senhores feudais, o nosso grande rei fez a sua entrada no reino dos Shang. Todos os habitantes saíram da cidade para nos darem as boas-vindas. O nosso rei ordenou aos seus oficiais para os saudarem com o grito: "A paz esteja convosco!" Então, prostraram-se todos. Entrámos sem problemas na cidade onde sobre todas as portas estavam escritos dois grandes caracteres dizendo: "Povo submisso". O carro do grande rei prosseguiu até Lutai e encontrado o lugar onde se havia suicidado o rei dos Shang, o nosso soberano atirou três flechas. . .

— Para que? Temia que ele não tivesse morto? — perguntou outra voz.

— Quem sabe! Depois, deu-lhe uma pequena espadeirada, finalmente, apanhou a sua acha de bronze e zás! A cabeça caiu e embrulharam-na num grande estandarte branco.

Shuqi ao ouvir o relato caiu em profundo abatimento.

— Depois, foi à procura das duas concubinas do rei dos Shang. Eh! elas já se tinham enforcado. O nosso grande rei ainda lhes atirou três flechas, desembainhou a espada para lhes dar um golpe, depois, com a acha negra, cortou-lhes as cabeças que foram embrulhadas

em dois pequenos estandartes brancos. Desta maneira. . .

— É verdade que as concubinas eram bonitas? — interveio o porteiro.

— Não sei, o poste era tão alto, os espectadores tão numerosos e a minha ferida doia-me tanto, que não me misturei com a multidão.

— Dizia-se que uma delas de nome Danji, era um espírito de raposa o qual, só não conseguira transformar as duas patas traseiras em pés e por essa razão ela tinha-as sempre envolvidas em ligaduras de tela; é verdade?

— Que sei eu! Também não vi os seus pés. Contudo, ali, há bastantes mulheres que transformam os seus pés em pés de porcos.

Shuqi encontrava-se austero; ergueu as sobrancelhas e deixou de escutar logo que a conversa tinha passado da cabeça do rei para os pés das mulheres e voltou para o seu quarto. Boyi que ainda não tinha adormecido perguntou-lhe docemente:

— Foste praticar boxe?

Shuqi ao princípio não lhe respondeu, foi lentamente até à cama do irmão e sentou-se na borda; então, debruçando-se sobre o mais velho, contou-lhe tudo o que acabara de ouvir. Depois, ficaram silenciosos. Pouco depois, Shuqi suspirou com desalento e murmurou:

— Transgredir assim os preceitos do rei Wen, quem o poderia acreditar!. . . Vê, é não só uma ofensa ao amor filial, mas também à benevolência. . . assim não podemos comer mais o seu arroz.

— Então, o que vamos fazer? — perguntou Boyi.

— Na minha opinião, devemos partir. . .

Depois de uma troca de ideias, decidiram deixar o asilo

no dia seguinte ao nascer do sol, de não comer mais as bolachas do reino dos Zhou e nada trazido de fora. Os dois irmãos iriam juntos para os montes Huashan para aí passarem a velhice e alimentar-se-iam de folhas e frutos selvagens. "A via celeste é imparcial, ela está muitas vezes como os homens honestos"; podia ser que encontrassem mesmo *Cangzhu** ou trufas.

Depois de tomarem estas decisões, sentiram-se mais aliviados. Shuqi despiu-se para se deitar e pouco depois, ouviu Boyi falar sonhando; quanto a ele próprio, cheio de excitação, parecia-lhe cheirar a trufas e adormeceu profundamente.

IV

No dia seguinte os dois irmãos levantaram-se mais cedo do que o costume, depois de se lavarem, sem levarem nada a não ser as suas peliças de pele de carneiro que não queriam deixar e que vestiram como de costume, pegaram nos seus cajados e nas bolachas que lhes restavam, e, com o pretexto de irem passear, saíram pela porta principal do asilo. Ao pensarem que iam deixar estes lugares definitivamente, sentiram um certo sentimento de ligação e voltaram-se mais de uma vez para lançar um último olhar ao asilo.

Não havia muita gente nas ruas, só algumas mulheres com os olhos inchados pelo sono que tiravam água de um poço. Quando chegaram aos arredores, o sol já ia alto. Os que se cruzavam com eles aumentavam de

* Espécie de rizoma usado na medicina tradicional chinesa.

número. A maior parte, andando com a cabeça erguida, tinham ar de estarem contentes consigo próprios, dando passagem aos velhos logo que os viam. O campo cada vez tinha mais árvores. Sobre os ramos despidos, que escondiam ainda o seu nome, tenros botões tinham-se formado, dir-se-ia uma bruma ligeira de um verde cinza, sob a qual o esmeralda dos pinheiros e das tuias brilhava mais fortemente.

Embriagados pelo espaço, liberdade e beleza, Boyi e Shuqi tinham a impressão de terem reencontrado a juventude; marchavam com um passo mais ligeiro e com o coração cheio de alegria.

No dia seguinte de tarde, chegados a um cruzamento, não tinham a certeza qual o caminho a seguir, por isso abordaram cortesmente um velho que passava para lhe pedirem conselho.

— Oh! Que pena! — disse.— Se tivessem chegado um pouco mais cedo, não teríeis de fazer mais nada que seguir o grupo de cavalos que acaba de passar. Agora tomai esta estrada; mais adiante encontrareis outros cruzamentos; perguntai novamente.

Shuqi recordava-se que ao meio dia, tinham encontrado alguns inválidos que conduziam um grupo de cavalos velhos, magros, mancos, sarnosos e quase não podendo com os cascos. Aproveitou a ocasião para perguntar ao velho a razão daquela deslocação.

— Ainda não sabeis? — respondeu o homem. — O nosso grande rei "infligiu um castigo justo conforme mandato do céu", portanto já não tem necessidade de homens para o exército, por isso ele "devolve os cavalos para as faldas sul dos montes Huashan". Admirai-vos? E nós que "aposentamos os nossos bovinos nas pradarias do pomar de pessegueiros"! Eh! Desta vez iremos seguramente comer o nosso arroz em paz.

Esta notícia caiu como um balde de água fria sobre os dois irmãos, estremeceram, mas mantiveram-se impassíveis e, tendo agradecido ao velho, tomaram o caminho indicado. A ideia de que aqueles cavalos iam pastar para as faldas sul dos montes Huashan tinha desfeito o seu sonho e criou-lhes inquietação no coração.

Guardando para si próprios as suas preocupações, caminharam sem dizer uma palavra, ao cair da noite, chegados junto de uma colina de loess, sobre a qual distinguiam-se bosques e algumas casas de terra, decidiram pedir aí abrigo para passarem a noite.

Estavam a uma dezena de pés da colina, quando surgiram cinco grandes figurões com turbantes de tela branca, com as roupas em farrapos; o chefe estava armado com um grande sabre, os outros com simples paus. Chegados ao sopé da colina, puseram-se em linha para barrar o caminho. E, inclinando a cabeça com respeito, gritaram todos a uma voz:

— Meus bons senhores! Como vos portais?

Os dois irmãos, transidos de medo, recuaram alguns passos. Boyi começou a tremer; mantendo a presença de espírito, Shuqi avançou resolutamente para lhes perguntar quem eram e que queriam.

— Eu sou Qiongqi, o Jovem, chefe dos montes Huashan — disse aquele que tinha o grande sabre. — Em nome dos meus camaradas, peço-vos que nos paguem o direito de passagem!

— Chefe! Como poderíamos ter dinheiro? — explicou Shuqi com delicadeza. — Nós saímos do asilo dos velhos!

— Ah! — retorquiu Qiongqi, o Jovem, surpreendido e

continuou com respeito. — Nesse caso vós sois os dois "grandes velhos do império". Nós, os humildes, seguimos também o ensinamento do nosso defunto rei relativo à veneração dos velhos; por isso só lhes pedimos que nos deixais uma pequena recordação. . . —perante o mutismo de Shuqi, brandiu o seu grande sabre e gritou— Vamos ser obrigados a praticar uma loucura conforme os mandamentos do céu e examinar os vossos nobres corpos, se continuais a actuar assim!

Boyi e Shuqi levantaram imediatamente os braços; um dos homens com um pau acabara de desabotoar as suas peliças, depois os fatos forrados de algodão e por fim as camisas para fazer um exame minucioso.

— Dois pobres diabos! Na realidade, não têm nada! — disse virando-se para Qiongqi, o Jovem, com uma expressão de desapontamento.

Reparando que Boyi tremulava, Qiongqi avançou na sua direcção e batendo-lhe no ombro disse:

— Respeitável velho, não tenhais medo! Nós somos civilizados, não praticamos o "despir dos porcos" como a escola shangaiense. Que não tenhais nenhuma recordação para nos deixarem é azar nosso. Agora ide-vos!

Incapaz de responder, Boyi, sem perder tempo nem sequer a abotoar os botões, pôs-se em marcha com grandes passadas com o seu irmão de olhos baixos. Nessa altura os cinco homens haviam-se já afastado para lhes darem passagem. Olhavam-nos e, com os braços caídos em sinal de respeito, disseram em uníssono:

— Partis? Não quereis tomar chá?

— Não, não. . . — disseram Boyi e Shuqi continuando a andar sem deixarem de abanar a cabeça.

V

O envio dos cavalos para as vertentes sul dos montes Huashan e a aparição de Qiongqi, o Jovem, chefe do bando da região, para estes dois homens, amantes da justiça, tornava a região suspeita. Eles conversaram e decidiram ir para o norte. Depois de dias de marcha desde o nascer ao pôr do sol, mendigando comida, acabaram por chegar ao monte Shouyang.

Era justamente o lugar que lhes convinha: a montanha não era demasiado alta, nem muito profunda; não havia grandes florestas, nem tigres, nem lobos a temer, bandidos também não. Era o lugar ideal. Nos vales da montanha, os seus olhares abrangiam uma folhagem de um verde tenro, uma terra amarela dourada e pradarias de ervas selvagens onde sobressaíam flores vermelhas e brancas cuja visão lhes alegrava logo o coração. Subiram alegremente a vereda, batendo no solo com os seus bastãos até que chegaram a um rochedo um pouco saído que formava uma espécie de abrigo. Ali, sentaram-se para enxugar os rostos e retomarem alento.

O sol já sombreava o horizonte; as aves cansadas tinham ido para os bosques; o seu pipilar perturbava a tranquilidade que tinha reinado durante a ascensão dos velhos, mas era para eles, igualmente, uma novidade e um encanto. Depois de terem estendido as peliças de carneiro e antes de se deitarem, Shuqi tirou duas tigelas de arroz e dividiu-as com Boyi. Era o arroz que tinham mendigado ao longo da estrada. Tendo ambos decidido "não comer mais os grãos dos Zhou", logo que se instalassem no monte Shouyang, acabaram o arroz nessa mesma

noite para observarem estreitamente esse princípio a partir do dia seguinte.

Acordaram muito cedo por causa dos corvos, mas voltaram a adormecer; quando voltaram a acordar, a manhã já ia avançada. Boyi não se aguentava mais de pé. Shuqi partiu só em busca de alguma coisa para comerem. Depois de ter caminhado um pouco, descobriu que a montanha que tinha tantas vantagens, como a ausência de feras e de bandidos, apresentava os seus inconvenientes: a aldeia de Shouyang encontrava-se em baixo, velhos ou mulheres vinham muitas vezes para apanhar madeira ao bosque e as crianças também a subiam para brincarem, também não se encontrava qualquer fruto selvagem comestível, tudo tinha sido colhido há muito.

Ele pensava naturalmente nas trufas. Havia pinheiros nas montanhas, mas, como não eram árvores velhas, parecia-lhe que não teriam trufas nas raizes, além disso, sem enxada não havia forma de as extrair. Sonhava também com os *Cangzhu,* mas só tinha visto os tubérculos e ignorava a forma das folhas. Era impossível arrancar todas as plantas das montanhas para as examinar! Mesmo se esta planta se encontrasse perante os seus olhos não sabia como reconhecê-la. O seu coração irritou-se; o seu rosto inflamou-se, não deixava de coçar a cabeça.

Mas ocorreu-lhe uma ideia que lhe devolveu a calma. Foi até aos pinheiros, começou a colher agulhas e encheu um panejamento do seu fato com estas. Na margem de um riacho apanhou dois calhaus com os quais começou a bater nas agulhas para tirar a parte verde. Depois lavou-as, voltou a bater-lhes até obter uma espécie de

pasta. Apanhou uma placa de ardósia e voltou para a gruta com o que tinha preparado.

— Meu terceiro irmão mais novo tens algo que se coma? Tenho tanta fome que o meu estômago já gorgoleja — disse Boyi logo que viu o irmão.

— Meu irmão mais velho não encontrei nada. Experimentemos isto.

Sobre duas pedras que tinha arranjado, pôs a ardósia sobre a qual tinha estendido a pasta de agulhas de pinheiro; amassou melhor a massa e deitou fogo. Demorou um tempo infinito até que a massa húmida começasse a encrespar-se, exalando um odor puro que lhes fez crescer água na boca. Shuqi sorriu de satisfação, era uma receita que tinha obtido quando comemorara o octogésimo quinto aniversário do patriarca Jiang.

Após este cheiro precioso, formaram-se bolhas em volta da pasta, depois esta secou e ficou uma bolacha. Sorridente Shuqi pegou na ardósia protegendo as mãos para a levar a Boyi que tentou tirar um bocado soprando; por fim conseguiu-o e levou-o à boca. Mastigou-o, franzindo cada vez mais as sobrancelhas e acabou por esticar o pescoço para o engolir; ficou com náuseas e cuspiu-o ruidosamente. Com uma voz de recriminação disse a Shuqi:

— Amargo. . . grosseiro!. . .

Shuqi teve a impressão de cair num abismo, todas as suas esperanças reduzidas a nada. Partiu também um pouco da bolacha com as mãos a tremerem e pôs-se a mastigá-la; era verdadeiramente incomestível: amargo e grosseiro!

Tendo perdido toda a coragem, Shuqi sentou-se de cabeça baixa. Entretanto continuava a pensar, fazendo funcionar; parecia-lhe querer sair de um abismo es-

calando-o. Ele escalava e voltava a escalar, sempre sentindo a sensação de se sentir como em criança, herdeiro do príncipe Guzhu, assentado nos joelhos da ama. Esta, uma camponesa, contava-lhe histórias. A vitória do imperador Amarelo sobre Chi You, a captura de Wu Zhiqi por Yu, o Grande; e também como, durante os períodos de fome, os camponeses faziam a colheita das osmondas.

Recordava-se do aspecto das osmondas pelas descrições que lhe tinham feito; ele tinha visto este fruto na montanha. Recobrou a energia, pôs-se de pé e passou pelas ervas altas com grandes passadas à procura da planta.

Com efeito, havia muitas. Em menos de um *li* tinha enchido mais de metade da falda do seu fato.

Foi ainda ao ribeiro lavar a sua colheita antes de voltar e, sobre a mesma ardósia, coziu as osmondas. O verde das folhas escureceu. Estava feito mas, desta vez, não ousando dá-las a provar primeiro ao seu irmão, pegou numas poucas, meteu-as na boca, mastigando-as de olhos fechados.

— Então, como são? — perguntou Boyi ansioso.

— Deliciosas!

Os dois homens, sorridentes, devoraram as osmondas grelhadas. Boyi, na qualidade de irmão mais velho teve direito de comer dois pedaços mais.

A partir de aí faziam a recolha das osmondas. Primeiro, era Shuqi que ia sozinho, encarregando-se Boyi de as cozer; depois sentido-se mais forte, Boyi quis acompanhá-lo. Ao mesmo tempo aumentaram as receitas para as preparar: caldo de osmondas, sopa, puré, guisado, rebento de osmondas cozido no seu próprio molho, folhas novas de osmondas secas, etc.

Entretanto, o número de osmondas diminuía grandemente nas cercanias e não podiam crescer num lapso de tempo tão curto apesar de terem o cuidado de deixar as raizes na terra. Cada vez era preciso ir mais longe. Pouco tempo depois voltava-se ao mesmo problema. Além disso, encontrar outro sítio para habitar era difícil, pois era necessário ter simultaneamente osmondas e água nas proximidades; ora tais sítios eram raros no monte Shouyang. Temendo que Boyi, por causa da sua veneranda idade, apanhasse frio, como precaução, Shuqi esforçava-se por o persuadir a ficar no refúgio, fazendo os cozinhados como anteriormente e deixando-o ir só apanhar a fruta.

Após uma troca de gentilezas, Boyi acabou por aceitar e agora que dispunha de mais tempo livre, a sua existência era mais agradável. Contudo, o monte Shouyang era um lugar frequentado e como o caracter do velho tinha se tornado ocioso, se bem que taciturno tinha tornado falador, não podia deixar de implicar com as crianças ou de tagarelar com os lenhadores. Um dia num acesso de bom humor ou porque lhe tinham tratado por velho mendigo, acabou por revelar que o seu irmão e ele eram originalmente filhos do príncipe da região de Guzhu no Liaoxi, sendo ele o mais velho e o outro o terceiro filho. O pai tinha acabado por escolher este último como herdeiro do trono, mas quando o pai morreu, o mais jovem quis abdicar a favor do mais velho. Para respeitar a vontade do defunto e evitar complicações, o mais velho tinha fugido. Mas o terceiro filho agiu da mesma maneira. Tendo-se encontrado no caminho, dirigiram-se juntos perante o conde do Oeste, o futuro

rei Wen, que os havia internado num asilo para velhos. Mas como o actual rei dos Zhou tinha assassinado o seu suserano, por isso não podiam comer mais coisas dos Zhou e tinham-se refugiado no monte Shouyang onde se alimentavam de plantas selvagens. . . Quando Shuqi teve conhecimento destas gabarolices, ficou muito desgostoso; mas a história já se tinha espalhado. Embora não ousasse repreender o irmão, não deixava de pensar interiormente que não tinha faltado clarividência a seu pai quando o não tinha escolhido como herdeiro do trono.

Shuqi não se tinha enganado nos seus pressentimentos. As gabarolices tiveram consequências muito incómodas; não só se contava incessantemente na aldeia a história deles mas eram visitados amiudadamente. Alguns tomavam-nos por celebridades, outros por fenómenos e ainda outros por animais curiosos. Havia mesmo quem o seguisse nas suas colheitas de osmondas e que os rodeavam para ver como comiam estas plantas, tudo isto acompanhado de gestos e perguntas que lhes faziam tonturas. A mais pequena inadvertência, ou o mais pequeno soerguer das sobrancelhas teria podido levar a serem considerados de "mau caracter".

Apesar disso, a opinião pública era cada vez mais favorável. Mais tarde, até meninas e senhoras os começaram a vir ver. Mas de regresso à aldeia, elas diziam sacudindo a cabeça que o espectáculo não tinha nada de belo e que tinham sido bem enganadas.

Finalmente, os rumores chamaram a atenção do senhor Xiaobing, a pessoa mais notável da aldeia de Shouyang. Ele era o genro da filha adoptiva do tio materno de Daji

e titular do lugar de mestre de libações.* Vendo que o mandato do céu mudava de mãos, tinha ido prestar vassalagem ao rei dos Zhou, levando com ele cinquenta carroças carregadas de bagagem e oitocentos escravos entre homens e mulheres. Por azar, este reunião teve lugar só alguns dias antes do encontro das tropas diante do vau de Mengjin. Muito ocupado com este movimento de tropas, o rei dos Zhou não lhe deu um posto adequado; tinha ficado com quarenta carroças de mercadorias e setecentos e cinquenta escravos e, em contrapartida, tinha-lhe dado dois hectares de terra fértil situada junto do monte Shouyang ordenando-lhe que ficasse na povoação a estudar a teoria dos oito trigramas. O dignatário gostava de estudos literários. Como todas as pessoas da aldeia fossem rústicas, não possuindo qualquer noção de literatura, ele aborrecia-se mortalmente; deu ordem aos seus lacaios para que lhe preparassem a liteira para ir conversar com os dois velhos sobre literatura e sobretudo poesia, porque ele próprio era poeta e autor de uma antologia.

Contudo depois da entrevista, sacudiu a cabeça quando subia para a cadeirinha e mostrava-se mesmo de mau humor ao regressar a casa. Estava convencido que aqueles homenzinhos eram incapazes de falarem de poesia. Primeiro, eram pobres; como se podia compor belos poemas quando se gastavam tantas energias para assegurar a subsistência? Em segundo lugar, os seus "espíritos activos" tinham-lhes feito perder a "candura"

* Antigamente, era costume que um homem de idade e virtuoso fizesse libações aos deuses no começo dos banquetes. Depois das dinastias Han e Wei, este rito era executado por um funcionário, como por exemplo: o mestre das libações da Academia imperial ou do Colégio imperial, etc.

da poesia. Em terceiro lugar, as suas críticas faziam-lhes perder a "doçura". O pior de tudo é que os seus caracteres estavam cheios de contradições. Tomado por um espírito repentino de justiça, declarou firmemente:

— "Sob o céu, toda a terra pertence ao rei"; as osmondas que eles comem não pertencerão ao rei?

Entretanto, Boyi e Shuqi emagreciam dia a dia. Não era por terem demasiadas ocupações mundanas, pelo contrário pois os visitantes diminuíam de dia para dia. Mas, as osmondas iam faltando progressivamente. Todos os dias para colher um punhado, era preciso despender muito esforço e fazer grandes caminhadas.

Uma infelicidade nunca vem só. Quando se cai num poço há sempre uma pedra que caía na cabeça.

Um dia quando comiam osmondas grelhadas, almoço que estavam a tomar a tarde pois tinham tido bastante dificuldade em as encontrar, apareceu-lhes uma mulher de uns vinte anos que nunca tinham visto antes. Tinha aspecto de ser criada de uma casa rica.

— Estais a comer? — perguntou ela.

Levantando os olhos e esboçando um sorriso, Shuqi fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— O que comeis? — voltou ela a interrogar.

— Osmondas — respondeu Boyi.

— Porque comeis isso?

— Porque não queremos comer os grãos dos Zhou. . .

Mal pronunciou esta frase, Shuqi deu-lhe uma olhadela. A mulher que tinha visivelmente um espírito vivo ao perceber o significado, com um riso irónico, trazido pela sua fúria justiceira, declarou categoricamente:

— "Sob o céu, toda a terra pertence ao rei"; não pertencerão a Sua Majestade as osmondas que comeis?

Boyi e Shuqi escutaram claramente todas as palavras e a última frase pareceu-lhes um trovão; caíram desmaiados. Quando retomaram a consciência, a criada já tinha partido. Naturalmente, não tiveram coragem de acabar as osmondas e só de as olhar sentiam vergonha; eles nem sequer tiveram forças para as afastarem, pois os seus braços pareciam pesar centenas de libras.

VI

Foi por acaso que um lenhador descobriu os cadáveres de Boyi e Shuqi, todos encarquilhados numa gruta atrás da montanha. A morte devia ter chegado à cerca de vinte dias. Por causa da sua magreza, os corpos não estavam decompostos e a morte parecia recente; as suas velhas peliças de carneiro tinham desaparecido não se sabe onde. A novidade espalhou-se na aldeia e provocou um vai-vem de gente que os iam ver. Finalmente, alguns homens de boa vontade enterraram-nos no local sob a terra amarela e decidiram erigir uma estela com inscrição a fim daquele lugar constituir um local de peregrinação para a posteridade.

Como ninguém soubesse escrever na aldeia, foram procurar Xiaobing.

Mas este recusou-se a fazer a inscrição.

— Eles não são dignos a que me dê a esse trabalho — disse. — São imbecis. Abrigarem-se no asilo, ainda se admite, mas eles não queriam manterem-se afastados da política, fugirem para a montanha Shouyang, vá que não vá, mas eles queriam fazer poesia; fazer poesias, pode passar, mas eles queriam exprimir o seu rancor em

lugar de se contentarem com a sua sorte e de se dedicarem "à arte pela arte". Digam-me pessoas que escrevem versos como estes podem ter um carácter eterno?

Trepamos a montanha do oeste para colher osmondas,
Um bandido substitui outro bandido sem ver o seu
próprio erro.
Os imperadores Shen Nong, Shun e Xia morreram, a
quem devemos seguir?
Ah! morramos de infelicidade agarrados ao destino!

— Vejam que linguagem? — continuou. — A poesia deve transmitir doçura e candura. Um escrito como este exala não só "rancores", mas, tem "injúrias". Espinha sem flores, é uma coisa inadmissível, mas uma teia de injúrias. Mas deixemos a literatura; ao abandonarem a terra dos seus antepassados, não mostraram amor filial e uma vez chegados aqui, criticaram a política da corte, não eram súbditos leais. . . Recuso-me a fazer-lhes uma inscrição. . .

Os aldeãos iletrados não compreendiam com precisão a sua diatribe, mas, pelo seu comportamento, perceberam que ele era contra o projecto e abandonaram-no. E foi assim que terminaram as honras fúnebres de Boyi e Shuqi.

Contudo, nas noites de verão, quando tomavam ar fresco nas ruas, havia pessoas que falavam deles. Uns asseguravam que tinham morrido de velhice, outros de doença e alguns que tinham sido mortos pelos bandidos para lhes roubarem as peliças. Mais tarde sugeriu-se que eles tivessem simplesmente morrido de fome, isto pelas informações dadas por uma certa A Jin, criada do

senhor Xiaobing. Uma dezena de dias antes da sua morte, ela tinha ido à montanha para escarnecer deles. Mas, sempre irritáveis, estes idiotas ter-se-iam zangado e, no seu desespero, teriam deixado de comer. Era isso que os tinha conduzido à morte.

Muitos foram os que admiraram A Jin pela sua inteligência, mas outros houve que a acharam muito má.

A Jin não se considerava culpada pela morte de Boyi e de Shuqi. Era certo, que ela tinha ido a montanha aborrecê-los, mas não passara de uma traquinice. Também sucedera que aqueles dois idiotas se tinham zangado e que nunca mais tinham comido osmondas, mas isto não os levaria à morte, antes pelo contrário, dava-lhes grandes possibilidades.

— A bondade do céu é grande — disse ela. — Vendo que iam morrer pela sua estupidez, o céu enviou-lhes uma corça para os alimentar com o seu leite. Que dizem? Não era para eles o cúmulo da felicidade? Não ter necessidade de cultivar a terra nem abater árvores. Chegava que se sentassem para que o leite da bicha lhes escorresse para a boca. Mas estes ingratos não reconheceram a sua sorte; o terceiro irmão, cujo nome desconheço, queria sempre mais; o leite do animal já não lhe chegava. Pensou enquanto o bebia. Esta corça é gorda, se a matássemos, como seria bom comê-la! Pensando isto, pegou docemente numa pedra aguçada. Cheia de inteligência pela sua natureza divina, o animal adivinhou-lhe as intenções, fugiu e desapareceu como uma nuvem de fumo. Descontente com a conduta que tinham seguido, o céu deixou de enviar-lhes a corça. Vede que foi por culpa deles que morreram de fome, não deveis atacar-

-me pelas minhas palavras, mas, sim a eles pela sua avidez e gula!

Todos aqueles que a escutavam, soltaram um suspiro profundo, tendo a impressão de se terem libertado de um pesado fardo que tinham aos ombros. Depois, quando pensavam em Boyi e Shuqi, não viam deles senão uma imagem: figuras imprecisas, agachadas na falésia, abriram suas grandes bocas de barbas brancas, devorando carne de cerva.

Dezembro de 1935

O Forjador de Espadas

I

Mei Jianche acabava-se de deitar ao lado da mãe para passar a noite, quando os ratos apareceram e começaram a roer a tampa de madeira da marmita. O barulho enervava-o e emitiu alguns "psit" que ao princípio causaram algum efeito, depois os ratos não sossegaram e os rangidos e mastigação redobraram. Ele não ousava fazer demasiado barulho para não acordar a sua mãe fatigada do dia de trabalho e que adormeçera logo que caíra na cama.

A calma voltou passado algum tempo; ele ia adormecer quando um "pluf" o sobressaltou e o obrigou a abrir os olhos. Ouviu barulhos de patas junto a um recipiente de terracota.

— Perfeito! O diabo que te carregue! — disse contente e sentando-se com suavidade.

Desceu da cama, dirigiu-se para a porta à luz da lua, procurou às apalpadelas um ateador, apanha um pedaço de pinho e alumiou a cuba de água. Um grande rato tinha caído aí dentro e não conseguia sair porque havia pouco líquido, por isso andava às voltas raspando as paredes.

— Bem feito — alegrou-se Mei Jianche. Era um daqueles sujos animais que não o deixavam dormir todas as

noites a roer os móveis. Fixou a tocha de pinheiro num buraco da parede de terra batida para poder contemplar o espectáculo. Os pequenos olhos globulosos despertaram nele ao tal sentimento de ódio e de repulsa que tirou um talo do montão de canas e empurrou o rato para debaixo de água. Manteve-o assim um momento, depois largou a presa, que voltou a andar às voltas e a raspar as paredes, mas com menos força que anteriormente. Os seus olhos estavam dentro de água e só se via o seu minúsculo nariz ponteagudo que respirava desesperadamente.

Mei Jianche tinha grande aversão, há algum tempo, pelas pessoas de nariz avermelhado. E perante a vista daquelas pequenas mucosas vermelhas e ponteagudas apiedou-se dele, voltou a pegar no talo e passou-o por debaixo do ventre do rato. O animal agarrou-se a este e, depois de ter tomado fôlego, subiu-o. Logo que se tornou inteiramente visível, pele negro escorrendo água, ventre inchado, cauda sem pelo, Mei Jianche sentiu-se de novo invadido pelo o ódio e pela repulsa. Tirou bruscamente o talo e o rato voltou a cair com um "pluf"; Mei Jianche bateu-lhe então na cabeça por diversas vezes para o afogar mais depressa.

Agora, Mei Jianche estava na sexta tocha de pinheiro, o rato já não se mexia, flutuava, meio submerso e ligeiros sobressaltos traziam o corpo à superfície. Mei Jianche teve de novo piedade; partiu o talo em dois, segurou o animal entre os dois pedaços e, com grande dificuldade acabou por o segurar e pô-lo no chão. Ao princípio, o rato não se mexia, depois começou pouco a pouco a respirar e após bastante tempo as patas começaram a ficar firmes, voltou-se, como se preparasse para se levantar e

fugir. Mei Jianche assustou-se e sem reflectir levantou o pé esquerdo e bateu com ele com toda a força. Um pequeno grito; Mei Jianche agachou-se para ver melhor, sangue fresco perlava-lhe o focinho; o rato devia estar morto.

Uma vez mais, Mei Jianche teve pena, sentia-se tão miserável como se tivesse cometido um crime. Ficou ali, agachado, incapaz de se pôr de pé.

A sua mãe tinha acordado.

— Che, que fazes aí, meu filho? — perguntou-lhe da cama.

— Um rato — disse, levantando-se de repente e virando-se para a mãe.

— Um rato, sim, eu sei. Mas que queres fazer, matá-lo ou salvá-lo?

Ele não respondeu. A tocha de pinheiro tinha-se consumido e ele mantinha-se ali em silêncio, na noite; os seus olhos iam-se habituando pouco a pouco à pálida luminosidade lunar.

— Ai! — suspirou a mãe. — Terás dezasseis anos à meia-noite, mas o teu carácter nem quente nem frio não mudou nada; parece-me que não haverá ninguém para vingar o teu pai.

Ela estava sentada e tremia toda sob a cinzenta claridade lunar; nesta voz tão fraca percebia-se uma dor tal que impressionava, mas logo a seguir, uma onda de sangue percorreu-lhe o corpo.

— Vingar o meu pai? Ele reclama vingança? — disse o jovem admirado e dirigindo-se para ela.

— Sim. E compete-te vingá-lo. Há muito que te queria falar no assunto. Mas eras demasiado jovem e não te queria dizer nada. Agora já não és uma criança,

mas continuas a comportar-te como se o fosses. O que fazer com o carácter como o teu; és capaz de levar a cabo tamanha tarefa?

— Sim; fala, mamã. Eu mudarei. . .

— Com certeza, não posso deixar de o fazer. Mas é preciso que mudes. . . Aproxima-te!

Ele acercou-se. A mãe estava sentada direita na cama, os olhos brilhavam na penumbra.

— Escuta — disse num tom solene. — O teu pai era um famoso forjador de espadas, o melhor do país. Eu vendi todos os seus utensílios para escaparmos à miséria, portanto não te resta nada que te possa confirmá-lo. Mas ele era o melhor alfageme do mundo. Há vinte anos, a favorita do rei deu à luz um pedaço de ferro. Diz-se que ela concebeu ao abraçar um pilar desse metal, e este era puro e translúcido. Compreendendo que se tratava de um tesouro extraordinário, o rei decidiu mandar fazer dele uma espada com a qual poderia defender o reino, matar os seus inimigos e assegurar a sua segurança pessoal. O azar quis que o teu pai fosse o escolhido para tal tarefa. Ele trouxe o ferro para casa entre mãos. Durante três anos, trabalhou dia e noite para forjar duas espadas. Que espectáculo horripilante no dia em que abriu o forno pela última vez! Um jacto de vapor subiu como uma tromba em direcção ao céu e a terra tremeu. O vapor transformou-se numa nuvem branca que cobriu tudo em volta, depois começou-se a dissipar tornando-se de um rosa semelhante ao da flor do pessegueiro. No forno de um negro de breu, duas espadas aquecidas ao rubro estavam deitadas. O teu pai deitou-lhes gota a gota a água pura do poço. As espadas estalaram, salpicaram de água e tornaram-se lentamente azuis. Depois

de as ter tratado assim durante sete dias e sete noites, desapareceram da vista, mas olhando com atenção, continuavam no forno, azuis e transparentes, duas lâminas de gelo. Uma alegria enorme fulgurou nos olhos do teu pai; pegou nas espadas para as polir uma vez mais. Depois a tristeza apareceu-lhe na fronte e nos cantos dos lábios. Colocou-as dentro de dois estojos. 'Basta pensar nos sinais dados nestes últimos dias,' disse docemente, 'para se saber que as espadas estão forjadas. Amanhã, só me falta apresentar o meu trabalho ao rei. Mas esse será o último da minha vida. Receio que não nos voltemos a ver.' Horrorizada, não tinha a certeza de ter compreendido bem e não respondi nada. Só pude murmurar: 'Apesar de tudo fizeste um excelente trabalho!' 'Ai, tu não compreendes.' disse ele. 'O rei foi sempre desconfiado e cruel. Eu forjei-lhe duas espadas como ele nunca teve iguais, matar-me-á que não possa fazer outras semelhantes que poderiam rivalizar com ele ou ultrapassá-lo.' Eu chorava. 'Não estejas triste,' disse ele. 'Não há maneira de escapar a isto, as lágrimas nada valem contra o destino. E há muito que estou preparado.' Os seus olhos lampejaram, pousou sobre os meus joelhos um dos estojos. 'É a espada masculina,' acrescentou o teu pai. 'Guarda-a. Amanhã só apresentarei ao rei a espada feminina. Tu sabes que vou morrer e que não voltarei. Não estás grávida de quatro ou cinco meses? Não estejas triste. Deixa nascer o nosso filho e educa-o bem. Confia-lhe a espada quando for um homem e diz-lhe para ir cortar a cabeça ao rei para me vingar.'

— O meu pai voltou naquele dia? — perguntou interessado Mei Jianche.

— Ele nunca mais voltou — respondeu a mãe com

calma. — Procurava notícias em todas as partes, mas em vão. Mais tarde, alguém me disse que fora o primeiro a baptizar com o seu próprio sangue a espada que tinha forjado. Com medo que o seu espírito atormentasse o palácio, enterraram o corpo diante da porta de entrada e no jardim do fundo a cabeça.

Mei Jianche sentiu de repente abrasado, chispas saíam-lhe pelos cabelos e por todos os poros do corpo. Ele fechou com tanta força as mãos que se ouviram as articulações estalarem na obscuridade.

A mãe levantou-se, levantou a cabeceira da cama. Acendeu uma tocha de pinheiro, pegou numa enxada que se encontrava atrás da porta, estendeu-a ao filho e disse:

— Cava!

O coração do rapaz bateu mais depressa, apesar de cavar calmamente, golpe a golpe. Ele tirou terra amarela até uma profundidade de cinco pés, depois a terra começou a mudar de cor como se estivesse misturada com madeira podre.

— Olha! Toma atenção agora! — disse a mãe.

Mei Jianche deitou-se junto ao buraco, estendeu o braço, escavou cuidadosamente a madeira carunchosa; a extremidade dos seus dedos tocaram qualquer coisa fria como o gelo; a espada, de um azul puro e transparente, apareceu. Procurou o punho, encontrando-o e desembainhou-a.

De repente a lua e as estrelas do outro lado da janela, a tocha de pinheiro, no quarto, perderam todo o seu brilho, ao mesmo tempo que uma luz metálica se espalhava sobre a terra. E espada fundia-se nessa claridade; à primeira vista não se via. Mas olhando atentamente,

Mei Jianche apercebeu-se de qualquer coisa com cinco pés de comprimento, que não parecia muito afiada. A lâmina tinha-se arredondado como uma folha de alho-porro.

— É preciso que acabes com esse teu carácter brando — disse a mãe. — Toma esta espada para vingares o teu pai.

— Já mudei. Com esta espada vingá-lo-ei.

— Esperemo-lo. Veste um fato azul e põe a espada às costas. Como o fato e espada são da mesma cor não se notará. Eu tenho o vestuário pronto há muito tempo; ei-lo, está ali — continuou a mãe. Mostrando-lhe um baú colocado atrás da cama. — Parte amanhã; não te preocupes comigo.

Mei Jianche pegou no fato novo e experimentou-o; ficava-lhe às mil maravilhas. Despiu-o com cuidado, envolveu a espada, pô-la junto à sua orelha e deitou-se calmamente. Ele sabia que tinha vencido a sua fraqueza de carácter. Decidiu-se comportar como se tivesse o espírito liberto, de adormecer depressa, levantar-se de manhã cedo como de costume, depois partir imediatamente à procura do inimigo que não podia deixar vivê-lo sob o mesmo céu que ele.

Contudo, não tinha sonho. Voltava-se e revolvia-se, acabando por sentar-se. Ouviu os longos e discretos suspiros de desespero da mãe. Depois, ouviu o galo cantar e deu-se conta que um novo dia tinha nascido. Tinha dezasseis anos.

II

Mei Jianche com as pálpebras inchadas pelo sono,

deixou a casa sem se voltar. Trazendo o fato azul e a espada da mesma cor às costas caminhou rapidamente para a cidade. Ainda não havia luz no oriente. Os vapores da noite impregnavam ainda com orvalho as agulhas dos cedros do bosque. Mas, quando chegou ao final, as gotas de orvalho cintilavam multicolores com os tons da aurora. Apercebeu-se ao longe das muralhas ameadas da cidade.

Misturou-se com os pequenos mercadores de hortaliças e franqueou as portas da cidadela. As ruas transbordavam já de actividade. Os homens encontravam-se em grupos, desocupados; constantemente as mulheres punham as cabeças fora das portas, olhos inchados, despenteadas, rostos pálidos, não tendo tido ainda tempo de se arranjarem.

Alguma coisa de importante ia acontecer, Mei Jianche adivinhava-o, algo que todos esperavam avidamente, mas com calma.

Enquanto avançava, uma criança apareceu correndo como uma flecha e quase se feriu na ponta da espada que trazia às costas; Mei Jianche sentiu suores frios. Dirigiu-se para o norte e encontrou-se junto do palácio. Uma multidão que aí se tinha junto esticava os pescoços para a estrada. As mulheres gritavam, as crianças choravam. Ele não ousava abrir caminho temendo que a sua espada invisível ferisse alguém; mas as pessoas que vinham de trás empurravam-no. Recuava e deixava-os passar, e dentro em breve só via costas e pescoços estendidos diante dele.

Depois, bruscamente, toda a primeira fila se ajoelhou. Dois cavaleiros galopando lado a lado surgiam ao longe. Homens de armas transportando bastões, lanças, sabres,

arcos e estandartes, seguiam-nos. Levantaram uma nuvem de poeira amarela. Passou um grande carro puxado por quatro cavalos, ocupado por um grupo de músicos que tocavam tambores e gongos e instrumentos de sopro esquisitos. Passaram ainda carros ocupados por cortesãos de vestimentas elegantes, alguns com uma idade avançada, outros atarracados e gordos, todos com as caras brilhantes do suor. Um grupo de cavaleiros armados de sabres, lanças e de alabardas seguiam-nos. Mei Jianche viu chegar então um grande carro coberto por um dossel amarelo no qual vinha sentado um homem gordo com um fato brilhante. De barba grisalha, cabeça pequena e pareceu-lhe trazer ao seu lado uma espada semelhante à sua.

O rapaz arrepiou-se, mas pouco depois estava escaldando como uma braseira. Estendendo um braço para o punho da espada, ele foi abrindo caminho entre a multidão prostrada.

Mal tinha dado cinco ou seis passos alguém o empurrou e obrigou-o a deitar-se com a cabeça por terra. Caiu sobre um jovem com a cara enrugada. Receando tê-lo ferido com a ponta da espada, levantou-se, inquieto, recebendo dois murros nas costas. Sem ter tempo para protestar, olhou de novo para a estrada, mas o carro com o dossel amarelo já tinha passado e mesmo os cavaleiros que encerravam o desfile já tinham desaparecido.

De ambos os lados da estrada, o povo erguia-se. O jovem com rugas agarrou Mei Jianche pelo colarinho e não o queria deixar passar. Ele dizia que este lhe tinha partido o seu precioso hipogástrio e que Mei Jianche devia garantir-lhe a vida, se ele morresse antes dos 80 anos, seria punido de morte. Os mirones fizeram um

círculo para ver melhor, olhar embrutecido, mas ninguém abriu a boca. Depois, alguns lançaram algumas piadas e injúrias, todos estando a favor do jovem da cara enrugada. Perante tais inimigos, Mei Jianche não se podia rir nem zangar; muito aborrecido, não encontrava maneira de se ver livre deles. Isto durou o tempo necessário para cozer uma marmita de milhete. Ardia de impaciência, mas os observadores não se moviam, esperando pelo espectáculo mais ávido do que nunca.

O círculo quebrou-se sob o empurrão de um homem negro. A sua barba, os seus olhos eram negros e tinha a finura de uma barra de ferro. Sem dizer palavra, soltou um pequeno riso glacial em direcção de Mei Jianche, tocou ao de leve o queixo do jovem com a cara encarquilhada e olhou-o nos olhos. Este aguentou o olhar durante uns instantes, depois deixou, como que involuntariamente, Mei Jianche e eclipsou-se. O homem negro também se foi embora e, desapontados, os curiosos dispersaram. Algumas pessoas ainda perguntaram a Mei Jianche a idade que tinha, onde morava e se tinha irmãs mais velhas. Mas este ignorou-os.

Dirigiu-se para o sul, pensando que havendo tanto movimento na cidade, corria o risco de por azar ferir qualquer transeunte e que, para vingar o pai, era preferível esperar o regresso do rei para além da porta sul. Aí havia bastante espaço e pouca gente. O lugar era feito para a sua tarefa. Na cidade o motivo de todas as conversas era a visita do rei à montanha, o cortejo, a majestade do soberano, a honra de o terem visto, aqueles que se tinham prostrado por terra e que deviam de servir de exemplo à nação. Isto zumbia como um enxame de

abelhas. A calma só chegou nas proximidades da porta sul.

Mei Jianche ao sair da cidade, foi-se sentar sob uma grande amoreira, onde comeu dois pequenos pães feitos a vapor que lhe acalmaram a fome. Pensou na sua mãe ao mastigá-los, e sentiu no nariz e nos olhos como que picadelas, mas isso passou depressa. Cada vez havia mais calma à sua volta e passado pouco tempo pôde ouvir a sua própria respiração.

A sua impaciência aumentava à medida que a noite se aproximava. Ele olhava para diante, mas não via qualquer sinal do rei. Os mercadores que tinham vindo vender hortaliças na cidade partiam, com os cestos vazios de regressar a casa.

Muito depois destes terem passado, o homem negro surgiu subitamente vindo da cidade.

— Corre, Mei Jianche! O rei anda atrás de ti! — a sua voz parecia o pio do mocho.

Mei Jianche tremeu da cabeça aos pés; depois, subjugado, seguiu o homem, correndo atrás dele como se ele tivesse asas. Depois de ter parado um pouco para tomar o fôlego, verificou que estavam na ourela da floresta de cedros. Ao longe, por detrás das árvores, a lua subia no horizonte, deixando traços argênteos; mas em primeiro plano, só se distinguiam do homem negro, como fogos-fátuos brilhantes.

— Como me conheces? — perguntou-lhe, admirado.

— Sempre te conheci — o homem riu. — Às costas tens a espada macho para vingar o teu pai, eu sei. E sei igualmente que vais ser mal sucedido. Ainda pior, hoje mesmo foste denunciado. O teu inimigo entrou no palácio pela porta este e ordenou a tua prisão.

Mei Jianchi sentiu-se invadido pelo desespero.

— Ai! Ai! A minha mãe é que tinha razão de suspirar — murmurou.

— Ela não sabe metade dos factos, ignora que eu quero executar a vingança no teu lugar.

— Tu? Querias-te vingar no meu lugar, campeão da justiça?

— Injurias-me chamando-me tal nome.

— Agirás por acaso por compaixão para com a viúva e o órfão?

— Ai! Criança, não pronuncies mais palavras que desonrem — disse o homem com frieza. — Amor pela justiça, simpatia e termos no género, eram coisas do antigamente, que actualmente de capital para os usurários diabólicos. Não têm lugar no meu coração. Eu só quero te vingar!

— Mas como o farás?

— De ti só quero duas coisas — sob os olhos fosforescentes, a voz vibrava. — Escuta-me bem, uma é a tua espada, a outra a tua cabeça!

A estranha proposta deixou Mei Jianche perplexo, sem contudo o atemorizar. Durante uns momentos ficou sem voz.

— Não temas que te tire a vida e o teu tesouro à traição — replicou a voz implacável na noite. — Tudo depende de ti. Se tens confiança em mim, fá-lo-ei; senão ficaremos aqui.

— Porque te vingarias em meu lugar? Conheceste o meu pai?

— Sempre o conheci, bem como a ti. Mas a razão não é essa. Tu não é parvo, meu rapaz, vou-te explicar: Não compreendes como sou melhor para efectuar a vingança? Tudo o que é teu é meu, o que te diz respeito, afecta-me igualmente. A minha alma tem tantas feridas provocadas pelos outros e por mim próprio, que para mim mais nada resta senão o ódio.

A voz na noite calou-se. Mei Jianche ergue a mão, tira a espada azul das costas e num gesto contínuo atravessa a nuca. A sua cabeça rola sobre o tapete verde ao mesmo tempo que entrega a espada ao homem negro.

— Ah!

O homem recebeu a espada e com a outra mão pegou na cabeça de Mei Jianche pelos cabelos. Beija duas vezes os lábios mortos ainda quentes e solta uma gargalhada glacial e estridente.

A gargalhada atingiu toda a floresta de cedros e no mais profundo do bosque os fosforecentes olhos alumiaram-se. Num instante, aproximaram-se os lobos esfomeados que o homem podia ouvir as suas respirações. Uma dentada arrancou completamente as roupas de Mei Jianche, uma segunda fez desaparecer todo o seu corpo. Todos os traços de sangue foram lambidos e só se ouvia os ossos a quebrarem-se nas mandíbulas.

O lobo maior que comandava a alcateia saltou sobre o homem negro. Com um só golpe da espada azul fez cair a cabeça sobre a erva verde. Com uma dentada os outros lobos arrancaram-lhe a pele, e com outra fizeram-no desaparecer. Instantes depois os restos de sangue tinham sido lambidos e só se ouvia os ossos estalarem docemente nas mandíbulas.

O homem negro entretanto apanhara os farrapos do fato azul para com eles embrulhar a cabeça de Mei Jianche e agachou-se com a espada azul às costas. De-

pois, deu meia-volta e atravessou as trevas para regressar à capital.

Os lobos estavam parados no local, espáduas erguidas, línguas pendentes, observando o homem que se afastava a passadas largas.

Com passadas largas, encaminhava-se para a cidade, nas trevas e a sua voz estridente entoava:

Ah! Ó amor! O amor! O amor!
Por amor à espada, um inimigo se mata;
Estes que estão sós são legiões,
Mas quem ama a espada não está mais isolado.
Cabeça por cabeça! Dois inimigos já morreram;
O homem solitário, ai, é desprovido de amor.
Ó amor! Ai, ai, ai!

III

O rei não se tinha interessado pelo passeio à montanha. E o relatório secreto sobre um assassino que lhe queria montar uma emboscada, tirando-lhe todo o prazer, fez com que regressasse. Naquela noite mostrou-se de muito mau humor e queixava-se que os cabelos da nona concubina não estavam de um negro tão brilhante como na véspera e tinham perdido o brilho. Felizmente esta sentou-se, carinhosamente, sobre os joelhos reais e torceu-se mais de setenta vezes, até que desapareceram as pregas entre as sobrancelhas do rei.

Ao levantar-se, no outro dia de tarde, o rei estava de novo de mau humor e depois do almoço tornou-se colérico.

— Eu aborreço-me — balia, bocejando.

Toda a gente se atemorizou, desde a rainha até ao bobo. O rei estava farto dos sermões dos seus ministros encanecidos e dos gracejos do seus gordos anões. Nestes últimos tempos, mesmo os números maravilhosos dos malabaristas, prestidigitadores, acrobatas, engolidores de sabres e comedores de fogo, pareciam-lhe insípidos. Tinha acessos de raiva durante os quais ele sacava a sua espada azul e ao mínimo pretexto matava algumas pessoas.

Dois jovens eunucos que se tinham escapado do palácio para um pequeno passeio voltavam. Ao ver a consternação geral que pairava na corte, eles pressentiram a infelicidade para pairar no ar. Cheio de medo, um tornou-se cor de cinza, o outro pelo contrário, cheio de segurança, dirigiu-se com um passo tranquilo em direcção ao rei, prostrou-se e disse:

— O vosso escravo acaba de encontrar um personagem muito interessante: parece conhecer truques extraordinários que poderiam distrair Vossa Majestade. Assim tomou a liberdade de vos informar.

— O quê? — disse o rei sempre avaro de palavras.

— O homem é magro e negro, ter ar de mendigo, trás um fato azul e às costas uma trouxa azul e redonda. Canta trechos de canções duma forma estranha. Interrogado, informou que conhecia um truque maravilhoso, que é o único e o último a executá-lo e que não tem igual no mundo. Nunca ninguém viu algo semelhante. O espectáculo tem a virtude de dissipar toda a inquietação e de fazer reinar a paz no mundo. Mas recusou-se a executá-lo quando a multidão lhe pediu, dizendo precisar de um dragão dourado e, em seguida, dum caldeiro em ouro. . .

— Eu sou um dragão dourado. Tenho um caldeiro de ouro.

— Foi o que o vosso escravo pensou.

— Tragam-no.

Ainda a voz do rei ressoava já quatro guardas precipitavam-se atrás do jovem eunuco. Toda a gente estava alegre, desde a rainha até ao bobo; todos esperavam que o mágico dissipasse a inquietação e trouxesse a paz ao mundo. E mesmo se o espectáculo fosse mau, o homem magro e negro, de estatura mediana, estaria ali para sofrer as consequências da cólera real. Tudo parecia se passar pelo melhor.

A espera não foi muito longa; seis homens com o eunuco à frente e quatro guardas que ladeavam um homem escuro, apressavam-se em direcção às escadas do trono. À medida que se aproximavam, via-se que o homem estava vestido de azul, que tinha barba, sobrancelhas e cabelos pretos. A sua magreza era tanta que tinha os pomos do rosto salientes e que os olhos eram encovados. Ajoelhou-se respeitosamente e prostrou-se. Às costas trazia uma trouxa azul esmaltada de uns laivos vermelhos.

— Apresenta-te! — gritou o rei com impaciência, decepcionado pela falta de acessórios e pondo em dúvida que o homem pode-se executar truques extraordinários.

— O vosso súbdito dá pelo nome de Yan-zhi-ao-zhe, nasceu na aldeia de Wenwen. Não aprendi qualquer profissão, mas já adulto, encontrei um sábio. Ele ensinou-me um truque com a cabeça de um jovem. Não posso executar só; exige um caldeiro em ouro que seja colocado diante de um dragão dourado, cheio de água clara e aquecido sobre carvão de madeira. Depois, logo

que a cabeça do rapaz seja lá metida, que a água comece a ferver, a cabeça começará a subir e a descer, executando mil figuras; ela rirá e cantará com uma voz maravilhosa. Quem ouve este canto e vê esta dança ficará livre de todas as inquietações; e o mundo inteiro ficaria em paz se este espectáculo fosse visto por todos os homens.

— Começa! — ordenou o rei com uma voz alterosa.

Pouco depois um grande caldeirão em ouro, suficientemente grande para cozer um boi, foi levado para diante do trono. Encheram-no de água pura, amontoaram por debaixo carvão de madeira, acenderam o fogo. O homem negro mantinha-se de lado; quando o carvão ficou incandescente, pôs no chão a sua trouxa, desfez o embrulho e com as duas mãos levantou ao alto uma cabeça de jovem com as sobrancelhas bem desenhadas, olhos alongados, dentes brilhantes entre os lábios vermelhos. Um sorriso pairava na boca e os cabelos soltos flutuavam como um rasto de fumo branco. O homem negro apresentou-a nas quatro direcções, depois colocou-a por cima do caldeirão murmurando palavras ininteligíveis. Finalmente, deixou-a cair: ao tombar a cabeça lançou gotas de água até a uma altura de cinco pés, a seguir tudo ficou calmo.

Durante bastante tempo nada se passou. O rei já mostrava sinais de impaciência; a rainha e as concubinas, os ministros e os eunucos começavam-se a alarmar, enquanto que os gordos anões começaram a troçar. Ao ver isto, o rei temeu que estivessem a fazer pouco dele; virou-se para os guardas e quis ordenar-lhes que prendessem os atrevidos que ousavam enganá-lo, deitando-os no caldeirão e deixando-os cozer até à morte.

Nesse momento, ouviu a água que começava a ferver. O fogo ardendo a toda a força, lançava sobre o homem clarões fulvos parecendo transformá-lo numa barra de ferro levada ao rubro. Logo que o rei voltou o seu olhar para ele, o homem negro levantou os braços para o céu, fixou o vazio, dançou e de repente começou a cantar com uma voz estridente:

Ah! O amor! O amor! O amor!
O amor, o sangue, o que faltará?
O povo tacteia no escuro, o homem riu alto.
Falta-lhe cem e mil e dez mil cabeças.
Eu uso uma só cabeça em vez de dez mil homens,
Amor por esta cabeça, ai deste sangue!
Oh sangue! Ai, ai, ai! . . .

À medida que ele cantava, a água subia no caldeirão em cone como uma colina. Corria de baixo para cima num movimento incessante e a cabeça subia e descia ao mesmo tempo, andando à volta do caldeirão e revirava--se. Distinguia-se mesmo um sorriso de contentamento no rosto. Depois começou a andar contra à corrente, remoinhando como uma lançadeira. A água esguichava em todas as direcções, as gotas escaldantes borrifavam a corte. Um dos anões soltou um grito e coçou o nariz, não deixando de gemer devido à dor provocada pela queimadura.

O homem negro deixou de cantar, a cabeça parou no meio da água, de face virada para o trono. Ficou assim durante uns instantes, depois retomou docemente um movimento de baixo para cima cuja amplitude e aceleração aumentavam: mergulhava e voltava à superfície não muito depressa mas num movimento gracioso. Deu três

vezes a volta, desaparecendo e voltando a aparecer; de repente, abriu os olhos grandes, as pupilas negras brilhando extraordinariamente e a boca abriu-se para cantar:

A beneficência do rei estende-se como o oceano,
Todos os inimigos desapareceram, como ele é poderoso!
O universo perecerá, ele viverá eternamente.
Por felicidade, eu vim no trovão da luz azul!
Luz azul, nunca te esquecerei!
Execução insólita, ó esplendor!
Oh magnificência, ó esplendor!
Volta, volta no trovão da luz azul!

A cabeça imobilizou-se no cimo da água. Após algumas cambalhotas, retomou o movimento de sobe e desce, lançava olhares à esquerda e à direita, depois voltou a cantar:

Ó amor! Ai, ai!
Cabeça ensanguentada, oh amor, ai!
Eu uso uma só cabeça em lugar de dez mil homens!
Ele, precisa de cem, mil cabeças. . .

Com estas últimas palavras, a cabeça submergiu e, como não voltasse à superfície, o canto tornou-se indistinto. Com uma voz cada vez mais fraca, a água baixou, como a maré vazante, para baixo do rebordo do caldeirão, de modo que nada se podia ver à distância.

— E então — perguntou o rei impaciente, depois de um momento.

— Majestade — disse o homem negro ajoelhando-se. — Ela executa no fundo do caldeirão a mais bela das danças, a da União. Não se pode vê-la senão de perto. Não

tenho poder para a fazer subir. Este tipo de dança tem de ser feita necessariamente no fundo do caldeirão.

O rei levantou-se, desceu as escadas e, arrostando o calor, inclinou-se. A água estava límpida como um espelho; a cabeça estava imóvel no fundo e os olhos fixam o rei. Quando teve a certeza que este a observava lançou-lhe um sorriso. Este fez com que o rei tivesse a sensação de a já ter visto antes, mas de quem se tratava, não podia recordar-se. Enqunto ele se admirava, o homem negro tirou a espada azul que trazia às costas, abateu-a com a rapidez do raio sobre a nuca do rei. Pluf, a cabeça real caiu no caldeirão.

Os inimigos reconheceram-se imediatamente, num espaço tão pequeno. Logo que a cabeça do rei tocou na água, a de Mei Jianche mordeu-1he uma orelha. A água começou a ferver, furiosamente, e as duas cabeças iniciaram um combate de morte. Depois de vinte golpes, a cabeça do rei tinha cinco ferimentos e a de Mei Jianche sete. Com astúcia, o rei conseguiu passar para trás do seu inimigo e Mei Jianche que não tinha tomado atenção foi apanhado pela nuca, não se podendo voltar. A cabeça do rei cerrou os dentes, não a deixando e começou a roê-la como o verme à seda. Os gritos de dor do rapaz saíam para fora do caldeirão.

Todos estavam petrificados de terror, desde a rainha até ao bobo, sendo sacudidos pelos gritos. Sentiram arrepios, constrangidos pela angústia como se as trevas tivessem ocultado o sol. Mas simultaneamente, invadidos por uma alegria secreta, de olhos encarquilhados, esperavam.

O homem negro também parecia preocupado, mas mantinha-se impávido. Sem pressas, levanta um braço,

seco como um tronco morto, saca a espada azul invisível, estende o pescoço para ver o que se passava no caldeirão. De repente, o braço dobra-se, e a espada azul abateu-se sobre a sua nuca. A cabeça caiu no caldeirão com um barulho surdo e espuma branca como neve espalha-se em todas as direcções.

Logo que a cabeça caiu no caldeirão, dirigiu-se para a do rei, segurou-lhe o nariz entre os dentes, mordendo-o até arrancá-lo. O rei soltou um grito de dor. Mei Jianche aproveita para se libertar; volta-se e morde o queixo do inimigo. O homem negro e ele começaram a puxar cada um para o seu lado de forma que o rei não pôde fechar mais a boca. Depois, como galos esfomeados a debicarem o arroz, lançaram sucessivos ataques com os seus dentes ferozes. Os olhos reais estavam revulsados e o nariz esborrachado. Dentro em pouco a cabeça do rei apresentava tantos ferimentos como escamas tem um peixe. Ainda rolava em todas as direcções com movimentos convulsivos, depois tombou no fundo do caldeirão gemendo e finalmente, depois de um último suspiro, ficou silenciosa.

As cabeças do homem negro e de Mei Jianche deixaram de morder, enquanto esta flutuava no cimo do caldeirão o que lhes assegurou que estava na realidade morta. Depois de estarem seguros que já não respirava, trocaram um olhar, sorriram e fechando os olhos, de cara virada para o céu, deixaram-se afundar.

IV

O fumo dissipou-se, o fogo extinguiu-se, a água deixou de ferver. O silêncio profundo que se fazia sentir lem-

brou a todos a realidade. Alguém soltou um grito. Todos se puseram a gritar. Outro dirigiu-se ao caldeirão de ouro e todos o seguiram. Os últimos a chegarem só poderam ver por detrás dos pescoços estendidos.

O calor ainda queimava as faces, mas a água estava lisa como um espelho. Uma camada de gordura cobria-a; uma quantidade de caras reflectiam-se, as da rainha, das concubinas, dos guardas, dos ministros, dos anões, dos eunucos.

— Céu! A cabeça do nosso grande rei ainda ali está! É medonho — disse a sexta concubina, soltando soluços frenéticos.

Todos, desde a rainha ao bobo, tomaram então consciência da desgraça e, transtornados, dispersaram-se. No seu desvario, começaram a correr e a andar às voltas. O mais sensato dos velhos conselheiros avançou sozinho, pôs a mão no bordo do caldeirão, fendeu-o, retirou a cabeça, levou dois dedos à boca, e soprou e voltou a soprar.

Finalmente, todos se dominaram e juntaram-se à porta para decidir a forma como recolher a cabeça real. A decisão demorou o tempo necessário para cozer três marmitas de milhete; finalmente, decidiram ir buscar grandes escumadeiras à cozinha e deram ordem aos guardas para recuperarem a cabeça real.

Os instrumentos chegaram num instante: escumadeiras, passadouros, pratos em ouro, rodilhas, tudo foi colocado perto do caldeirão. Os guardas arregaçaram as mangas; e, quer com as escumadeiras, quer com os passadouros, tentaram respeitosamente recuperar os restos. Os utensílios entrechocavam-se, raspavam pelas paredes do caldeirão. A água agitada formava turbilhões. Ao cabo de um momento, a cara de um dos guardas tornou-se grave

à medida que levantava a sua escumadeira com as duas mãos; a água pingava como pérolas e um crânio branco apareceu. Estupefactos, todos os assistentes soltaram um grito de horror e o guarda pousou o crânio sobre um prato de ouro.

— Ah! O nosso grande rei!

A rainha, as concubinas, os ministros e mesmo os eunucos iniciaram em grande pranto. Todos se calaram quando um outro guarda apanhou um outro crânio completamente igual.

Os olhos inundados em lágrimas, olhavam os guardas que suando prosseguiam as buscas. Estes apanharam uma mão cheia de cabelos brancos e negros, depois alguns passadouros de pelos muito curtos, provenientes sem dúvida de bigodes brancos ou pretos. Apanharam ainda outro crânio e por fim três alfinetes de cabelo.

Só pararam quando o caldeirão não continha mais do que água clara. Então, dividiram o que tinham podido recuperar sobre três pratos de ouro: um de crânios, outro de cabelos e o terceiro de alfinetes de cabelo.

— O nosso rei só tinha uma cabeça. Qual será a sua? perguntava febrilmente a nona concubina.

— É verdade... — os ministros entreolharam-se consternados.

— Se a pele e a carne não tivessem desaparecido com a cozedura, o reconhecimento seria fácil — disse um anão ajoelhado.

Fizeram um esforço para observarem friamente os crânios. Mas estes eram de cor e forma idêntica; mesmo o do rapaz não se distinguia. A rainha disse que o rei tinha na têmpora direita uma cicatriz, resultante de uma queda que dera quando ainda era príncipe herdeiro; os os-

sos teriam possivelmente a marca. De facto, os anões descobriram uma marca num dos crânios, a alegria foi geral, até que um outro anão encontrou uma marca semelhante no temporal direito de um outro crânio mais amarelado.

— Já sei! — disse a terceira concubina muito satisfeita com a sua ideia. — O nosso rei tinha o nariz implantado bastante alto.

Os eunucos apressaram-se a observar a constituição óssea dos narizes; um deles era alto, embora a diferença fosse bastante pequena; mas, ai, o crânio em questão não apresentava qualquer marca na têmpora.

— Além do mais — disseram os ministros aos eunucos. — O occipital do nosso rei era tão saliente?

— Nós, escravos nunca tomámos atenção ao occipital de Sua Majestade. . .

A rainha e as concubinas tentavam recordar-se; segundo umas era saliente, segundo outras plano. O eunuco que penteava a cabeleira real foi chamado, mas interrogado, negou-se a dizer o que quer que fosse.

Nessa mesma noite, os príncipes e os ministros reuniram-se em assembleia para decidirem qual das cabeças pertencia ao soberano, mas os resultados foram os mesmos. Na realidade, os cabelos e os bigodes constituíam também um problema. Os pêlos brancos eram do rei; mas, como os cabelos eram grisalhos era difícil distinguí-los dos pretos. A questão foi debatida até meio da noite tendo-se decidido que só seriam separados alguns cabelos arruivados. Entretanto, a nona concubina protestou porque dizia ter visto alguns cabelos louros na barba do rei. Quem podia afirmar que ele não tinha cabelos arruivados? Assim, só restava a solução de os juntar a todos, visto o assunto não poder ser resolvido.

De madrugada, ainda não tinham chegado a nenhuma conclusão e a discussão prosseguia entre bocejos. Quando o galo cantou pela segunda vez, foi adoptada a solução mais prudente e satisfatória: o caixão levaria as três cabeças conjuntamente com o corpo do rei.

As cerimónias fúnebres tiveram lugar sete dias mais tarde, a cidade toda estava em desassossego. Os habitantes da capital e pessoas vindas de longe afluiam para ver o funeral real. Desde os primeiros alvores do dia, uma multidão de homens e mulheres ladeava o percurso do cortejo e havia bastantes mesas com oferendas entre os espectadores. Os cavaleiros vieram desocupar a via a meio da manhã. Mais tarde desfilaram os estandartes, os bastões, as lanças, os arcos, as alabardas levadas por cavaleiros que eram seguidos por quatro carrões com músicos. Depois aos solavancos vinha o carro coberto com o dossel amarelo; finalmente, o carro funerário com o féretro em ouro, contendo três cabeças e um corpo.

A multidão prostrou-se, deixando aparecer do cima as mesas com as oferendas. Os súbditos leais choravam ao lembrarem-se que os manes dos dois assassinos gozavam igualmente as oferendas feitas ao rei; mas que podiam fazer?

Depois seguiam-se os carros da rainha e das concubinas. A multidão olhava-as e estas olhavam para esta sem cessarem as suas lamentações. Em seguida passaram os ministros, os eunucos e os anões, todos eles apresentando caras consternadas. Mas as pessoas já não lhes prestavam atenção; na confusão o cortejo desfez-se e perdeu toda a ordem.

Outubro de 1926

A Travessia da Passagem

Sentado numa imobilidade total, Lao *Zi** parecia um pedaço de madeira esculpida.

— Mestre, Kong Qiu** acaba de chegar! — sussurrou-lhe com um ar aborrecido o seu discípulo Gengsang Chu ao entrar.

— Pede-lhe. . .

— Mestre, como tendes passado? — disse Confúcio saudando-o respeitosamente.

— Como sempre! — respondeu Lao Zi. — E vós? Haveis lido todos os livros que temos aqui?

— Já os li. Mas. . . — Confúcio parecia um pouco nervoso o que não era costume nele. — Estudei os seis clássicos: *Livro das Odes, Livro dos Documentos, Livro dos Ritos, Livro da Música, Livro das Mudanças* e *Os Anais da Primavera e Outono*. Creio tê-los estudado a fundo e por muito tempo. Mas, ninguém me atendeu quando fui visitar os setenta e dois monarcas. O homem é na realidade difícil de convencer. Ou será que é a "Via" que é difícil de explicar?

— Vós ainda não tivesteis a sorte — disse Lao Zi, — de encontrar um monarca capaz. *Os seis clássicos,* toda essa mixórdia, não são mais que pensamentos deixados por antigos reis. E não será por essa via que se conseguirá abrir um caminho novo. As vossas palavras são análogas às suas impressões. As pegadas são feitas pelas sandálias. Mas, poder-se-á dizer que elas correspondem às sandálias? — depois de uma breve pausa continuou — As garças-reais fêmeas fecundam-se ao olhar fixamente os machos; os insectos fecundam-se quando os machos cantam ao vento e as fêmeas respondem, com os hermafroditas, uma só criatura possui os dois sexos, e estes fecundam-se a si próprios. É impossível mudar a natureza; impossível modificar o destino; impossível deter o tempo; impossível obstruir a Via; Podereis fazer tudo enquanto possuirdes a Via; e tudo será irrealizável se a perderdes.

Como se tivesse levado uma paulada, Confúcio confuso, parecia um pedaço de madeira esculpida.

Depois de uma pausa de cerca de oito minutos, inspirou profundamente, levantou-se para se retirar e agradeceu cortesmente a Lao Zi o seu ensinamento segundo as regras da boa educação.

Lao Zi não o reteve, pôs-se de pé apoiando-se na bengala para o acompanhar até à grande porta da biblioteca.* Antes de Confúcio subir para o seu carro, dirigiu-lhe maquinalmente algumas palavras:

— Partis? Não quereis tomar um chá?

— Obrigadíssimo — respondeu Confúcio subindo para o carro, juntando respeitosamente as mãos, com os cotovelos apoiados na travessa de madeira do veículo. Ran You** fez estalar o chicote no ar e com um "huu" o carro

---

* Pensador da China antiga cuja filosofia se baseava no princípio da "não acção", nasceu no reino de Chu no Período da Primavera e Outono.

** Confúcio.

* Lao Zi foi conservador da biblioteca da corte Zhou.

** Um dos discípulos de Confúcio.

pôs-se em marcha. Quando este se afastou uma dezena de passos, Lao Zi voltou a entrar no seu alojamento.

— Parece-me que estais muito satisfeito hoje, mestre. — Vendo que Lao Zi se tinha instalado comodamente no seu assento, Gengsang Chu, que ficara de pé junto a ele de braços pendentes, continuou — Falasteis muito. . .

— Tens razão. — Lao Zi suspirou ligeiramente, e, um pouco desapontado, voltou à conversa — Na realidade, eu até falei um pouco mais do que devia. — depois uma ideia veio-lhe à mente — Kong Qiu não me deu um ganso selvagem* salgado e seco ao sol? Vais cozê-lo ao vapor e comê-lo. Como não tenho dentes é-me impossível mastigá-lo.

Gengsang Chu saiu. Lao Zi, de olhos fechados, reencontrou a calma. Tudo estava calmo na biblioteca, ouvindo-se unicamente o barulho de um ramo de bambu batendo no beiral do telhado: Geng tirava o ganso salgado.

Três meses passaram. Sempre sentado imóvel, Lao Zi parecia um bocado de madeira.

— Mestre, Kong Qiu voltou! — murmurou com ar de admiração o seu discípulo Gengsang Chu ao entrar. — Há muito tempo que não vinha. O que significa a sua visita. . .

— Pede-lhe para. . . — Lao Zi, como de costume não teve tempo para dizer mais nada.

— Mestre, como estais? — disse Confúcio saudando respeitosamente.

— Como sempre! — respondeu Lao Zi. — Há bastante

* Presente entre dignatários na época.

tempo que o não via; certamente que em vossa casa tendes muito para estudar?

— Não é isso. Não é isso! — disse Confúcio com modéstia. — Não saí, estive a pensar. Descobri isto: O corvo e a pega bicam-se; um peixe cobre outro com a sua baba; a vespa metamorfoseia-se noutro insecto, quando um filho mais novo é concebido, o mais velho chora. Desde que me retirei do mundo das mutações há muito, como poderei modificar os outros?. . .

— Perfeito, perfeito — disse Lao Zi. — Encontrasteis a solução!

Os dois não tendo mais nada a acrescentar, ficaram quedos como estátuas de madeira.

Depois de uma pausa de aproximadamente oito minutos, Confúcio expirou profundamente, levantou-se para se ir embora e agradeceu cortesmente a Lao Zi o seu ensinamento segundo as regras da boa educação.

Lao Zi não o reteve, pôs-se de pé apoiando-se na bengala para o acompanhar até à grande porta da biblioteca. Antes de Confúcio subir para o seu carro, dirigiu-lhe maquinalmente algumas palavras:

— Partis? Não quereis tomar um chá?

— Obrigadíssimo — respondeu Confúcio subindo para o carro, juntando respeitosamente as mãos, com os cotovelos apoiados na travessa de madeira do veículo, Ran You fez estalar o chicote no ar e com um "huu" o carro pôs-se em marcha. Quando este se afastou uma dezena de passos, Lao Zi voltou a entrar no seu alojamento.

— Parece-me que não estais muito satisfeito hoje, mestre. — vendo que Lao Zi se tinha instalado comodamente no seu assento, Gengsang Chu, que ficara de pé

junto a ele de braços pendentes, continuou — Falasteis pouco. . .

— Tens razão — Lao Zi suspirou ligeiramente e um pouco desapontado. — Mas tu não sabes, devo partir.

— Porquê? — perguntou Gengsang Chu estupefacto como se tivesse sido atingido por um raio.

— Kong Qiu compreendeu o meu pensamento. Ele sabe que só eu lhe posso ler o íntimo e isso inquieta-o. Haveria inconvenientes para mim se não partisse. . .

— Mas não sigueis exactamente a mesma Via? Por que partis?

— Não! — disse Lao Zi com um gesto. — Nós não seguimos a mesma Via. Por exemplo: temos um par de sandálias do mesmo género, as minhas andarão sobre as areias do deserto* e as suas nas cortes dos soberanos.

— Mas, ao fim e ao cabo, vós sois o seu mestre!

— Estudastes tantos anos comigo e mantens-te tão leigo! — Lao Zi começou a rir e continuou — Na verdade é impossível modificar a natureza e o destino. Deves saber que Kong Qiu não é como tu; ele não voltará aqui, e não continuará a chamar-me mestre, mas urdirá intrigas nas minhas costas.

— Na verdade isso ultrapassa-me. Mas, mestre, quando se trata de descobrir a natureza humana, vós não vos enganais. . .

— Sim, ao princípio eu discerni mal.

— Pois, bem! — prosseguiu Gengsang Chu depois de ter reflectido um instante. — Vamos fazer-lhe frente. . .

Lao Zi começou novamente a rir-se e abriu a boca diante de Geng.

* Trata-se do deserto do noroeste da China.

— Olha, ainda tenho dentes? — perguntou.

— Nem um único.

— A minha língua, ainda lá está?

— Está.

— Compreendestes?

— O meu mestre quer dizer: Tudo o que é duro desaparece, tudo o que é mole fica.

— Pensaste bem. Na minha opinião, devias também preparar-te para voltares para casa para junto da tua mulher. Mas, escova primeiro o meu búfalo azul* e põe os arreios ao sol. Eu partirei amanhã de manhã cedo.

Chegado à passagem de Hangu,** Lao Zi não tomou a rota directa para a porta, mas dirigiu-se por um caminho secundário; avançava lentamente ao longo da base da muralha. Teria querido escalá-la. Não era alta e bastar-lhe-ia que se pusesse de pé sobre o dorso do búfalo e de se içar. Mas dessa maneira, deixaria o animal no interior sem o poder fazer passar a muralha. Se o queria fazer passar, precisava de um elevador; infelizmente Lu Ban*** e Mo Di**** ainda não estavam no mundo, quanto a Lao Zi, não teria pensado que poderia existir tal engenho. Ele bem esforçou o seu cérebro cheio de filosofia, mas não encontrou qualquer meio.

Entretanto, não se tinha apercebido que tinha sido

* Animal lendário taoísta.

** Passagem estratégica situada a nordeste do actual distrito de Lingbao, Henan.

*** Chamado também Gongshu Ban, artesão hábil e inventor, que viveu no reino Lu.

**** Filósofo do reino Lu, fundador da escola do mesmo nome que pregava "o amor entre os homens" e que era contra a guerra.

visto por um vigia logo que apanhou o caminho lateral e este tinha avisado o chefe da passagem. Mal Lao Zi percorreu vinte e quatro pés, começou a ser perseguido por um grupo de cavaleiros. O primeiro era o vigia, o segundo Xi, o chefe da alfândega da passagem e ainda havia quatro guardas e dois verificadores.

— Alto! — gritaram.

Lao Zi parou precipitadamente; logo que se imobilizou ficou como uma estátua de madeira.

— Quieto! — disse o chefe ao ver Lao Zi, avançou para ele, desmontou, e saudando-o juntando as mãos, disse: — Interrogava-me de quem podia ser, e sois vós Lao Dan,* o director da biblioteca! Que surpresa!

Lao Zi apressou-se a descer do seu búfalo e olhando Xi com as pálpebras semi-cerradas, balbuciou confusamente:

— Tenho uma má memória. . .

— Com certeza, com certeza, vós esquecestes-vos, mestre. Eu sou Xi, o chefe da passagem. Visitei-o, outro dia, quando fui à biblioteca consultar *A natureza das Taxas.*

Neste momento os verificadores revistaram os aparelhamentos do búfalo, levantaram-nos com uma alavanca para verificarem com os dedos e, sem palavra, afastaram-se contraindo os lábios.

— Estais a passear à volta da muralha? — perguntou o chefe Xi.

— Não, queria sair para mudar de ares. . .

— Bem! Está bem! Agora todos seguem a higiene que é uma coisa importante. Como a ocasião é rara, nós

* Lao Zi é conhecido também por Lao Dan.

queríamos convidá-lo a ficar aqui alguns dias para receber os vossos ensinamentos.

Antes que Lao Zi tivesse tempo de responder, os quatro guardas aproximaram-se, puseram-no em cima do búfalo e um verificador picou a garupa do animal com a sua alavanca que começou imediatamente a trotar, abanando a cauda e precipitou-se para a entrada da passagem atrás dos outros animais.

À sua chegada, abriram imediatamente a sala grande para o acolher. Era a habitação central do pavilhão que sobrepujava a porta. Viam-se pelas janelas as planícies de "loess" no exterior da muralha que baixavam à distância. O céu estava azul, o ar puro. Situada num alto abrupto esta majestosa porta fortificada dominava a estrada transitável da passagem que cortava a elevação em duas partes, e parecia estar entre duas falésias, tão estreita que parecia ser possível fechá-la com uma bola de argila.

Bebeu-se água fervida e comeram-se pães cozidos ao vapor. Depois de ter deixado repousar Lao Zi uns momentos, o chefe Xi convidou-o a fazer uma conferência. Sabendo que não se podia escusar, o mestre aceitou a sugestão com todo o agrado. Começou-se a ouvir bastante barulho e pouco a pouco a sala encheu-se de ouvintes. Além das oito pessoas do seu grupo, havia ainda quatro guardas, dois verificadores, cinco vigias, o secretário, o contador e o cozinheiro. Alguns tinham trazido pincéis, estiletes e tabuazinhas* para tomarem apontamentos.

* Na China antes da invenção do papel, escrevia-se com um pincel molhado em laca sobre uma pequena tábua de bambu ou de madeira e apagavam-se os erros com um estilete.

Sentado no meio. Lao Zi parecia um bocado de madeira esculpida. Tendo meditado uns momentos e tossido diversas vezes, os seus lábios começaram-se a mover por de trás da barba branca. Todos suspenderam a respiração e prepararam-se para escutar, embora ele pronunciasse lentamente estas palavras.

A Via que se pode enunciar não é a Via imutável;
Os nomes que se podem enunciar não são imutáveis;
O inominado é à partida do Céu e da Terra;
O que tem nome é a mãe de todas as coisas. . .

Todos se entreolhavam; era impossível tomar notas; e Lao Zi continuou:

Assim, pelo eterno não-ser pode-se ver todas as Maravilhas;
O ser eterno não mostra se não o acesso.
Os dois, provenientes da mesma origem, trazem contudo nomes diferentes.
Reunidos, não se os pode chamar senão Mistério,
O Mistério dos Mistérios,
O Limiar de todas as Maravilhas. . .*

Toda a gente tinha uma cara triste; alguns pareciam nem sequer saber o que fazer com as mãos e os pés. Um verificador bocejava, enquanto que o secretário dormitava. "Pla!" Estilete, pincel e tabuinhas escaparam-lhe das mãos e cairam no chão.

Parecia que Lao Zi não se tinha apercebido, pois como

* *Dao De Jing* (Livro da Via e das Virtudes), cap. 1.

se nada se passasse continuou a explicação com mais pormenores. Mas como não tinha dentes, a sua pronúncia não era clara; com a sua pronúncia de Shaanxi misturada com o acento de Hunan, os sons "li" e "ni" não eram distintos, e como a isso tudo ainda acrescenta-se o som "euh" que gostava de pronunciar, ninguém o entendia. O tempo passava e os ouvintes sofriam cada vez mais.

Para não ser desagradável, todos se resignavam em ficar; embora, cada um, tomando posições insólitas, pensasse nos seus próprios assuntos. Lao Zi terminou com esta frase: "A Via dos Sábios, é agir sem discutir"* e deixou de falar. Mas como ninguém se mexesse, acrescentou:

— Euh, acabou!

Foi o acordar geral. Os ouvintes sentados há demasiado tempo, com as pernas dormentes, não se conseguiram levantar imediatamente, mas ao mesmo tempo admirados e satisfeitos, dir-se-ia que acabavam de ser amnistiados.

Lao Zi foi conduzido, então, a uma sala adjacente e convidado a descansar. Tendo bebido algumas gotas de água fervida, sentou-se imóvel, parecendo uma estátua de madeira.

Lá fora, as discussões prosseguiam. Pouco depois, quatro delegados vieram ver Lao Zi dizendo que tinha falado depressa demais e empregue uma língua que não era puramente nacional; dessa forma ninguém tinha podido tomar apontamentos. Que pena não se guardar nada! Pediam-lhe, portanto, que o redigisse e que o lhes oferecesse.

* A última frase de *Dao De Jing*.

— De que falasteis? Eu não compreendi nada! — disse o contador num idioma em que se misturava o do norte com o do sul.

— O melhor seria que escrevesseis tudo vós próprio. Assim, não seria uma pura perda tudo o que haveis dito — disse o secretário no seu dialecto de Suzhou.

Lao Zi também não os compreendia, mas vendo que duas outras pessoas tinham pegado em pincéis, estiletes e tabuinhas diante dele, pressentiu que lhe pediam para redigir o seu curso. Como não tinha maneira de o recusar, aceitou de pleno agrado. Entretanto, como era tarde, fá-lo-ia no dia seguinte.

Satisfeitos com este resultado, os delegados retiraram-se.

Na manhã seguinte o dia estava encoberto; Lao Zi não se sentia bem. Entretanto precisava de redigir o seu curso, porque tinha pressa de sair da passagem; para isso, tinha de dar o curso. Vendo um grande monte de tabuinhas, sentiu-se piorar.

Mesmo assim, estava impassível; e sentado, muito calmo, ele escrevia. Recordando-se ainda do que havia dito na véspera, redigiu o curso frase a frase. Naquele tempo os óculos ainda não tinham sido inventados, os seus olhos de presbíope, reduzidos a uma pequena abertura, fatigavam-se consideravelmente. Parando unicamente para beber água fervida e comer os pequenos pães ao vapor, escreveu durante dia e meio, sem contudo ter ultrapassado os cinco mil caracteres.

"Para sair da passagem, creio que isto basta", pensou ele.

Então, pegou num cordão para ligar as tabuinhas e apoiando-se na bengala, foi ao escritório do chefe Xi

para lhe entregar o manuscrito e dar-lhe a conhecer o seu desejo de partir imediatamente.

O chefe Xi mostrou-se muito contente, muito reconhecido, contudo desolado por não ter a sua companhia por mais tempo. Consentiu em o deixar partir, pondo uma cara de desolação e ordenando aos guardas para porem o arção no búfalo azul. Ele próprio escolheu do armário um saquete de sal, outro de sésamo e quinze pães ao vapor, meteu tudo num saco de tela branca proveniente de uma confiscação como provisões para o caminho de Lao Zi. Não deixou de lhe dizer que o tinha favorecido por ser um escritor veterano pois um jovem só teria recebido dez pães.

Lao Zi reiterou os seus agradecimentos, aceitou o saco e desceu com todos do pavilhão fortificado. Chegado à passagem, como ainda quisesse andar com o búfalo pela rédea, o chefe Xi apressou-o a montar a sua montada. Depois ainda fez algumas saudações, instalando-se finalmente no búfalo. E foram os adeuses, depois começou a andar e avançou pela vertente descendente da grande estrada.

Pouco depois, o búfalo começou a alargar o passo. Da passagem, viram-nos partir e a uma distância de vinte ou trinta pés, ainda se distinguiam os cabelos brancos, o fato amarelo, o búfalo azul e o saco de tela branca; depois a poeira levantada pela montada envolvendo o homem e o animal e tornando tudo cinzento. Pouco depois, só se via um ligeiro turbilhão de poeira amarela.

De regresso ao forte, ergueram os rins para se distenderem, como aliviados de um fardo e faziam estalar os lábios como tivessem tido alguma vantagem; um número razoável deles seguiram o chefe para o seu escritório.

— É este o manuscrito? — disse o contador que pegou numa série de tabuazinhas e as voltou. — A caligrafia não é má apesar de tudo. Eu penso que haveria quem a comprasse se a puséssemos à venda.

O secretário aproximou-se dele, e pegando na primeira tabuinha, leu:

— "A Via que se pode anunciar, não é a Via imutável. . ." Hum, sempre a mesma música que nos causa enxaquecas. É insuportável. . .

— Para curar a enxaqueca, o melhor é fazer uma pequena soneca — disse o contador depositando as tabuinhas.

— Ha, ha, ha!. . . É verdade! Nada mais há a fazer do que dormir. Para falar com franqueza, eu creio que ele ia contar as suas histórias de amor e foi por isso que o fui ouvir. Se tivesse sabido que ele só ia dizer estas coisas estúpidas, não teria vindo suportar esta tortura durante meio-dia.

— A culpa é vossa; julgaram mal o homem — disse o chefe Xi sorrindo. — Como é que ele poderia ter tido uma história de amor? Ele nunca amou uma mulher.

— Como sabeis isso? — perguntou o secretário admirado.

— A culpa continua a ser vossa por não saberdes nada; vocês andam a dormir e nunca ouviram dizer: "Pela inacção tudo pode ser posto em acção".* Este indivíduo tem "ambições tão elevadas como o céu e um destino tão plano como uma folha de papel".** Querer que "tudo

* Citação de *Dao De Jing*, cap. 41.

** Uma frase do célebre romance chinês clássico *O Sonho No Pavilhão Vermelho.*

entre em acção", e condenar-se à "inacção". Se começa a amar a alguém, ei-lo obrigado a amar toda a gente. Assim como poderia amar alguém? Como ousaria fazê-lo. Além do mais vede; basta que vejais uma rapariga, bela ou feia, e começais a fazer-lhe olhos doces como se ela fosse vossa. Tornar-vos-eis mais sérios, como o senhor contador, quando casarem.

Uma borrasca levantou-se diante da janela; começou a sentir-se frio.

— Onde vai este velho e que quer fazer? — disse o secretário, para mudar de assunto.

— Ele vai para os países do deserto segundo ele — disse friamente o chefe. — Saber se ele pode lá chegar? Fora da passagem, não há sal, nem farinha e a própria água falta. Na minha opinião, tê-lo-emos aqui quando tiver fome.

— Então, obrigá-lo-emos a escrever mais livros — disse o contador encantado. — Mas, isto vai-nos custar demasiados pãezinhos. Eis o que lhe iremos explicar: a nossa política mudou, nós favorecemos agora os jovens escritores, dar-lhe-emos só cinco pães por dois conjuntos de tabuinhas.

— É impossível! Ele não aceitará e zangar-se-á.

— Pode-se alguém zangar quando morre de fome?

— O que mais temo é que não haja pessoas que gostem de ler coisas deste género — disse o secretário agitando a mão. — Não seremos reembolsados nem do preço de cinco pães. Por exemplo, se aquilo que ele disse estivesse certo, o nosso comandante deveria demitir-se do cargo de comandante da passagem. Isto seria por inacção. E eis que seria um grande homem!

— Isso não tem importância nenhuma — disse o con-

tador. — Haverá sempre gente que os leia. Os funcionários da passagem na reforma ou os ermitas que ainda não tem um cargo de guarda da passagem não são numerosos?

Uma borrasca elevou-se por detrás da janela, levantando uma poeira amarela que ensombrou metade do céu. O chefe Xi deu uma olhadela para além da porta e viu numerosos guardas e vigias que estavam ali a ouvir a conversa.

— O que fazeis aí? — gritou ele. — A noite já caiu; não é a hora dos contrabandistas escalarem a muralha? Ide fazer a vossa ronda.

A gente que estava no exterior desapareceu como uma nuvem de fumo. Os que estavam dentro também calavam; o secretário e o contador retiraram-se. O chefe limpou a poeira de cima da mesa com a manga do fato, pegou nas duas ataduras de tabuinhas e pô-las na prateleira onde estava empilhado sal, sésamo, pano, soja, pãezinhos e outros objectos confiscados.

Dezembro de 1935

Não à Agressão

I

Gongsun Gao, aluno de Zi Xia*, tinha vindo visitar Mo Zi diversas vezes, mas este estava sempre ausente. Na quarta ou quinta vez acabou por o encontrar precisamente diante da porta, porque Gongsun Gao tinha acabado de chegar quando Mo Zi entrava em casa, pelo que o fizeram juntos.

Depois de uma troca de cumprimentos, fixando os olhos nos buracos da esteira, Gongsun Gao perguntou com amabilidade:

— Mestre, sois contra a agressão?

— Totalmente!

— Então, os homens de bem não devem lutar?

— De facto! — disse Mo Zi.

— No entanto os porcos e os cães batem-se entre eles e há mais razões quando se tratam de homens. . .

— Eh! Eh! Vocês, os confucianos, veneram os antigos reis Yao e Shun** por palavras, mas imitam os cães e os porcos quando se trata de agir. É verdadeiramente lamentável!

---

* Zi Xia era discípulo de Confúcio e Gongsun Gao um personagem imaginário.

** Imperadores sábios da China antiga.

Nessa altura Mo Zi levantou-se e precipitou-se para a cozinha murmurando entre dentes:

— Tu não me compreendes.

Tendo atravessado a cozinha, chegou ao poço situado perto da porta das traseiras, puxou meia jarra de água com a roldana, depois de beber uma dezena de goladas, pousou a jarra, secou a boca e gritou para o canto do jardim:

— A Lian! Como se faz para que tu regresses?

Ao vê-lo, A Lian acorreu, colocou-se respeitosamente diante dele, braços pendentes e saudando-o pelo título de mestre, depois com um pouco de cólera na voz explicou:

— Já me chega. As suas acções não correspondem às suas palavras. Tinha ficado combinado que ele me daria mil medidas de milhete, e só me deu quinhentas. Só me resta partir.

— Ir-te-ias embora, se eles te tivessem dado mais de mil medidas?

— Não — respondeu A Lian.

— Sendo assim, não te vais embora porque as suas acções não correspondem às suas palavras, mas porque crês que não recebeste o suficiente.

Continuando a falar, Mo Zi reentrou na cozinha e gritou:

— Geng Zhuzi!* Faz-me a pasta de milho!

Este que saía da sala era um jovem muito esperto.

— São as provisões para uma dezena de dias de marcha? — perguntou ele.

— É isso! — disse Mo Zi. — Gongsun Gao já partiu?

* Gong Zhuzi e, mais adiante, Cao Gongzi, Guan Qianao e Qin Huali eram discípulos de Mo Zi.

— Sim — disse Geng a rir-se. — Disse que descemos ao nível dos animais quando pregamos o amor universal sem honrar em primeiro lugar o nosso próprio pai.

Mo Zi também se começou a rir.

— Mestre ides ao reino Chu?

— Sim, também já sabes isso?

Enquanto Geng Zhuzi diluía a farinha de milho na água, Mo Zi tirou a sílex e a acendalha de artemísia e deitou fogo aos molhos de lenha para ferver a água. Com os olhos fixos nas chamas, disse lentamente:

— O nosso compatriota Gongshu Ban gosta de brincar com o pouco talento que tem de levantar ventos e tempestades. Ele incitou o rei de Chu a lutar contra os Yue quando lhes fabricou o arpéu e o pique;* ei-lo a inventar a chamada escada para escalar as muralhas, o que obriga o rei Chu a atacar o Estado dos Song. Este é um pequeno país; não poderá resistir; devo deter isso.

Quando Geng Zhuzi meteu os pequenos pães de milho na estufa, Mo Zi reentrou no seu quarto e tirou do armário um punhado de folhas de armole selvagem conservadas em água salgada, um faca de bronze estragado e um pano quadrado para envolver todos os pequenos pães de milho que Geng acabava de trazer. Não se importou com mudas de roupas, nem sequer com uma toalha de limpeza, apertou simplesmente o seu cinturão de couro, desceu ao pátio para enfiar as suas sandálias de palha, pôs o embrulho ao ombro e partiu sem voltar a cabeça. Rastos de vapor saíam ainda da trouxa.

— Mestre, quando voltareis? — gritou-lhe Geng atrás dele.

* Armas utilizadas nos antigos barcos de guerra chineses.

— Dentro de uma vintena de dias pelo menos — respondeu Mo Zi continuando a andar.

II

Quando Mo Zi passou a fronteira dos Song, as suas sandálias tinham-se partido já três ou quatro vezes e sentia uma queimadura na planta dos pés. Parou para ver. As solas estavam quase todas desfeitas e os pés estavam cobertos de calos e ampolas. Sem ligar, continuou o seu caminho. Segundo as observações feitas ao longo do percurso, a população não tinha diminuido, mas viam-se ainda por todos os lados traços das devastações provocadas pelas inundações e guerras durante os anos; não desapareciam tão rapidamente como as perdas humanas. Durante três dias de marcha, não tinha visto nem uma única grande casa, nem uma grande árvore, nem um homem vigoroso, nem um campo fértil, e foi assim que chegou à capital.

A muralha da cidade estava arruinada, mas já tinha sido reparada com pedras novas em vários sítios. Montes de lama acumulados à volta do fosso pareciam tê-lo transformado numa série de valas e alguns ociosos sentados nas imediações pareciam pescar.

"Possivelmente também já sabem da novidade", pensou Mo Zi.

Olhou-os de mais perto mas não encontrou nenhum dos seus alunos entre eles. Decidiu atravessar a cidade, aproximou-se da porta norte, seguiu a rua principal em direcção à porta sul. A cidade parecia deserta mas calma; as lojas arvoravam bandeirolas que anunciavam descontos, mas não havia compradores e além disso qualquer mercadoria. A rua estava cheia dum pó amarelo fino e que se colava ao corpo.

"E pensar que querem atacar isto", pensou Mo Zi.

Além da pobreza e do abandono não notou mais nada de particular na grande rua. A notícia de um próximo ataque do reino Chu contra a cidade já se teria possivelmente espalhado; mas era uma coisa tão corrente para os habitantes que até achavam isso natural. Por outro lado, desprovidos de roupa e víveres como se encontravam, nada mais lhes restando que a própria vida, ninguém pensava em ir refugiar-se em qualquer outro sítio. Quando o pavilhão fortificado da porta sul apareceu diante dele, viu um grupo de uma dezena de pessoas que estavam paradas a um canto e pareciam ouvir um orador.

À medida que se aproximava, Mo Zi viu que o homem brandia o punho no ar gritando:

— Devemos mostrar-lhes a alta moral do povo Song! Devemos estar preparados para a morte!

Mo Zi reconheceu a voz do seu discípulo Cao Gongzi.

Como não se queria misturar com a multidão para o saudar, passou depressa a porta sul e continuou o seu caminho. Depois de ter andado um dia e grande parte da noite, parou sob o alpendre do tecto de uma família de camponeses e dormiu até ao alvorecer. Levantou-se para retomar a marcha. As suas sandálias tinham-se desfeito, deixando de ter utilidade. Como houvessem ainda alguns pãezinhos de milho no quadrado de tecido, não o podendo por isso utilizar, rasgou um pano de seu fato para envolver os pés.

Cada vez lhe custava mais caminhar, porque o tecido era fino e o caminho pedragoso o que o fazia tropeçar

constantemente. À tarde, sentou-se sob uma pequena acácia, abriu o embrulho para almoçar e para descansar os pés. Viu ao longe um homem corpulento que, puxando um carrinho de mão muito carregado, se dirigiu para ele. Chegado ao lugar onde este se encontrava, pousou o carrinho, aproximou-se de Mo Zi e saudou-o apelidando-o de "Mestre". Estava ofegante e pegou numa ponta do fato para limpar a cara coberta de suor.

— É areia? — perguntou Mo Zi, tendo reconhecido nele o seu discípulo Guan Qianao.

— Sim, é para nos defendermos da escada de cerco.

— Como vão os outros preparativos?

— Nós recolhemos cânhamo, cal e ferragem, mas é muito difícil, aqueles que os têm não os querem dar e aqueles que contribuiriam não os possuem. Muitas vezes só obtemos palavras ocas. . .

— Ontem ouvi na cidade o discurso de Cao Gongzi que prorrogava ao falar de "moral elevada" e de "morrer". Diz-lhe que não se divirta com palavras misteriosas e vazias. Morrer não é uma coisa má, mas, é uma questão delicada. É preciso morrer pelo interesse do povo.

— Não é uma tarefa fácil! — respondeu Guan Qianao sem entusiasmo. — Há dois anos que é funcionário aqui, e recusa-se a falar connosco.

— E Qin Huali?

— Está muito ocupado. Acaba de ensaiar uma besta de repetição; e agora, examina provavelmente o terreno exterior à porta oeste. Foi por essa razão que o não encontrastes. Mestre, ides ao país Chu para vos encontrardes com Gongshu Ban?

— Exactamente — disse Mo Zi — contudo, não estou certo que ele me escute. Deveis continuar os vossos preparativos; sobretudo não contem muito com o sucesso das minhas diligências.

Guan Qianao concordou com um sinal de cabeça e viu partir Mo Zi, seguindo-o com o olhar durante uns momentos, depois, voltou a empurrar o seu carrinho em direcção à cidade.

III

A cidade de Ying,* capital do reino Chu, não tinha comparação com a do país Song. As ruas eram largas, as casas bem construídas e ordenadas; grandes lojas expunham numerosas mercadorias e de boa qualidade, telas de linho branco, pimentos vermelhos, peles de gamo matizado, grãos de lótus grandes e roliços. Os passantes pareciam dinâmicos e vigorosos embora fossem mais baixos do que as pessoas de norte. E perante a limpeza do seu vestuário, Mo Zi com o seu velho hábito e os pés amarrados com trapos, parecia um mendigo.

No centro da cidade, havia um grande praça onde estavam instalados numerosos balcões cheios de mercadorias e onde a multidão se comprimia, constituía um mercado importante ao mesmo tempo que um cruzamento. Mo Zi dirigiu-se a um velho com aparência de letrado e perguntou-lhe o caminho para casa de Gongshu Ban. Infelizmente, por causa da diferença dialectal, não se entenderam. No momento em que traçava os caracteres na palma da mão, levantou-se de repente um ruído e toda a gente começou a cantar. Era a célebre cantora Sai

* Situada actualmente na região do distrito de Jiangling, Hubei.

Xiangling que estava a entoar uma das suas árias: *Xia-li-ba-ren** e muita gente a acompanhava; pouco depois até o próprio velho letrado a trauteava entre dentes. Compreendendo que não valia a pena insistir com o seu interlocutor para olhar os caracteres que esboçava, Mo Zi afastou-se sem acabar de desenhar o caracter "gong". Entretanto cantava-se por todos os lados, não havia maneira de abordar quem quer que fosse. Demorou ainda bastante até que a calma se restabelecesse, o que aconteceu logo que a cantora acabou a sua interpretação. Mo Zi encontrou uma marcenaria onde pediu informação sobre a morada de Gongshu Ban.

— O mestre Gongshu é aquele homem de Shandong que inventou o arpéu e o pique? — disse o dono, um grande homem, com uma cara amarela emoldurada por uma barba negra que estava manifestamente bem informado. — Não mora longe daqui. Voltai para trás, passai o cruzamento, metei pela segunda rua a direita e andai em direcção do este, depois do sul e virais no canto norte, a terceira casa é a sua.

Mo Zi mostrou-lhe o que tinha escrito na palma de mão para confirmar que não havia enganos; depois de agradecer ao marceneiro caminhou rapidamente em direcção do local indicado. Com efeito, sobre a grande porta da terceira casa, havia uma placa de acaju finamente esculpida que tinha numa inscrição de seis caracteres: "Hotel de Gongshu Ban de Lu".

Mo Zi bateu à porta com o anel de cobre vermelho suspenso na goela de um animal fabuloso. Tac! Tac!

---

* Nome que se dava à música folclórica do Estado Chu.

Um porteiro com um físico pouco amável, sobrancelhas franzidas e olhar selvagem, surgiu e disse em voz alta:

— O meu patrão não recebe ninguém! Principalmente compatriotas que vêm aqui pedir auxílio!

Mal Mo Zi tinha tido tempo de lançar um breve olhar sobre o porteiro, a porta já estava de novo fechada. Voltou a bater. Não obteve resposta. Mas, aquele breve olhar impressionara o porteiro que se sentia mal com a sua consciência; foi, por isso, prevenir o patrão que, com um esquadro na mão, estava a medir o modelo da sua escada de cerco.

— Patrão, está ali outro vosso compatriota que veio pedir auxílio. . . Este homem parece-me um pouco bizarro. . . — disse o porteiro num murmúrio.

— Como se chama?

— Ainda lhe não perguntei — disse o porteiro amedrontado.

— Qual é o seu aspecto?

— Dir-se-ia um mendigo, cerca de trinta anos, alto, rosto muito queimado.

— Ah! É certamente Mo Zi!

Gongshu Ban soltou um grito de espanto, e largando o modelo e o esquadro, desceu a correr as escadas do terraço. Desnorteado, o porteiro ultrapassou o patrão para abrir a porta. Mo Zi e Gongshu Ban trocaram saudações no pátio.

— Na realidade, sois vós! — disse Gongshu Ban com alegria, enquanto conduziu o amigo para a sala. — Como tendes passado? Sempre muito ocupado?

— Sim, é sempre o mesmo.

— Para virdes de tão longe, mestre, que instruções tendes para me dar?

— No norte, houve alguém que me ultrajou — disse Mo Zi calmamente. — Peço-vos para o suprimir.

Gongshu Ban pareceu desgostoso.

— Dar-vos-ei dez moedas de prata — continuou Mo Zi. Ao ouvir esta frase, o seu anfitrião não pôde conter a cólera, a face alongou-se e respondeu friamente:

— Sou a favor da justiça e a minha consciência não me permite matar.

— Muito bem! — Mo Zi profundamente emocionado, saudou-o por duas vezes juntando as mãos e continuou calmamente. — Contudo, tenho algo a dizer-vos. No norte, soube que haveis construído uma escada de cerco destinada a atacar o país Song. Que crime cometeu? O país Chu possui mais terras do que as de que necessita e tem falta de população. Fazer massacrar homens onde estes já escasseiam para cultivar a terra, é isto uma prova de sabedoria? O país Song não cometeu nenhum crime, contudo atacam-no, é isto humanidade? Saber isto e não interceder não é sinal de lealdade. Interceder mas não conseguir persuadir o rei é sinal de falta de força. Em nome de justiça, recusar-se a matar um homem, mas aceitar que se matem multidões, é isso agir segundo a lógica? Mestre, em que pensais?

— É que. . . — Gongshu Ban reflectiu — Mestre, vós tendes inteira razão.

— E então, não é possível cancelar esse projecto?

— Impossível — diz Gongshu Ban desolado. — Já o submeti ao rei.

— Então, levai-me a ver o rei.

— Bem, é demasiado tarde, iremos depois da refeição.

Mo Zi não querendo ouvir nada, estava de busto inclinado como se fosse levantar-se. Gongshu Ban sabendo

que não levaria a sua avante, aceitou em levá-lo imediatamente à presença do rei. Voltou a entrar no seu quarto e trazendo fatos e sapatos disse sem rodeios:

— Contudo peço-vos, mestre, para que mudeis de roupa. Porque aqui não é como na nossa terra, tudo vai pela ostentação. Seria melhor que vos arranjásseis um pouco. . .

— Bem, bem! — respondeu Mo Zi com um ar natural. — Para dizer a verdade não é que goste de trazer hábitos em farrapos. . . mas não tive na verdade tempo. . .

IV

Sem a menor dificuldade, o rei Chu concedeu imediatamente audiência a Mo Zi logo que Gongshu Ban o apresentou, porque tinha ouvido falar dele como um dos grandes sábios do norte.

Mo Zi, vestido com um hábito demasiado curto que lhe dava um ar de uma grande garça-real, entrou na sala de acesso ao palácio na peugada de Gongshu Ban. Após ter saudado tranquilamente o rei, tomou a palavra:

— Ele é uma pessoa que desdenha tomar o seu próprio carro, mas cobiça a carroça desconjuntada do seu vizinho; que desdenha os seus fatos de seda bordada mas ambiciona a roupa usada de burel mesquinho do seu vizinho; que desdenha o arroz e carne, mas ambiciona a gluma e o farelo do seu vizinho; em que categoria deve ser colocado?

— É certamente um cleptomaníaco — disse o rei Chu sem malícia.

— O território Chu — disse Mo Zi. — Tem uma superfície de 5.000 *li* quadrados, o dos Song 500 unicamente; isto serve para comparar o carro com a carroça desconjuntada. Chu possui a grande pradaria de Yunmeng cheia de manadas de rinocerontes, de búfalos, de veados, de cervos; no Changjiang (rio Yangtse) rio Han abundam peixes, tartarugas, crocodilos, não há nenhuma região que seja tão rica. No país Song nem sequer se encontram faisões, lebres e carpas; é comparar o arroz e a carne com o caldo de farelo. O país Chu possui grandes pinheiros, ébanos, acajus, canforeiras; no país Song não há qualquer árvore grande; é comparar o fato de seda bordada com a roupa usada de burel mesquinho. Segundo a minha humilde opinião, o ataque projectado pelos vossos funcionários contra o Estado Song revela esta mesma mania.

— Também é verdade! — disse o rei Chu concordando com um abanar de cabeça. — Mas, Gongshu Ban já construiu a escada de cerco, devemos atacar de qualquer maneira.

— Contudo a vitória não está certa — disse Mo Zi. — Poder-se-ia fazer um ensaio se tivésseis algumas tábuas de madeira.

O rei que se interessava por todas as novidades, ficou encantando e mandou os seus cortesãos trazerem-lhe tábuas. Mo Zi tirou o seu cinturão de couro e pô-lo em forma de arco, com a parte convexa virada para Gongshu Ban, representando as muralhas de uma cidade; dividiu umas dezenas de tábuas em duas partes, uma para ele próprio, outra para Gongshu Ban. Estes seriam os engenhos de ataque ou de defesa.

Servindo-se cada um das suas tábuas como se se tratasse

de um jogo de xadres, começaram a competição. Um tentava a ofensiva, o outro a resposta; um lado recuava, o outro avançava; quanto ao rei e aos seus cortesãos, não compreendiam nada.

Nove vezes avançaram, nove vezes recuaram, quer isto dizer que possivelmente mudaram nove vezes de táctica. Depois disto, Gongshu Ban parou. Mo Zi virou então a parte convexa do cinturão para ele. Parecia ser ele que passava nessa altura ao ataque. Voltaram-se a repetir os mesmos movimentos de avanço e recuo. Mas à terceira vez uma das tábuas de Mo Zi penetrou no outro lado do cinturão.

Apesar da sua ignorância completa, quando o rei e os cortesãos viram Gongshu Ban depor a primeira das suas tábuas com um ar desapontado, compreenderam que ele tinha perdido tanto ao ataque como à defesa.

O rei mostrava um pouco de decepção.

— Eu sei a forma como vos vencer — disse Gongshu Ban com um pouco de génio. — Mas não a direi.

— Eu também conheço o vosso método — replicou Mo Zi com calma. — Mas também o não direi.

— O que dizeis? — perguntou o rei estupefacto.

— A ideia do mestre Gongshu Ban — respondeu Mo Zi voltando-se — é simplesmente de me suprimir; ele crê uma vez que eu morra, Song não terá defesa e que podê-la-eis atacar. Mas meu discípulo Qin Huali e com mais trezentos discípulos estão armados com os meus engenhos defensivos e esperam na muralha de Song o inimigo vindo de Chu. Mesmo que me mateis, não conseguireis tomar a cidade.

— Que manobra engenhosa! — disse o rei. — Já que é assim não atacarei o país Song.

V

Depois de ter dissuadido Chu de atacar os Song, Mo Zi queria voltar imediatamente ao país de Lu, mas como tinha de devolver as roupas emprestadas por Gongshu Ban, teve de voltar a casa dele. Era de tarde e tanto o dono da casa como o visitante tinham muita fome. Naturalmente Gongshu Ban insistiu para que Mo Zi almoçasse, ou melhor jantasse, com ele e que passa-se lá a noite.

— Todavia, é preciso que parta hoje — disse Mo Zi. — Eu voltarei no ano que vem para que o rei dê uma vista de olhos ao meu livro.

— Nele ainda tratais da justiça? — disse Gongshu Ban. — Fatigar o corpo e a alma para salvar aqueles que estão em perigo ou na miséria, é próprio dos humildes; os homens importantes não se ocupam disso. Ora, ele, é o rei, lembrai-vos disso, meu caro compatriota!

— Isso não é exacto. A seda, o cânhamo, o arroz, o milhete são produzidos pelos humildes, mas os homens importantes têm necessidade deles; isto ainda se torna mais premente no que diz respeito à justiça.

— Com efeito — disse Gongshu Ban, cheio de calor. — Antes de vos ter visto, eu queria conquistar o país Song e após a vossa visita mesmo que mo dessem eu não o quereria se isso não fosse justo. . .

— Nesse caso eu dar-vos-ia de presente do país Song — disse Mo Zi, de bom humor. —Eu dar-vos-ia mesmo o universo se praticásseis sempre a justiça.

Simultaneamente que os dois homens trocavam estas cortesias, tinha sido servido o almoço; havia peixe, carne de porco e vinho. Como não ingerisse nem vinho, nem peixe, Mo Zi só comeu um pouco de carne. Gongshu Ban bebia só e sentia-se embaraçado ao ver que o seu convidado não se servia muito nem da faca, nem da colher.

— Comei então isto! — aconselhou-o cordialmente apontando-lhe o puré de pimento salgado e as bolachas. — Provai um pouco, não são más. O alho francês não é tão grande como o do nosso país. . .

Gongshu Ban depois de ter tomado várias taças de vinho ainda estava mais alegre.

— Para as batalhas navais inventei o arpéu e o pique; a vossa justiça também tem arpéu e pique? — perguntou.

— O arpéu e o pique da minha justiça valem mais que os vossos — respondeu Mo Zi com firmeza. — Eu agarro com o amor, empurro com o respeito. Não lançar o arpéu com amor, não é unir-se aos homens, não empurrar por respeito leva o andar com rodeios; não unir e andar com rodeios significa cortar com alguém. E além do mais amar e respeitar representa um interesse comum. Se agora atacardes lançando o arpéu, far-vos-ão o mesmo; se empurrardes as pessoas com o pique, eles responderão da mesma maneira; atacam-se e empurram-se mutuamente, é a destruição comum. Esta é a razão porque o arpéu e o pique da minha justiça valem muito mais do que os vossos das batalhas navais.

— Mas, meu caro compatriota, ao praticardes a justiça, quase que partisteis a minha taça de arroz! — interrompeu Gongshu Ban para mudar a conversa após esta resposta torta e também porque, não sendo grande bebedor, estava um pouco embriagado.

— É melhor quebrar todas as tigelas de arroz que o Estado de Song.

— Segundo a vossa opinião, fico reduzido ao fabrico de brinquedos. Esperais, caro compatriota, eu mostrar-vos-ei alguns.

Com estas palavras, levantou-se e dirigiu-se ao quarto onde procurou, parecia, alguma coisa no baú. Pouco depois, voltou, trazendo na mão uma pega feita de madeira e bambu; estendeu-a a Mo Zi e disse-lhe:

— Basta montá-la e voará durante três dias. É engenhoso, não é?

— Menos do que a roda fabricada pelo carpinteiro — disse Mo Zi; e depois de ter examinado durante uns instantes a ave, pô-la sobre a esteira. — O carpinteiro junta três pedaços de madeira e com isso pode-se transportar uma carga de cinquenta picos. Todo o que é útil ao homem é engenhoso e bom; tudo o que não é útil não passa de tonteiras e portanto más.

— Oh, tinha-me esquecido — disse Gongshu Ban saindo do torpor em que o tinha deixado esta segunda derrota. Eu deveria ter adivinhado o que iríeis dizer.

— Por consequência, basta-vos manter no caminho da justiça — disse Mo Zi com sinceridade mergulhando o seu olhar nos olhos do seu anfitrião. — Não só sereis considerado engenhoso, mas tereis o universo convosco. Bem já vos ocupei meio-dia. Eu voltarei para vos ver no ano que vem.

Mo Zi pegou na sua pequena trouxa à medida que falava e despediu-se do seu anfitrião. Sabendo que nada o impediria de partir, Gongshu Ban deixou-o ir. Depois de o ter acompanhado até à porta, voltou para casa, reflectiu um pouco e guardou o modelo da escada de cerco e a pega num baú da câmara do fundo.

Mo Zi andava mais lentamente no caminho de regresso.

Primeiro por causa da fadiga, depois das dores que tinha nos pés; por outro lado, tinha fome pois as suas provisões tinham-se acabado e, finalmente, como tinha tratado dos assuntos não tinha tanta pressa como à ida. Contudo, teve uma série de contratempos no regresso: Mal passara a fronteira Song fora revistado duas vezes. Ao aproximar-se da capital, encontrou o grupo de recolha de fundos para a salvação nacional* que lhe tirou o seu pequeno embrulho à guisa de subscrição. Chegado à porta sul, caiu uma grande chuvada; como se tivesse abrigado sob a porta foi expulso por guardas que estavam em patrulha armados de alabardas. Molhado até aos ossos, ficou com o nariz tapado durante mais de uma dezena de dias.

Agosto, 1934

* É uma alusão a uma prática do governo do Kuomintang na época. Em lugar de resistir à agressão japonesa, fazia colectas de fundos para "a salvação nacional" por pretensas "organizações populares" a fim de enganar e explorar ainda mais o povo.

O Ressuscitado

Um vasto terreno com pequenas elevações cujas mais altas não ultrapassam os seis ou sete pés; nem uma única árvore. Ervas bravias crescem por toda a parte, atravessadas por um carreiro traçado pelos passos dos homens e dos cavalos. Ao longe vê-se um lago e no horizonte casas.

Entra Zhuang Zi. Tem um rosto magro e bronzeado, barba grisalha e com um boné taoísta na cabeça; está vestido com um fato de tela e tem um chicote na mão.*

ZHUANG ZI: Não bebi nada antes de sair de casa e agora tenho sede. Ter sede não é brincadeira; na verdade, queria metamorfosear-me numa borboleta. Mas não há flores aqui. . . Oh! um lago, que sorte! Que sorte! (*Corre para a beira do lago, afasta as plantas aquáticas, ampara a água nas palmas das mãos e bebe uma dezena de golos.*) Oh! Assim estou melhor! Vou continuar o meu caminho. (*À medida que caminha lança um olhar em volta.*) Ai! Um crânio! Quem será! Como terá aparecido aqui. (*Com a ponta do chicote afasta as ervas e bate no crânio.*) Teriam sido a tua cobardia e os teus actos ignóbeis que te reduziram a isto? (*Toc, toc.*) Ou teria sido a perda das tuas terras ou uma execução capital que te puseram assim? (*Toc, toc.*) ou teria sido o malogro das tuas empresas e a vergonha de enfrentar os teus pais, mulher e filhos? (*Toc, toc*). Não sabias que o suicídio é uma cobardia? (*Toc, toc, toc.*) Ou teria sido a falta de comida e de roupa que te reduziram a isto? (*Toc, toc.*) Ou seria por morte natural, devido à tua avançada idade? (*Toc, toc.*) Ou talvez. . . Ai! Como sou estúpido, parece que estou a viver a cena. Como é que ele me pode responder? Felizmente, o país Chu não está muito longe e, visto não estar apressado, vou invocar o deus do Destino para que devolva a este homem a sua forma e carne; deste modo, eu falarei um pouco com ele e poderá entrar na sua terra natal e reunir-se aos seus. (*Pousa o chicote, e, virando-se em direcção ao oriente, juntou as mãos e gritou a plenos pulmões*). magnânimo deus do Destino, de toda a minha fé, eu vos saúdo!. . . (*Numa lufada de vento lugubre aparecem numerosos fantasmas, de cabelos eriçados ou de cabeças rapadas, magros e gordos, homens e mulheres, velhos e jovens.*)

OS FANTASMAS: Zhuang Zhou, estúpido verme! Mesmo com a barba grisalha, és o mesmo tacanho de sempre? Para os mortos, não há estações nem mestre. Libertos do espaço e do tempo, temos a liberdade de um imperador. Não te metas nos assuntos dos outros e vai depressa para o país Chu tratar das coisas que te dizem respeito. . .

ZHUANG ZI: Vocês é que são imbecis fantasmas, con-

* Zhuang Zi ou Zhuang Zhou era um cidadão do Estado Song (actual Henan) na Época dos Reinos Combatentes. Tinha um cargo público em Qiyuan e foi um dos primeiros adeptos do taoísmo. A obra *Zhuang Zi*, em trinta e três capítulos, é-lhe atribuída. A história aqui relatada é tirada do capítulo intitulado "Alegria Suprema" desta obra.

tinuais tacanhos mesmo depois da morte. É preciso saber que a vida é a morte e a morte é a vida; os servos são os mestres. Eu que atingi as fontes da vida, não serei afectado pela vossa influência demoníaca.
OS FANTASMAS: Seja, ir-vos-ei cobrir de vergonha.
ZHUANG ZI: protegido por decreto do rei de Chu, como poderei ter medo das vossas ameaças? (*Saúda de novo o céu, mãos juntas e elevando a voz.*)
Eu vos saúdo com toda a minha fé, magnânimo deus do Destino!

O céu é azul, a terra amarela,
Vasto e deserto é o universo.
O sol baixa e a lua sobe,
As estrelas ordenam-se em constelações.
Zhao, Qian, Sun, Li,
Zhou, Wu, Zheng, Wang,
Feng, Qin, Chu, Wei,
Jiang, Shen, Han, Yang.*

Por ordem urgente do grande patriarca taoísta, vinde! vinde! vinde!
(*Com uma lufada de vento puro aparece a oriente a imagem vaporosa do deus do Destino, com o penteado taoísta e usando um traje de tela. A sua cara magra e morena, ornada com uma barba grisalha e com um chicote na mão. Os fantasmas desaparecem imediatamente.*)

* As quatro primeiras linhas reproduzem as quatro primeiras frases do manual escolar *Os Mil Caracteres;* enquanto as últimas quatro são as primeiras frases dos *Nomes das Cem Famílias,* livro de leitura do mesmo género; não são verdadeiras invocações taoístas.

O DESTINO: Zhuang Zhou, porque motivo voltas a apelar-me? A tua sede foi apaziguada, será que queres exceder os limites do teu poder?
ZHUANG ZI: Ao passar por aqui para visitar o rei de Chu, vi um crânio que ainda tem forma humana. Ele deve ter parentes, mulher e filhos. Ele morreu aqui, ai, é verdadeiramente lamentável! Por isso eu vos imploro, Deus magnânimo, para que restituais a sua forma e a sua carne, que o façais ressuscitar para voltar ao seu país natal.
O DESTINO: Ha! Ha! Essas palavras não são sinceras. Ocupas de coisas que não te dizem respeito embora tenhas a barriga vazia. As tuas palavras não são sérias, e também não são brincadeiras. É melhor que continues o teu caminho e não me incomodares. "A vida e a morte só dependem do destino"; é difícil decidir de ânimo leve.
ZHUANG ZI: Deus magnânimo, estais enganado. Na realidade, não existe nem vida, nem morte. Eu, Zhuang Zhou, sonhei que me tinha metamorfoseado em borboleta, uma borboleta que volteia por aqui e alí; ao despertar, voltei a ser Zhuang Zhou, um Zhuang Zhou que tem pela frente uma série de preocupações. Foi Zhuang Zhou que sonhou que se tinha metamorfoseado em borboleta ou o contrário? A questão ainda não está esclarecida. Assim, quem pode saber se este crânio não está vivo e o pretenso regresso à vida não seria justamente a morte? Peço-vos, Deus magnânimo, para que aceiteis de boa vontade o meu pedido. Para ser homem é preciso destreza; para um deus basta um capricho.
O DESTINO (*sorrindo*): Tu és daqueles que são hábeis nas palavras, mas incapazes de agir, um homem, não um deus. . . Bem, tentemos o que pedes.

(*O deus do Destino apontou o seu chicote para as ervas e desaparece imediatamente. Um homem surge entre o clarão de uma chama no local indicado. É um folgazão com cerca de trinta anos, um rosto moreno avermelhado, um comportamento de camponês. Está totalmente nu. Depois de ter esfregado os olhos com os punhos, retoma o conhecimento e apercebe-se de Zhuang Zi.*)

HOMEM: Eh!

ZHUANG ZI: Eh! (*Aproxima-se dele sorrindo e examina-o com curiosidade.*) O que é que te aconteceu?

HOMEM: Ai! Ai! Estive a dormir. E contigo o que se passou?

(*Olha à esquerda e à direita e grita.*) Ai! Onde está o meu pacote e o meu guarda-chuva? (*Olhando para si próprio.*) Ai. . . Ai! Onde está a minha roupa? (*Deita-se por terra.*)

ZHUANG ZI: Acalma-te! Tranquiliza-te! Acabaste de voltar à vida. Todas as tuas coisas há muito que apodreceram ou foram levadas por alguém.

HOMEM: O que dizes?

ZHUANG ZI: Em primeiro lugar, como te chamas? E donde vens?

HOMEM: Eu sou o mais velho dos Yang da aldeia dos Yang, e chamam-me de Bigong.

ZHUANG ZI: O que vinhas fazer aqui?

HOMEM: Ia visitar parentes e não sei como fiquei cheio de sono. (*Muito inquieto.*) Onde está a minha roupa? O meu embrulho e o meu guarda-chuva?

ZHUANG ZI: Acalma-te! Tranquiliza-te! Diz-me em que época vivias?

HOMEM (*estupefacto*): O quê?. . . O que quer dizer em que época?. . . A minha roupa?. . .

ZHUANG ZI: Na realidade és muito estúpido. Só te importas com a tua roupa, um egoísta. Quando só te conhecemos por "homem", como te podes preocupar com a tua roupa? É por isso que te pergunto em que época viveste? Oh! Oh! Não compreendes. . . (Após reflexão) Bom, diz-me o que se passou na tua aldeia quando vivias?

HOMEM: Um acontecimento? Isso é o que não falta. Ontem, a mulher de Segunda Cunhada discutiu com a Sétima Velha.

ZHUANG ZI: Esse não é suficientemente importante!

HOMEM: Não é suficientemente importante?. . . Então, Yang Xiaosan recebeu honras póstumas pela sua piedade filial.

ZHUANG ZI: Recordas as honras póstumas, é um acontecimento importante. . . mas por isso é difícil fixar uma data. . . (*Depois de ter reflectido um instante*) Há quaisquer outros acontecimentos mais importantes que tenham causado problemas?

HOMEM: Problemas?. . . (*Reflectindo um instante.*) Oh! Sim, sim! Há três ou quatro meses. Queriam levar as almas das crianças para consolidar as fundações de Lutai,* toda a aldeia se começou a agitar como criação ou cães açulados. Fizeram-se amuletos para as crianças os trazerem. . .

ZHUANG ZI (*Espantado*): Lutai? Há quanto tempo começou esse reconstrução?

HOMEM: Lutai que começaram a construir, há três ou quatro meses. . .

ZHUANG ZI: Então morreste no tempo do rei Zhou!

---

* Lutai, o lugar onde o tirano da Dinastia Shang se suicidara. Ver 4º conto desta antologia.

É formidável! Isso significa que há mais de quinhentos anos que estás morto.
HOMEM (*um pouco irritado*): Mestre, é a primeira vez que nos encontramos, não se deve gracejar. Acabei de fazer uma pequena soneca; porque dizeis que estou morto há quinhentos anos? Tenho assuntos sérios a tratar, visitar os meus parentes. Dai-me depressa a minha roupa, o meu embrulho e o meu guarda-chuva. Não tenho tempo para ter brincadeiras convosco.
ZHUANG ZI: Calma, calma, deixa-me reflectir um pouco. Como é que adormeceste?
HOMEM: Como adormeci? (*Reflectindo*) Cheguei aqui esta manhã, parece que levei um golpe na cabeça e adormeci.
ZHUANG ZI: E isso fez-te mal?
HOMEM: Parece-me que não.
ZHUANG ZI: Estou a ver. . . (*Reflectindo*) Sim. . . já compreendi. Certamente no tempo do rei Zhou da Dinastia Shang, como passaste só por aqui, encontraste um assaltante que te deu um golpe pelas costas que te matou. Ele levou todos os teus pertences. Estamos agora na Dinastia Zhou, há mais de quinhentos anos disso. Como poderias reencontrar a tua roupa? Compreendeste?
HOMEM (*Olhando fixamente para Zhuang Zi.*): Não percebi nada, mestre, deixai-vos de brincadeiras e dai-me a minha roupa, o meu embrulho e o meu guarda-chuva. Tenho negócios sérios a tratar: visitar os meus parentes. Não posso perder tempo com ninharias!
ZHUANG ZI: Tu és na realidade estúpido. . .
HOMEM: O que significa estúpido? Eu perdi as

minhas coisas e apanhei-te a roubá-las. Quem o poderia ter feito a não ser tu? (*Levanta-se.*)
ZHUANG ZI (*desnorteado*): Escuta-me: Tu não passavas de um crânio. Tive pena de ti e pedi ao deus do Destino que te devolvesse a vida. Reflecte um pouco: se morreste há tantos séculos, como poderias conservar a tua roupa! Não te peço agradecimento; assenta-te e conta-me como era no tempo do rei Zhou. . .
HOMEM: Que lengalenga! Mesmo uma criança de três anos não te acreditaria e eu tenho trinta e três! (*Ele aproxima-se.*) Tu. . .
ZHUANG ZI: Eu tenho efectivamente este poder. Deves saber da existência de Zhuang Zhou de Qiyuan.
HOMEM: Desconheço. Para que serve esse poder, admitindo que o possuis? Eis-me nu completamente, para que serviu este regresso à vida? Como poderei visitar os meus parentes? Eu já perdi o meu embrulho. . . (*Quase a desfazer-se em lágrimas, segura Zhuang Zi pela gola.*) Eu não acredito nas tuas patranhas. Estás aqui só. É a ti que tenho de pedir os meus pertences! Levar-te-ei perante o chefe da aldeia!
ZHUANG ZI: Calma, calma, as minhas roupas estão usadas não as puxes! Escuta: não te aborreças por isso do vestuário; as roupas não são indispensáveis. Tê-las pode ser considerado justo; não as ter também o pode ser. A ave está coberta de penas, o quadrúpede de pelos, mas, o pepino, a berinjela estão completamente despidas. Se "uns têm razão, os outros também não a deixam de ter". Evidentemente que não é correcto andar despido, mas poderás demonstrar que é sempre correcto andar vestido?
HOMEM (*Encolerizado*): O diabo que te leve! Mato-te

já se não me devolveres os meus pertences! (*Ergue um punho cerrado e segura Zhuang Zi com a outra mão.*)

ZHUANG ZI (*Muito embaraçado, tentando aparar o golpe*): Ousarias comportar-te de uma forma tão grosseira? Deixa-me! Senão invocarei o deus do Destino que te dará a morte!

HOMEM (*larga a presa ao mesmo tempo que ri zombando*): Bom, mata-me. Senão, dá-me as minhas roupas, o meu chapéu de chuva e o meu embrulho que contém cinquenta e duas moedas, uma libra e meia de açúcar, duas libras de açofeifa. . .

ZHUANG ZI (*Solenemente*): Não terás pena?

HOMEM: Para o diabo as penas!

ZHUANG ZI (*Resolutamente*): Bem! Já que és tão ignorante o melhor é voltares o teu antigo aspecto. (*Volta-se para leste, saúda o céu juntando as mãos e eleva de novo a voz.*) Eu vos saúdo com toda a minha fé, magnânimo deus do Destino!

O céu é azul, a terra amarela,
Vasto e deserto é o universo.
O sol baixa e a lua sobe,
As estrelas ordenam-se em constelações.
Zhao, Qian, Sun, Li,
Zhou, Wu, Zheng, Wang,
Feng, Qin, Chu, Wei,
Jiang, Shen, Han, Yang.

Por ordem urgente do grande patriarca taoísta, vinde! Vinde! Vinde!

(*Passa-se um prolongado instante, nada acontece.*)

O céu é azul, a terra amarela!

O grande patriarca! Vinde! Vinde! Vinde!. . . Vinde!

(*Passa-se outro instante; nada acontece.*)

(*Zhuang Zi olha a sua volta e deixou cair lentamente as mãos.*)

HOMEM: Estou morto ou não?

ZHUANG ZI (*abatido*): Não sei porquê, desta vez, não é eficaz. . .

HOMEM (*lançando-se sobre ele*): Então, acaba com as tuas patranhas, dá-me a minha roupa!

ZHUANG ZI (*recua alguns passos*): Ousas pôr a mão sobre mim, tu um bárbaro que não tens qualquer sentido de filosofia!

HOMEM (*agarrando-lhe o colarinho*): És um ladrão! Um conselheiro de bandidos! Vou-te despojar do teu fato taoísta e ficar com o teu cavalo como compensação.

(*Zhuang Zi resiste-lhe e ao mesmo tempo tira um apito da manga do hábito taoísta e solta três apitadelas estridentes. O homem, admirado, pára o seu movimento. Pouco depois vê-se surgir ao longe um polícia.*)

POLÍCIA (*Vai gritando ao correr*): Parai-o! Não o deixeis! (*Aproxima-se. É um folgazão do país de Lu de uniforme e quépi, um bastão de polícia na mão, de rosto avermelhado e imberbe.*) Segura-o bem! Este sujo!

HOMEM (*agarrando Zhuang Zi*): Segura-o! Este sujo!

(*O polícia segura Zhuang Zi pela gola e brande o bastão. O homem larga a presa e baixa-se protegendo com as duas mãos o baixo-ventre.*)

ZHUANG ZI (*imobilisando o bastão e inclinando a cabeça*): O que é que isto significa?

POLÍCIA: O que isto significa? Não compreendes por ti próprio?

ZHUANG ZI (*indignado*): Como, chamei-te e tu prendes-me?
POLÍCIA: O quê?
ZHUANG ZI: Fui eu que apitei. . .
POLÍCIA: Tiraste às pessoas as roupas e fostes tu que apitaste, que canalha!
ZHUANG ZI: Eu sou um simples passante que encontrei este homem morto aqui; fí-lo voltar à vida e agora ele agarra-me e acusa-me de lhe ter roubado as suas coisas. Olha bem para mim, tenho por acaso ar de ladrão?
POLÍCIA (*baixando o bastão*): "Vê-se o homem e o seu rosto, mas não o seu coração" e quem pode saber. Vamos ao posto.
ZHUANG ZI: É impossível! Tenho de continuar o meu caminho para visitar o rei de Chu.
POLÍCIA (*Confuso, larga a presa e olha Zhuang Zi atentamente*): Como vós sois o senhor de Qi. . .
ZHUANG ZI (*encantado*): Exactamente! Eu sou Zhuang Zhou, o dignatário de Qiyuan. Como o sabes?
POLÍCIA: O nosso comissário tem falado nestes últimos tempos muito em vós, dizendo que iríeis possivelmente passar por aqui para irdes fazer fortuna no país Chu. O nosso chefe é também um ermita ocasionalmente encarregado duma função e que gosta de ler as vossas obras. Por exemplo *Sobre a Igualdade das Coisas*. Aí pode-se ler: "no momento que surge a vida, começa a morte, e no momento da morte começa a vida, com o possível surge o impossível, com o impossível surge o possível"; que força! Que bom o artigo! Vinde repousar um pouco no nosso escritório!
(*O homem terrificado recua na erva e agacha-se.*)
ZHUANG ZI: Faz-se tarde; tenho de me pôr a caminho

e não me posso demorar mais. Apresentarei as minhas homenagens ao vosso honrado chefe quando voltar.
(*À medida que fala Zhuang Zi afasta-se e monta o cavalo; no momento em que ia montar, o homem surge das ervas, corre para ele e detem o cavalo. O polícia também se precipita e agarra o homem pelo braço.*)
ZHUANG ZI: Ainda me importunas?
HOMEM: Vais partir, eu não tenho nada, que devo fazer? (*Vira-se para o polícia.*) Veja, senhor polícia. . .
POLÍCIA (*coçando a orelha*): Bem, é na realidade um caso difícil. . . mas, mestre. . . segundo a minha opinião (*Olha fixamente para Zhuang Zi.*) sois vós o mais poderoso, dai-lhe qualquer roupa para esconder a sua vergonha. . .
ZHUANG ZI: Naturalmente que é uma coisa fácil de fazer, porque as roupas não me pertencem por natureza. Todavia desta vez vou visitar o rei Chu, sem fato é impossível, o mesmo acontece em relação à camisa. . .
POLÍCIA: É verdade, não o podemos despir. (*Voltando-se para o homem.*) Deixa-o.
HOMEM: Eu tenho de visitar parentes. . .
POLÍCIA: Que língua! Levar-te-ei para o posto se continuas a aborrecer-nos! (*Levanta o bastão.*) Vai-te!
(*O homem dá meia volta, o polícia segue-o até às ervas.*)
ZHUANG ZI: Até à vista! Até à vista!
POLÍCIA: Até à vista! Até à vista! Boa viagem!
(*Zhuang Zi monta e parte. Com as mãos atrás das costas, o polícia vê-o afastar-se a pouco e pouco entre uma nuvem de poeira; depois volta-se lentamente e encaminha-se para o lugar de onde veio.*)
(*O homem surge subitamente e segura-o por uma prega do seu uniforme.*)

POLÍCIA: O que estás a fazer?
HOMEM: O que devo fazer?
POLÍCIA: Como o posso saber?
HOMEM: Tenho de visitar os meus parentes. . .
POLÍCIA: Vai visitá-los.
HOMEM: Eu não tenho roupa.
POLÍCIA: Sem roupa, não se pode visitar os parentes?
HOMEM: Tu deixaste-o partir. E agora queres safar-te; não tenho ninguém a não ser tu que me possa ajudar. A que outra pessoa me dirigir? Vê, como posso continuar a viver assim!
POLÍCIA: Já te disse o suicídio é um acto cobarde!
HOMEM: Então, procura-me um meio!
POLÍCIA (*com desprendimento*): Eu não vejo nenhum!
HOMEM (*agarrando a manga do polícia*): Nesse caso leva-me, leva-me ao posto!
POLÍCIA (*soltando a manga*): É impossível! Nu como estás, como poderias andar na rua. Tira daí a mão!
HOMEM: Nesse caso, empresta-me umas calças!
POLÍCIA: Não tenho mais do que estas; o que me aconteceria se tas emprestasse? (*Liberta-se com força.*) Nada de estupidez! Tira a mão!
HOMEM (*agarrando-lhe o colarinho*): Eu quero de qualquer maneira ir contigo!
POLÍCIA (*embaraçado*): Impossível!
HOMEM: Então não te deixarei partir!
POLÍCIA: Então o que queres?
HOMEM: Quero que me leves ao posto!
POLÍCIA: Que diabo! Para que serve levar-te? Pára com essas idiotices! Deixa-me! Senão... (*Debate-se com todas as suas forças.*)

HOMEM (*agarrando-se a ele ainda com mais força*): Doutra forma, eu não poderei visitar os meus parentes e não serei digno de ser um homem. Duas libras de açofeifa, uma libra e meia de açúcar... Tu deixaste-o, vamos lutar até à morte. . .
POLÍCIA (*debatendo-se*): Pára com essas idiotices! Deixa-me! Senão. . . senão. . . (*Tira o apito e sopra desesperadamente.*)

Dezembro, 1935

故 事 新 编
鲁 迅 著
*
外文出版社出版
（中国北京百万庄路24号）
外文印刷厂印刷
中国国际图书贸易总公司
（中国国际书店）发行
北京399信箱
1986年（34开）第一版
编号：（葡）10050—1216
00380
10—P—456P

CONTOS ANTIGOS CONTADOS DE UMA MANEIRA NOVA é uma das colecções de histórias antigas recolhidas por Lu Xun.

Esta publicação contêm oito contos baseados em fábulas e lendas da China antiga.

A técnica de Lu Xun quanto aos contos históricos era "pegar num assunto e rescrevê-lo de uma forma livre, acrescentando algum colorido pessoal", por outras palavras "usando temas antigos para satirizar o presente". "O Forjador de Espadas", expressa todo o desejo do povo oprimido à resistência e à vingança; "O Dilûvio Dominado", "Não à Agressão" e "A Travessia da Passagem", etc., ridicularizam os absurdos do regime traidor do Kuomintang e dos "intelectuais" reaccionários. O espírito forte e militante de Lu Xun revela-se através da colectânea e a sua forma de combinar o romântico com o realismo acrescenta muita beleza às suas histórias.

NOVOS LIVROS

HISTÓRIA DA CHINA

GEOGRAFIA DA CHINA

PANORAMA DA CHINA

BREVE HISTÓRIA DA LITERATURA CLÁSSICA CHINESA

O PUNHAL MÁGICO

DUELO ENTRE O BÚFALO E O TIGRE

A JOVEM PAVOA

AS SETE IRMÃS

EDIÇÕES EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, BEIJING